

*Verónica Susana Martins Alves e Neves*

**PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

***CONTRIBUTO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
AUTOAVALIAÇÃO E NA MELHORIA EDUCATIVA DE UMA  
ESCOLA SECUNDÁRIA***



Porto, 2017



*Verónica Susana Martins Alves e Neves*

**PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

***CONTRIBUTO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
AUTOAVALIAÇÃO E NA MELHORIA EDUCATIVA DE UMA  
ESCOLA SECUNDÁRIA***



Porto, 2017

*Verónica Susana Martins Alves e Neves*

**PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

***CONTRIBUTO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
AUTOAVALIAÇÃO E NA MELHORIA EDUCATIVA DE UMA  
ESCOLA SECUNDÁRIA***

Projeto apresentado à Universidade Fernando  
Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do  
grau de Mestre em Docência e Gestão da Educação:  
Administração Escolar e Administração Educacional,  
sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Luísa Saavedra.

*"A escola deve utilizar todas as oportunidades de contacto com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas.*

*Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano."*

*Paro (2007, p.30)*

## **Resumo**

Com o objetivo de perceber qual o contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária da Região Autónoma da Madeira pretende-se neste estudo, fazer uma abordagem da interação entre a família/encarregados de educação e a escola e o contributo da primeira no processo de autoavaliação da segunda.

A Escola tem solicitado a presença dos encarregados de educação nos seus órgãos e criado alguns mecanismos que possibilite a sua participação. Nesta política de gestão escolar participada, existe outro estímulo que dá relevância a este estudo, na perspetiva das interações entre as famílias e a escola: a necessidade de prestação de contas, imposta com a publicação da Lei n.º 31/2002, de 20 de dezembro, que aprova o sistema de avaliação da educação e do ensino não superior que se aplica aos estabelecimentos de educação pré-escolar e de ensino básico e secundário da rede pública, privada, cooperativa e solidária e da Portaria n.º 245/2014 de 23 de dezembro, que aprova o regime jurídico da Aferição da Qualidade do Sistema Educativo Regional da Região Autónoma da Madeira.

Trata-se de um estudo de caso no qual, partindo da literatura especializada, a informação foi recolhida através da realização de entrevistas semi-estruturadas. Pretende-se mostrar as funções da escola e da família, no que respeita a atribuição de responsabilidades e saber qual a participação dos encarregados de educação na organização escolar, tendo em conta o modelo de organização escolar participada. Pretende-se também conhecer o impacto da participação das famílias na concretização do processo de autoavaliação da escola e o seu contributo, num sistema de representações favoráveis à resolução partilhada de problemas nos domínios da educação no ensino secundário.

**Palavras-chave:** Família; Escola; Participação; Contributo; Autoavaliação; Ensino Secundário

## **Abstract**

In order to understand the contribution of the family participation in the self-assessment and the educational improvement of a secondary school in the Autonomous Region of Madeira, this study intends to make an approach to the interaction between family / parents and school and their contribution to the school's self-evaluation process.

School has requested the presence of parents in its decisions and created some mechanisms that enable its engagement. In this policy of participatory school management, there is another stimulus that gives relevance to this study, in the perspective of the interactions between families and the school: the need for accountability, imposed with the publication of Law no. 31/2002, of 20 of December, which approves the system for the evaluation of preschools and basic and secondary education establishments and Ordinance No. 245/2014 of 23 of December, which approves the legal regime for the Quality Assessment of the Regional Education System of the Autonomous Region of Madeira.

It is a case study in which, from the specialized literature, information was collected through semi-structured interviews. It is intended to show the role and responsibilities of the school and of the family, regarding each other. We also want to know the importance given to the parents' participation in the school management, taking into account the model of participatory school organization. The intention is also to know the engagement of families in the process of school's self-assessment and its contribution, in a system of representations favorable to the shared resolution of problems in the domains of secondary education.

**Key-words:** Family; School; Participation; Engagement; Self-assessment; Secondary Education

## **Agradecimentos**

A realização deste projeto só foi possível graças ao apoio, ao carinho e à simples presença de tantos que, juntamente com o trabalho, esforço e dedicação, me fizeram chegar até esta meta. Cabe-me aqui, prestar-lhes o meu maior reconhecimento:

À Professora Doutora Luísa Saavedra, o meu especial agradecimento pelas valiosas críticas e sugestões, apoio profícuo em todas as fases deste trabalho e disponibilidade constante.

À escola, pais e professores anónimos, sem os quais não seria possível a realização do estudo empírico, pela colaboração desinteressada na partilha das suas vivências pessoais e profissionais.

À Alzira e à Margarida, pelo companheirismo, partilha de angústias, brincadeiras e grandes momentos de amizade.

Aos homens da minha vida – Rómulo, Rodrigo e Tiago - pelo apoio incondicional e compreensão de todas as minhas “ausências”.

A todos, o meu maior agradecimento.

<b>Índice</b>	<b>Pág.</b>
Resumo .....	vi
Abstract .....	vii
Agradecimentos .....	viii
Índice .....	ix
Índice de figuras .....	x
Índice de siglas .....	xi
Índice de quadros .....	xii
 Justificação do Projeto .....	 13
 <b>I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	
1. Participação dos encarregados de educação na gestão da escola .....	15
1.1. Funções e responsabilidades dos encarregados de educação e da escola .....	15
1.2. Modelo de organização escolar participada .....	18
1.2.1. Elementos facilitadores ou constrangimentos à participação da família no ensino secundário .....	20
1.2.2. Estratégias promotoras de participação .....	22
2. Processo de autoavaliação das escolas .....	24
2.1. O modelo CAF Educação .....	29
 <b>II. ABORDAGEM EMPÍRICA</b>	
1. Fundamentos e Objetivos .....	31
2. Metodologia - Qualitativa .....	34
3. Instrumentos e Procedimentos .....	36
 <b>III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	
1. Apresentação dos resultados .....	39
2. Proposta de projeto de intervenção .....	61
 Considerações finais .....	63
 Bibliografia .....	65

<b>Índice de figuras</b>	<b>Pág.</b>
<b>Figura 1:</b> Modelo de integração dos processos de autoavaliação e avaliação externa das escolas da Região Autónoma da Madeira .....	29
<b>Figura 2:</b> Modelo CAF Educação 2013 .....	32
<b>Figura 3:</b> Os 8 Princípios de Excelência subjacentes ao modelo CAF Educação .....	33

## **Índice de siglas e abreviaturas**

**Enc.Ed.** - Encarregados de Educação

**PE** – Projeto Educativo

**AEE** – Avaliação Externa de Escola

**AI** – Avaliação Interna

**RAM** – Região Autónoma da Madeira

**DGAEP**- Direção Geral da Administração e Emprego Público

**CAF** – (Common Assessment Framework) – Estrutura Comum de Avaliação

**EFQM** - (European Foundation for Quality Management) - Modelo de Excelência da Fundação Europeia para a Gestão da Qualidade

**UE** – União Europeia

**REE**- Representante dos Encarregados de Educação

**CEA** – Coordenador da Equipa de Autoavaliação

<b>Índice de quadros</b>	<b>Pág.</b>
<b>Quadro 1:</b> Tema 1: Participação dos Enc. Ed. na escola secundária .....	40
<b>Quadro 2:</b> Tema 2: Processo de autoavaliação da escola .....	40
<b>Quadro 3:</b> Tema 1: Participação dos Enc. Ed. na escola secundária - Categoria A: Relação entre escola e Enc. Ed .....	41
<b>Quadro 4:</b> Categoria B: Funções e responsabilidades dos Enc. Ed. ....	42
<b>Quadro 5:</b> Categoria C: Funções e responsabilidades da escola .....	43
<b>Quadro 6:</b> Categoria D: Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola .....	44
<b>Quadro 7:</b> Categoria E: Estratégias de melhoria para a participação dos Enc. Ed. ....	46
<b>Quadro 8:</b> Tema 2: Processo de autoavaliação da escola - Categoria A: Participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação .....	48
<b>Quadro 9:</b> Categoria B: Impacto da participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação .	50
<b>Quadro 10:</b> Tema 1: Participação dos Enc. Ed. na escola secundária - Categoria A: Relação entre escola e Enc. Ed. ....	51
<b>Quadro 11:</b> Categoria B: Funções e responsabilidades dos Enc. Ed. ....	52
<b>Quadro 12:</b> Categoria C: Funções e responsabilidades da escola .....	53
<b>Quadro 13:</b> Categoria D: Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola .....	54
<b>Quadro 14:</b> Categoria E: Estratégias de melhoria para a participação dos Enc. Ed. ....	57
<b>Quadro 15:</b> Tema 2: Processo de autoavaliação da escola - Categoria A: Participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação .....	58
<b>Quadro 16:</b> Categoria B: Impacto da participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação	60

## **I. JUSTIFICAÇÃO DO PROJETO**

A participação das famílias, através dos Enc. Ed., na escola tem vindo a assumir alguma importância no palco das decisões de política educativa, tornando-se cada vez mais objeto de estudo no âmbito da investigação. Estamos perante uma problemática bastante debatida, mas ainda merecedora da nossa atenção, devido às incertezas, à falta de informação, às resistências e desconfianças sentidas pela comunidade educativa. Este aspeto deve-se, segundo Silva (2001, p. 42), ao facto do “(...) poder político privilegiar o controlo dos professores em detrimento da participação dos pais (...)”.

É consensual o contributo das parcerias entre as famílias e a escola para o sucesso dos alunos, seja ao nível académico, seja a nível pessoal. Os benefícios destas parcerias mostram-se pertinentes ao longo de todo o percurso escolar, contudo parece haver um declínio destas com o tempo. De facto, a literatura aponta para um decréscimo do envolvimento parental de ano para ano escolar, não obstante este ser crucial para o sucesso académico durante o ensino secundário e até na transição para o ensino superior (Simon, 2004). Os pais ao assumir que os seus filhos cresceram e necessitam de mais autonomia, propositadamente, diminuem o seu envolvimento. As escolas secundárias estão também organizadas de forma diferente, o que pode causar incerteza na família em como se deve envolver (Sanders, 2011).

De facto, a inexistência de estudos realizados nesta área relativamente ao ensino secundário tem vindo a declarar-se uma lacuna, uma vez que também nos anos de escolaridade mais avançados é crucial uma colaboração efetiva entre Enc.Ed. e professores, sendo estes os principais responsáveis pela motivação e orientação de um maior envolvimento parental.

Apesar da existência de vários documentos oficiais (Constituição da República Portuguesa, 1976, e Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986, entre outros) que apelam à promoção de comportamentos participativos na gestão das escolas, parece-nos que o sucesso da sua operacionalidade só seria garantido se houvessem hábitos de cidadania, ou seja, se na ação diária escolar fossem desenvolvidas práticas colaborativas e não

relações de poder, em que um grupo impõe aos outros a definição dos contextos, dos conteúdos e das regras que regulam as relações entre os diferentes agentes.

Por outro lado, a reflexão sobre a autoavaliação escolar está cada vez mais presente no quotidiano social, uma vez que são cada vez mais as solicitações feitas à escola pela sociedade e a obrigatoriedade da mesma, a necessidade urgente de se obterem respostas e resolução dos problemas.

Assim, a autoavaliação destina-se a analisar e descrever o estado atual do sistema escolar, apoiar as decisões sobre esse diagnóstico e medir os níveis de concretização dos objetivos do Projeto Educativo (PE) da organização escolar (Conselho Nacional de Educação, 2011).

Numa escola que se pretende simultaneamente inclusiva e de excelência, o conhecimento das formas de envolvimento na autoavaliação organizacional dos alunos, das famílias e dos elementos da comunidade educativa afigura-se-nos como uma necessidade inquestionável (Fialho *et alii*, 2011). Pretende-se a construção de projetos e ambientes educativos de qualidade, capazes de responder à medida das necessidades específicas de cada contexto escolar e, também, de todos e de cada um dos atores organizacionais.

Nesta problemática circunscrita à participação dos Enc. Ed. na escola, nomeadamente no processo de autoavaliação no ensino secundário, importa saber, na representação dos responsáveis escolares, se esta é reconhecida como sendo um direito, mas também um dever que deve ser promovido ou se é assumida com um caráter ilegítimo, abusivo, inútil e desaconselhável para o bom funcionamento da organização escolar e dos processos de ensino e de aprendizagem.

Por sua vez, pretende-se verificar a postura dos Enc. Ed. e dos seus representantes, na tentativa de lutar por mais espaço de intervenção e maior representatividade na discussão dos assuntos da escola, ou na evidência de um crescente desinteresse em estar presente nos espaços conquistados.

A partir desta temática nova, complexa, por vezes contraditória e ainda pouco conhecida propomo-nos discutir alguns dos pressupostos teóricos subjacentes à realidade e questionar os intervenientes diretos da ação: Enc. Ed., Representante dos Enc. Ed. no Conselho da Comunidade Educativa e Coordenador da Equipa de Autoavaliação da escola em causa.

## **I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1. Participação dos encarregados de educação na gestão da escola**

#### **1.1. Funções e responsabilidades da família e a escola**

O Conselho Nacional de Educação (2004, p. 5) afirma que

a família é um dos principais elementos da sociedade.(...) O equilíbrio da instituição familiar está dependente da estabilidade do futuro das nossas sociedades. Uma estrutura familiar forte conduz ao bem-estar dos seus membros e da sociedade em geral (...).

Gimeno (2003, p. 45), relativamente às funções da família, categoriza-as por desenvolvimento pessoal dos filhos e a socialização, destacando que:

o desempenho destas metas básicas dinamiza a vida familiar e leva a que em cada etapa a família mude e assuma tarefas diferentes que activam recursos e lhe permitem atingir um desenvolvimento pessoal adequado, uma socialização activa dos seus elementos, ao mesmo tempo que mantém a sua própria identidade familiar.

Assim, a família é um contributo fundamental, em articulação estreita com a escola e outras entidades, para a realização plena das pessoas e o desenvolvimento social e cultural da sociedade. Enquanto grupo natural, a família tem determinadas funções e necessidades, entre as quais, a socialização, que poderá se entendida pela totalidade dos processos de integração do indivíduo na vida do grupo. Esta aprendizagem determina atitudes, estabelece valores e normas com que o indivíduo se deve orientar para ser integrado e assegurar o comportamento desejado.

Enquanto local social da educação formal (Henderson *et alii*, 2007), a escola organiza-se pedagogicamente para fornecer instrução e evolui na construção de uma gramática que se consolida como o único melhor sistema. Como Nóvoa (2005, p. 51) argumenta:

(...) alunos agrupados em classes graduadas, com uma composição homogénea e um número de efectivos pouco variável; professores actuando a título individual, com perfil de generalistas (ensino primário) ou de especialistas (ensino secundário); espaços estruturados de acção escola, induzindo uma pedagogia construída essencialmente no interior da sala de aula; horários escolares rigidamente estabelecidos, que impõe um controlo social do tempo escolar; saberes organizados em disciplinas escolares, que são referências estruturantes do ensino e da pedagogia.

Promovido pelas alterações da sociedade, surge o conceito de escola comunidade educativa que envolve alunos, professores, pais e/ou Enc. Ed., funcionários, representantes dos interesses associativos e comunitários. Com todas estas presenças, os olhares sobre a escola diferenciam-se, modificam-se e esta assume novos papéis na educação dos alunos. A escola assume como função primordial a educação para a cidadania, para os valores, para o saber fazer, saber estar e principalmente o saber ser. É-nos apresentado, assim, um novo modelo de escola, num contexto de comunidade educativa e com uma nova dimensão organizacional, que se pretende participada e oposta ao tradicional modelo centralizado.

Segundo Jeynes (2007, p. 12) hoje, é pedido à escola que:

não apenas ensine as nossas crianças, mas que as guarde durante os largos períodos de tempo em que pai e mãe vão trabalhar. (...) instituições oficiais e privadas apresentam-se como formas de escolaridade precoce, (...), para dar corpo a esta necessidade recente, não das crianças, mas dos seus pais.

Surgem então novas responsabilidades atribuídas à escola. A escola passa a ser, ainda com deficiências, talvez porque em processo de adaptação a estes novos papéis, a antiga casa familiar. Desta forma, a escola passa a funcionar como o espaço de casa, onde as relações entre a família eram importantíssimas: o conforto, a proteção, o carinho, os saberes partilhados e a sensibilidade para outros problemas que não os escolares. As relações humanas tornam-se preponderantes no contexto escolar. À escola cabe então, explicitamente, cumprir a função de ocupar as crianças durante horas, enquanto os pais vão trabalhar. Passa a ser dever da escola guardar, alimentar, entreter e vigiar.

Facilmente pode-se concluir que a escola passa a ser uma instituição com funções educativas como o educar, cuidar, observar e acompanhar. E, se a estas, se acrescentar o embalar e acarinhar, então a escola passa a desempenhar funções tradicionalmente da inteira responsabilidade da família. Esta “desprivatização” como lhe chama Borges (2006, p. 56) da vida da criança, transformada em domínio público e da escola, vem provocar um “inchamento” da instituição escolar, que se vê forçada a aceitar essas inesperadas e inoportáveis responsabilidades educativas.

Desta forma, a escola sustenta-se na sua instrumentalidade enquanto instituição formadora de cidadãos e na convicção de que a educação doméstica, por si só, não garante essa formação. Machado (2012, p. 1839) acentua mesmo a marginalização da família:

Num certo sentido, o aparelho escolar edificou-se contra as famílias e as comunidades, que foram marginalizadas, ora com o argumento político (a legitimidade do Estado para decidir em matéria educativa), ora com o argumento profissional (a competência especializada dos professores em matéria educativa)

A expansão da escola de massas legitimou-se na ideia generosa dos responsáveis de que a educação de base deveria ser para todos os cidadãos. Porém, o reconhecimento legal da universalidade da educação como expressão da utopia da igualdade social exigiu medidas que determinassem a sua gratuitidade, primeiro, e obrigatoriedade, depois, e, mesmo assim, a escolaridade básica, gratuita e obrigatória revelou-se, segundo Nóvoa (2005, p. 25), “uma intenção longamente incumprida”.

Enquanto instrumento de controlo social, a escola cria estruturas de gestão intermédia como o diretor de turma e meios – a correspondência, a ficha de informação sobre a avaliação, os encontros individuais professor- Enc. Ed. e as reuniões de turma e escola – que permitem cumprir a função de informar os pais em tempo útil do aproveitamento e comportamento escolares dos filhos, para que acompanhem e colaborem com a escola na sua missão educadora. Assim, esta colaboração requer dos Enc. Ed., não apenas um papel de recetores de informação sobre o filho, mas também de fonte de informação e, ainda, de colaboradores na supervisão em casa dos trabalhos escolares dos filhos.

Deste modo, a escola torna-se parte integrante da vida quotidiana de cada família e influencia o seu funcionamento, a tal ponto que uma análise pormenorizada de Perrenoud (2001, pp. 103-104) sobre “o que a escola faz às famílias” evidencia como é desajustada a perspetiva do “défice cívico” dos Enc. Ed. no acompanhamento da vida e percurso escolar dos filhos, segundo Sá (2004, p. 35). A esta abordagem deve contrapor-se uma outra que tem em conta não só as formas de envolvimento em espaço familiar (e, por isso, menos visíveis), mas também o investimento em termos de expectativas e atitudes convergentes com a cultura escolar (não apenas no plano dos

saberes acadêmicos). Esta abordagem ajuda a ultrapassar a “imagem sombria” das relações entre pais e professores, de acordo com Barroso & Afonso (2011, p. 108), e desloca o “défice cívico” para o lado da escola e dos professores.

Por um lado, a mobilização dos pais à escola passa pelo convite à participação em atos simbólicos de abertura da escola às famílias, principalmente através da presença, assistência passiva e figuração em algumas atividades escolares como festas, convívios, visitas de estudo ou, ainda, em atividades dentro da sala de aula.

Por outro lado, esta participação orgânica verifica-se também com a constituição de associações de pais (Barroso & Afonso, 2011, p. 361), para co-responsabilizar os pais pelo que se passa dentro da escola, fazendo delas associações mais para a escola do que para os pais. Em suma, a abertura da escola aos pais pode estender-se tanto a experiências de participação dos pais na vida da turma nos conselhos de turma, na gestão da escola e na implementação de projetos educativos, como à ajuda nos domínios que têm a ver com o trabalho escolar, com a orientação e os tempos livres dos seus filhos com vista a fornecer-lhes meios que lhes permitam tornarem-se “parceiros da escola na educação das crianças” (Montadon, 2001, pp. 21-22).

## **1.2. Modelo de organização escolar participada**

Numa gestão democrática participativa, a escola planeia as suas ações, definindo as linhas de atuação em função dos objetivos da comunidade e dos alunos, e propõe metas a atingir. Desta forma, ao assumir esse papel, o gestor democrático procura a articulação dos diferentes agentes da escola e a interação com toda a comunidade escolar, com vista a uma educação de qualidade.

Neste sentido, uma postura democrática na escola leva a “um melhor desempenho das atividades educativas, na luta pela conquista dos direitos da cidadania, pela transformação social e pela garantia do saber básico de qualidade para todos” (Botler, 2007, p. 155).

Assim, a democracia escolar existe na aplicação de uma organização e gestão baseadas numa dinâmica favorável a processos coletivos e participativos de decisão. Desta forma,

a participação constitui um dos conceitos fundamentais a serem implementados por todos os que constroem o dia a dia escolar.

A organização escolar participada é então compreendida como um processo no qual as pessoas que atuam na escola identificam problemas, discutem, decidem, planejam, encaminham, acompanham, controlam e avaliam o conjunto de ações relacionadas com o desenvolvimento da própria escola, na procura da solução daqueles problemas. Este processo, sustentado no diálogo e no reconhecimento das diversas funções presentes na escola, tem como base a participação efetiva de todos os elementos da comunidade escolar, o respeito pelas normas coletivamente construídas para os processos de tomada de decisões e a garantia de um amplo acesso às informações pelos participantes da escola (Souza, 2009, p. 125).

Com efeito, o objetivo é construir um projeto educativo com o máximo de contribuição e participação dos membros da comunidade. Então, todas as ações da escola deverão ser pensadas de modo a que todos se envolvam para tornar o serviço educativo suficiente e satisfatório para todos os membros envolvidos no processo. Nesta linha de pensamento, Hora (2002, p. 59) esclarece que:

A necessidade de promover a articulação entre a escola e a família é fundamental. O entendimento de que a escola não é um órgão isolado do contexto global de que faz parte, deve estar presente no processo de organização de modo que as ações a serem desenvolvidas estejam voltadas para as necessidades comunitárias.

A participação será efetiva quando todos os elementos da comunidade educativa se conscientizarem da importância das suas opiniões para o rumo da escola porque a escola não é apenas um local de reprodução das relações sociais, mas sim um espaço onde estão presentes valores e concepções de mundo. Entendemos que a participação é inerente às práticas da escola onde participação significa, segundo Santos (2006, p. 31) “estar inserido nos processos sociais de forma efetiva e coletiva, opinando e decidindo sobre planejamento e execução”. Assim, se a participação está relacionada com decidir e opinar compreendemos que, para a escola desenvolver um ensino de qualidade é importante que se tenha a participação de todos, assumindo que são positivas todas as

formas e meios pelos quais os membros de uma organização, como indivíduo ou coletividade, podem influenciar os destinos de uma organização.

Nesta perspectiva, os Enc. Ed. são considerados sujeitos ativos do processo, devendo a sua participação acontecer de forma aberta e com responsabilidade, significando uma abertura da escola para a comunidade, valorizando-a. No modelo de organização e gestão participada, os Enc. Ed. têm uma participação ativa na definição e no desenvolvimento da escola, através da presença e atuação em conselhos escolares, como o Conselho da Comunidade Educativa, na realidade da RAM.

De facto, de acordo com Lindle (2014) a comunidade escolar, em geral e os Enc. Ed., em particular podem coletivamente exigir melhores condições educativas, humanas, físicas e financeiras, procurando a sua autonomia e desenvolvendo uma consciência crítica. Consequentemente, surge a melhoria da qualidade do ensino, tornando a escola verdadeiramente pública e democrática.

Uma escola distante da realidade das famílias e alheia às pretensões da população não faz sentido para os que a frequentam. Uma organização escolar participada é, portanto, aquela que procura diálogo, levando em consideração as discussões de prioridades com a intenção consciente do benefício coletivo, assumindo as responsabilidades com as mudanças e permitindo que cada um fale, se posicione e participe como sujeito ativo.

Concluindo, o modelo de organização escolar participada compreende os princípios da gestão escolar democrática e o da participação e quando as ações da escola mobilizam a família para participar, a escola vive plenamente os objetivos de todos, conduzindo a um melhor trabalho pedagógico e a melhores resultados educativos.

### **1.2.1. Elementos facilitadores e constrangimentos à participação da família no ensino secundário**

O desenvolvimento natural da criança para adolescente não anula a importância do envolvimento da família na sua educação. Pelo contrário, o envolvimento da família em casa e na escola influencia as conquistas académicas dos alunos do ensino secundário,

no que diz respeito à finalização desta etapa de estudos e, até mesmo, na continuidade da escolaridade (Palhares, 2014).

O envolvimento ativo na educação dos jovens tende a decair ou transformar-se, se comparado com o envolvimento parental no 1º, 2º ou 3º ciclos, ocorrendo de formas distintas ao longo do tempo. A verdade é que a família não cessa o seu interesse nos seus filhos quando estes ingressam para o ensino secundário. No entanto, no entender de Epstein *et alii*, (2002) para conseguirem negociar com os seus educandos e envolver-se nas escolas secundárias, os Enc. Ed. possuem uma postura diferente daquela tomada nos outros ciclos de ensino. As estruturas das escolas secundárias, nomeadamente o número elevado de professores, edifícios maiores e mais distantes e um número maior de disciplinas lecionadas, podem explicar de alguma forma a falta de incentivo do envolvimento dado aos pais pelas escolas secundárias.

Outras investigações também remontam para a importância da participação dos Enc. Ed. pós-secundário, realçando a comunicação entre pais, filhos e professores e contribuindo para o sucesso educativo dos jovens (Sanders, 2011; Simon, 2004). De acordo com Shute *et alii* (2011), ao nível do ensino secundário, a parentalidade refere-se primordialmente pela discussão de interesses e problemas, pela supervisão de comportamentos do adolescente e do seu trabalho académico, e pelo conhecimento dos interesses e objetivos do aluno. É crucial, nesta fase de estudos, que os pais compreendam o desenvolvimento do adolescente e as possibilidades de escolhas futuras.

Por sua vez, a comunicação ao nível secundário reverte para o contato das escolas às famílias acerca dos resultados académicos e o interesse das famílias em conhecer o percurso académico em curso, assim como a necessidade de conhecerem e estabelecerem planos para o pós-secundário. Ferguson & Rodriguez (2005) esclarecem que alguns professores revelam consciência da importância de desenvolver mais oportunidades aos pais e outros membros exteriores à escola para participarem na escola, seja através de conferências ou outros eventos.

Todavia, a parceria escola – família tem uma tendência para o declínio conforme o aumento da escolaridade. Não obstante, se as escolas e os professores trabalharem para desenvolver e implementar práticas apropriadas promotoras desta mesma parceria, para cada ano letivo, é possível que exista um ambiente de coresponsabilidade mesmo no ensino secundário (Patrikakou, 2004). Parte do envolvimento dos Enc. Ed. na escola ao nível do secundário passa por encorajar o estudante para a finalização do secundário e a continuidade dos estudos, dar a conhecer as saídas profissionais existentes, conhecer o percurso académico do aluno e envolver-se em atividades da escola (Henderson & Mapp, 2002).

Segundo Kreider *et alii*, (2007), o adolescente precisa sentir confiança e afeto nas suas relações com o outro, precisando sentir o apoio dos adultos em geral e dos seus pais, ao mesmo tempo que anseia pela sua independência. Nesta etapa, entre o medo e a vontade de crescer, o apoio e a participação do Enc. Ed. são cruciais para o adolescente ser bem-sucedido na escola e na sua vida em geral.

Porém, muitos professores duvidam das vantagens da participação das famílias na escola, uma vez que receiam que esse envolvimento lhes subtraia poder, e seja uma força de controlo e fiscalização. Mas, na realidade, os professores não têm tanto poder como imaginam, pois o controlo burocrático que o Ministério da Educação exerce através de circulares, despachos e decretos, faz com que esse poder, na prática, não exista. A participação das famílias, ao contrário do que muitos professores pensam, pode facilitar os papéis do docente nas atividades curriculares e outras.

Desta forma, ainda existem obstáculos à parceria e à colaboração da família com a escola relacionadas não só com dificuldades de comunicação, mas também com os códigos, culturas e filosofias diferentes. Muitas famílias duvidam das suas capacidades para serem intervenientes na colaboração escola-família, o que as leva a atribuir um estatuto negativo à escola. Os professores manifestam também alguma tendência para responsabilizar os Enc. Ed. pelos problemas dos alunos, considerando que muitos dos problemas que estes últimos enfrentam na escola têm origem no ambiente familiar, e que os pais se demitem, frequentemente, do seu papel de educadores. Na opinião de

Partrikakou (2004, p. 30) “Os professores esperam, também que os pais contribuam para que os filhos sejam bem comportados na escola e desenvolvam atitudes favoráveis à aprendizagem”.

Concluindo, a participação da família no ensino secundário não é fácil, considerando Diogo (2008, p. 13) que apontada as seguintes razões: conflito de competências entre Enc. Ed. e professores; falta de condições que são dadas para a participação dos Enc. Ed; limitada representatividade de muitos Enc. Ed.eleitos; formalismo das estruturas e processos de participação utilizados; desinteresse que a maioria dos Enc. Ed. acaba por manifestar em relação às modalidades de participação que lhes são propostas. Lima & Sá (2002, p. 87) acentuam que o

dilema que se coloca aos professores é o de se fecharem à participação parental para permanecerem mais protegidos e relativamente isolados face aos pais e a outros actores comunitários.

Em suma, orientar, estimular e motivar revelam-se dimensões fundamentais na dinamização de estratégias para o envolvimento dos Enc.Ed. no percurso escolar dos seus educandos.

### **1.2.2. Estratégias promotoras de participação**

As alterações que se vão fazendo sentir nas políticas educativas, baseadas num constante processo de mudança inerente ao desenvolvimento social, alteram a forma como os atores educativos se relacionam na e com a escola. A escola e os Enc. Ed. deveriam entender que para terem sucesso nos seus objetivos necessitam de trabalhar juntos. Reforçando esta ideia, Davies (2003, p. 75) afirma

que uma educação verdadeiramente boa para todas as crianças, ricas ou pobres, só será possível se as famílias e as comunidades se tornarem parceiros de corpo inteiro dos professores e dos dirigentes escolares.

O mesmo autor, Davies (2003, pp. 84-85), destaca que a colaboração é construída na base de alguns atributos, assinalando três conselhos sobre o modo de encorajar os Enc. Ed. “transformar a escola em algo de mais acolhedor, encarar os pais como potenciais

parceiros e não como meros clientes e formar os professores ajudando-os a saber como trabalhar com os pais.”

Com efeito, Silva (2007) apresenta-nos que para implementar uma nova relação escola-família, na base da cooperação, poderíamos usar algumas estratégias que envolvessem os pais na escola, a título de exemplo:

- Estratégias de interação com famílias de culturas diferentes;
- Criação de clubes de pais, geridos por eles e semelhantes aos clubes escolares;
- Criação de salas de pais;
- Estabelecer novos e eficazes sistemas de comunicação entre família e escola, que passem pela comunicação escrita (emails, cartas, boletins, notas, cadernetas), e pela comunicação verbal (utilizando, por exemplo, as tecnologias de informação, plataformas de comunicação e aprendizagem para pais);
- Criação de equipas pedagógicas, com o auxílio dos Serviços de Psicologia e Orientação e Educação Especial;
- Criação de ferramentas, na internet, de consulta para pais sobre diversos temas: área da psicologia; dos problemas da adolescência; sinais de alerta a que os pais devem estar atentos (drogas); conselhos sobre as rotinas diárias escolares; abordagem de temas curriculares (por exemplo Português) e não curriculares (sexualidade e afetos);
- Conferências técnicas sobre programas, currículos, objetivos e avaliação, educação, treino e apoio às famílias.

Para além destas estratégias, torna-se necessária uma alteração mais profunda e abrangente das atitudes e das práticas, tanto dos docentes como dos Enc. Ed. De facto, consideramos tão importante a modificação das atitudes dos professores relativamente à participação dos Enc. Ed., o treino de competências, no sentido de aprender e pôr em ação formas de colaboração com as famílias e vice-versa.

Finalmente, poderia ser solicitado o apoio da comunidade, sempre que fosse necessário, de forma a disponibilizar recursos para resolver alguns problemas das escolas e das famílias mais carenciadas. No entender de Gimeno (2003, p. 25) “Quando os valores da

escola coincidem com os valores das famílias, quando não há rupturas culturais, a aprendizagem ocorre com mais facilidade”.

O mesmo autor mostra que é urgente a parceria ser promovida. Assim, quer dos professores quer dos Enc. Ed., esperam-se qualidades como: vivacidade, sensibilidade, capacidade para ouvir, consistência intelectual, imagem positiva de si, senso de eficácia, competência pessoal, capacidades interpessoais, abertura de espírito, flexibilidade, acessibilidade, confiança, capacidade de liderança, disciplina positiva e capacidade de trabalhar em grupo.

Admitindo que para atingir os objetivos desejados da participação dos Enc. Ed. na escola, resta ainda um longo caminho a percorrer, torna-se clara a necessidade de uma mudança de atitudes. Teixeira (2003, p. 12) recorda que “o principal passa, ainda, pelos professores que têm de descobrir o caminho para as famílias como um caminho essencial para o sucesso educativo dos alunos e para o próprio sucesso da escola.”

Considerando que a escola é um campo de interações entre os seus membros, as suas finalidades só se atingem quando eles cooperam e aceitam as regras de jogo dessa organização. Concluimos que a relação escola-família não depende só da sua posição social, mas também da dinâmica das suas interações. Assim, o clima de escola é composto por várias imagens que os professores têm da vida da escola, entre outras, a imagem das relações com os Enc. Ed.. Cabe aos professores, alunos e Enc. Ed. negociarem, dialogarem e decidirem sobre a resolução dos problemas, para que em termos de participação, haja um maior grau de convergência entre estes parceiros educativos.

## **2. Processo de autoavaliação da escola**

A pressão sobre a avaliação dos serviços públicos e, em particular, das escolas, tem diversas origens e envolve distintas visões, interesses e expectativas de natureza política, social e económica. A avaliação das organizações escolares é hoje uma necessidade inquestionável que emerge das políticas de descentralização, da pressão no sentido da melhoria da qualidade da educação e da exigência da prestação de contas.

Numa proposta de gestão democrática, observa-se a construção de um processo de avaliação baseado na participação da comunidade escolar, tendo como objetivo a melhoria da instituição de ensino. Com efeito, a autoavaliação da escola é o olhar para si mesma, para se conhecer. É um processo de consciencialização e compreensão da realidade escolar e dos resultados, comprometidos com a realidade e envolvendo um processo cíclico de ação-reflexão-ação.

O boletim informativo da rede Eurydice (2012 e 2015) apresenta uma análise aos dois tipos de avaliação dos estabelecimentos de ensino: a avaliação externa, que é realizada por avaliadores que não estão diretamente envolvidos nas atividades da escola (avaliadores externos); e a avaliação interna ou autoavaliação na qual a maioria dos avaliadores são pessoas diretamente ligadas à instituição (avaliadores internos).

No que diz respeito à autoavaliação das escolas, este sistema é obrigatório na maioria dos 31 países estudados e, nos países em que não o é, a tutela recomenda que a execute. Trata-se de um processo iniciado e realizado exclusivamente pelos intervenientes da própria escola e são eles mesmos quem vai avaliar a sua qualidade. Esta avaliação pode incidir sobre qualquer critério relevante para a escola, desde a sua perspetiva pedagógica até à sua gestão. De salientar que, na maioria dos 31 países, os resultados da autoavaliação são utilizados como ponto de partida para a avaliação externa, uma vez que esta informação permite compreender mais facilmente a escola a ser objeto de avaliação e, assim, proceder mais rapidamente à identificação das áreas mais carenciadas, em caso de necessidade.

É pertinente referir que a Comissão Europeia/Eurydice (2015) recomenda fortemente a participação de todos os intervenientes do estabelecimento de ensino na sua avaliação. O mesmo organismo ressalva ainda que a cooperação europeia em matéria de avaliação da qualidade da educação escolar deve apoiar o sentido de responsabilidade partilhada, tendo como objetivo a melhoria das escolas com o envolvimento do pessoal docente e não docente, das famílias, dos alunos e dos restantes membros da comunidade educativa.

Embora de forma pouco explícita, a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86) e o Decreto-Lei 43/89 de 3 de Fevereiro, artigo 26º, p. 461 referem-se à “avaliação do sistema” e à “avaliação sistemática da qualidade pedagógica e dos resultados educativos”. É, com o Decreto-Lei 115-A/98<sup>1</sup>, e na realidade da RAM os Decretos-Legislativos Regionais 4/2000/M, entretanto revogado, e 21/2006/M, que introduziram o regime de autonomia, administração e gestão das escolas, e a legislação subsequente, que se dá algum destaque e importância à avaliação da escola enquanto instrumento de desenvolvimento organizacional.

Mais recentemente, a portaria 245/2014 de 23 de Dezembro na RAM e a Lei nº 31/2002, de 20 de Dezembro, designada por Lei do Sistema de Avaliação da Educação e do Ensino não Superior que se aplica “aos estabelecimentos de educação pré-escolar e de ensino básico e secundário da rede pública, privada, cooperativa e solidária”, no art.º 2º p. 7952, estabelecem que a avaliação se estrutura tendo por base a autoavaliação e determina que a mesma tem carácter obrigatório e desenvolve-se em permanência. O documento legislativo não insular, no seu artigo 3.º, p. 7952 define, entre outros, os seguintes objetivos do sistema de avaliação:

(...) e) Sensibilizar os vários membros da comunidade educativa para a participação activa no processo educativo (...) g) Valorizar o papel dos vários membros da comunidade educativa, em especial dos professores, dos alunos, dos pais e encarregados de educação, das autarquias locais e dos funcionários não docentes das escolas;

Por um lado, o artigo 14º, p. 7954, refere o sentido em que se devem orientar os resultados da autoavaliação, que se pretendem interpretados de forma integrada e contextualizada, devendo permitir a formulação de propostas concretas quanto a:

a) Organização do sistema educativo; b) Estrutura curricular; c) Formação inicial, contínua e especializada dos docentes; d) Autonomia, administração e gestão das escolas; e) Incentivos e apoios diversificados às escolas; f) Rede escolar; g) Articulação entre o sistema de ensino e o sistema de formação; h) Regime de avaliação dos alunos. (artigo 14º da Lei nº 31/2002, de 20 de Dezembro)

---

<sup>1</sup> Revogado pelo Decreto-Lei n.º75/2008, de 22 de Abril - Regime de Autonomia, Administração e Gestão

Por outro lado, o artigo 15.º, que estabelece os objectivos específicos dos resultados da avaliação, menciona que estes devem permitir às escolas aperfeiçoar a sua organização e funcionamento. Não obstante, a Lei 31/2002 não impõe ou recomenda qualquer modelo de autoavaliação, mas estabelece as dimensões a analisar e define os indicadores. De facto, de acordo com o artigo n.º 6, p. 7952, as dimensões (termos) a analisar, relacionadas com o nosso estudo, são:

(...) b) Nível de execução de actividades proporcionadoras de climas e ambientes educativos capazes de gerarem as condições afectivas e emocionais de vivência escolar propícia à interacção, à integração social, às aprendizagens e ao desenvolvimento integral da personalidade das crianças e alunos (...); e) Prática de uma cultura de colaboração entre os membros da comunidade educativa. (artigo 6º da Lei nº 31/2002, de 20 de Dezembro)

Para proceder à avaliação destas dimensões é necessário recorrer a indicadores. O artigo 9.º, p. 7953, estipula 14 indicadores, enquanto conjunto de “parâmetros de conhecimento científico, de carácter pedagógico, organizativo, funcional, de gestão, financeiro e sócio-económico” Salientamos o seguinte: “e) Participação da comunidade educativa;” (artigo 6º da Lei nº 31/2002, de 20 de Dezembro)

No que se refere à estrutura orgânica do sistema de avaliação (art.º 11), embora sem definição na Lei, prevê-se que cada escola/agrupamento deve constituir o seu próprio processo de avaliação, minimamente formalizado. Deste articulado, percebe-se um grau de abertura que dá a cada escola a oportunidade de seleccionar de forma independente, os indicadores de desempenho, as metodologias e as estratégias de autoavaliação que considera que melhor se adequam à sua realidade. Compete a cada escola decidir sobre o processo que quer implementar, escolher entre vários modelos ou criar o seu próprio modelo, podendo a avaliação ter subjacente uma série de dimensões, incidir sobre os processos ou comparar os resultados obtidos com os resultados pretendidos.

Numa perspetiva regional madeirense, o quadro normativo vigente é a portaria 245/2014 de 23 de dezembro, através da qual a Secretaria Regional de Recursos Humanos e da Administração Educativa da RAM apresenta às escolas um documento de trabalho intitulado *Referencial de Avaliação de Escolas* (2014). Assim, no âmbito da preparação de um programa de aferição da qualidade do sistema educativo regional, este

documento esclarece os principais propósitos e princípios orientadores do programa e propõe um modelo de integração dos processos de avaliação das escolas, disposto na figura 1.

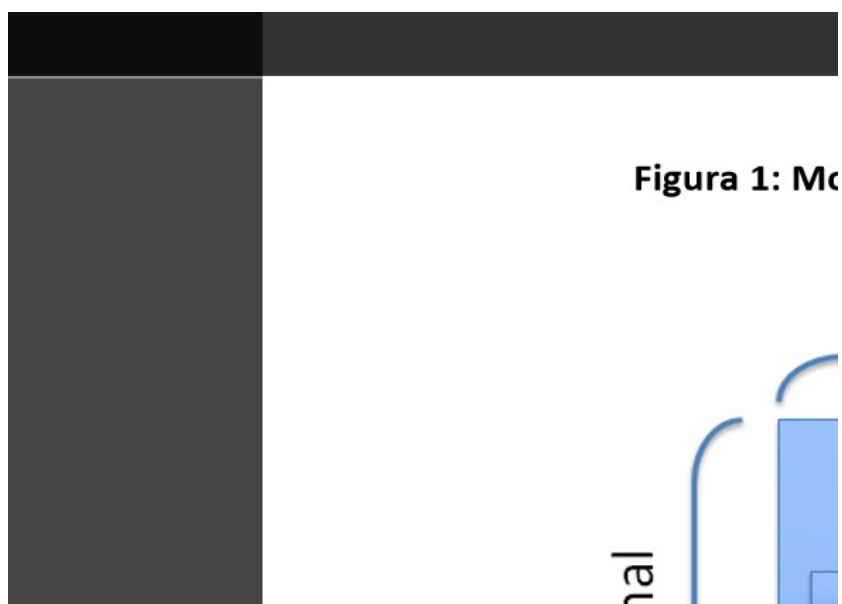


Figura 1 – Modelo de integração dos processos de autoavaliação e avaliação externa das escolas da RAM

Analisando a figura 1, este modelo mantém os propósitos de promoção da melhoria, apoio à tomada de decisão e incentivo de processos de mudança para a qualificação dos processos de ensino aprendizagem. Da mesma forma, o documento anteriormente referido veicula os seguintes princípios orientadores: “1. As melhores escolas são aquelas que melhoram; 2. Autoavaliação e avaliação externa são processos complementares e interativos; 3. Uma avaliação assente numa perspetiva comparada, contextualizada e dinâmica; 4. Uma avaliação orientada para a qualificação dos processos; 5. Uma avaliação que promova redes colaborativas das escolas visando a partilha de experiências e de reflexão sobre os problemas comuns” (2014, p. 1), enquadrando a reflexão no quadro normativo vigente, isto é, a Lei nº 31/ 2002 e a Portaria nº 245/2014, de 23 de Dezembro.

O objetivo do documento é o de desenvolver o modelo proposto, aproveitando os contributos da reflexão e trabalho efetuados pelos atores escolares da RAM, partindo de três eixos que constituem os elementos passíveis de serem avaliados pelas equipas de

autoavaliação das escolas, pelo que se propõem igualmente fontes e modos de recolha de informação:

Eixo 1 - Recursos - Corresponde às alíneas a), b) e e) do nº 2 do Artigo 10º da Portaria nº 245/2014, de 23 de Dezembro (...)

Eixo 2 - Processos - Corresponde às alíneas c), d), f), g), h), e l) do nº 2 do Artigo 10º da Portaria nº 245/2014, de 23 de Dezembro, a saber: (...) i) Relação do estabelecimento com a comunidade local, nomeadamente no que respeita à participação da comunidade educativa, à colaboração das autarquias e às parcerias com entidades empresariais (...).

Eixo 3 – Resultados - Corresponde às alíneas i), j), k), e l) do nº 2 do Artigo 10º da Portaria nº 245/2014, de 23 de Dezembro, a saber: (...) l) Relação do estabelecimento com a comunidade local, nomeadamente [...] ao grau de satisfação e ao reconhecimento social da comunidade local.

*Os Referenciais para recolha de Informação* (ver Anexos 1, 2 e 3) especificam, para cada eixo, as dimensões, componentes e possíveis referentes. Estes referentes podem constituir um quadro de referência comum a todas as escolas nos processos de autoavaliação, sem prejuízo de cada uma encontrar indicadores e fontes/ modos de recolha de informação próprios, bem como referentes complementares para avaliar todas as dimensões e componentes.

Num contexto geral, as contribuições da autoavaliação para a gestão escolar propiciam reflexões sobre a mudança da conceção da avaliação, o exercício da gestão democrática, a efetiva participação e a consolidação da identidade da escola, constituindo, desta forma, uma oportunidade de melhoria da qualidade do ensino.

Em síntese, Leite e Fernandes (2002, p. 140) apresentam a contribuição da avaliação institucional para uma escola:

A escola que passa por um processo avaliativo sério e participativo descobre sua identidade e acompanha a sua dinâmica. Muita coisa aprende-se com esse processo. Mas o que fica de mais importante é a vivência de uma caminhada reflexiva, democrática e formativa. Todos crescem. Os dados coletados mudam, mas a vivência marca a vida das pessoas e renova

esperanças e compromisso com um trabalho qualitativo e satisfatório para a comunidade escolar e para a sociedade. Avaliação Institucional é, portanto, um processo complexo e não há, pronto para consumo, um modelo ideal e único para as escolas. Ela precisa ser construída. É o desafio de uma longa caminhada possível e necessária.

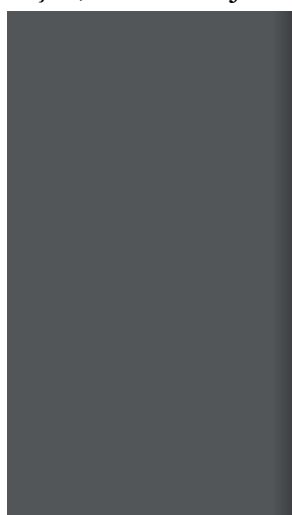
Podemos concluir que a autoavaliação provoca na escola a participação da comunidade e a percepção da necessidade do envolvimento dos agentes escolares, nos diversos setores da escola e na tomada de decisão. Essa proposta de participação produz a consciencialização da comunidade escolar, em particular dos Enc. Ed., de que todos os elementos da escola possuem o mesmo grau de importância para o bom funcionamento da instituição e que todos podem contribuir e são responsáveis pela melhoria da qualidade da educação.

### **2.1. O modelo CAF Educação**

O modelo CAF 2013 (Common Assessment Framework) é um instrumento de autoavaliação inspirado no Modelo de Excelência da Fundação Europeia para a Gestão da Qualidade (EFQM - European Foundation for Quality Management), que assenta em vários pressupostos. Entre estes pressupostos, surgem a necessidade de ter em conta as diferentes partes interessadas na organização, a rede de processos da organização, a orientação para os resultados da gestão dos processos e ainda a necessidade de aumentar a inovação e a aprendizagem enquanto molas do progresso da organização. O modelo CAF, focado nos resultados, está orientado para a melhoria da prestação de serviço da escola e “analisa a organização simultaneamente por diferentes ângulos promovendo uma análise holística do desempenho da organização” (Ganhão, 2013, p. 11).

Desta forma, este modelo de Autoavaliação Europeu – CAF Educação – passou a ser utilizado em Portugal em 2012, publicado pela Direção Geral da Administração e Emprego Público (DGAEP) e resulta de uma adaptação do modelo europeu da CAF, criado no ano 2000, através da cooperação entre os Estados-Membros da União Europeia (UE), tendo como público-alvo todas as organizações do setor público. De facto, a Estrutura Comum de Avaliação (CAF) é um modelo de Gestão da Qualidade Total, desenvolvido pelo e para o setor público.

CAF Educação é um modelo de autoavaliação e melhoria do desempenho organizacional com linguagem e exemplos de práticas específicas para o setor da educação. Desdobra-se em nove critérios, sendo cinco relativos aos meios (liderança, planeamento e estratégia, pessoas, parcerias e recursos, e processos) e os restantes quatro critérios correspondentes aos resultados alcançados ao nível dos alunos, pessoas, responsabilidade social e desempenho chave. Estes critérios subdividem-se em subcritérios. Em cada subcritério, as equipas de autoavaliação procedem à identificação de pontos fortes e áreas de melhoria, para depois ser definida uma pontuação final, de acordo com grelhas de avaliação que fazem parte do próprio modelo. Está também presente a lógica da melhoria contínua através de ciclos sucessivos de planeamento, execução, revisão e ajustamento, como está patente na Figura 2.



melhoria do  
para o setor c  
  
O modelo C,  
(liderança, p  
restantes qu

Figura 2 – Modelo CAF Educação 2013

Em termos de autoavaliação, o modelo CAF é uma poderosa ferramenta de diagnóstico dos pontos fortes e aspetos menos conseguidos. Estes últimos são considerados como oportunidades de melhoria, constituindo assim um estímulo à identificação de lacunas e soluções.

Como ferramenta da Gestão da Qualidade Total, a CAF defende os conceitos fundamentais da excelência, transpondo-os para o setor público e procurando assim melhorar o desempenho das organizações públicas. Estes princípios de excelência fazem a diferença entre as organizações públicas burocráticas tradicionais e a organização orientada no sentido da Qualidade Total, como evidenciado na Figura 3.



Figura 3 – Os 8 Princípios de Excelência subjacentes ao modelo CAF Educação

Sintetizando, o modelo CAF de autoavaliação oferece à organização educativa a oportunidade de aprender mais sobre de si mesma, conhecendo os pontos fortes e os pontos fracos e iniciando a melhoria contínua. Ao identificar as principais dificuldades e entraves à educação de qualidade, a organização educativa conseguirá, mais facilmente, construir projetos de mudanças sustentados. Este é o modelo de autoavaliação utilizado pela escola escolhida para a realização deste estudo.

## II. ABORDAGEM EMPÍRICA

### 1. Fundamentos e Objetivos

#### 1.1. Pertinência do Estudo

Tendo em conta o atual interesse que a investigação tem cedido à temática da autoavaliação de escola (Fialho *et alii*, 2011, Rocha, 2012; Simões, 2013; Santos, 2015), tornou-se pertinente a análise desse fenómeno no ensino secundário, considerando a participação dos Enc. Ed.. O processo da presente investigação iniciou-se na definição da problemática, sendo crucial a formulação de perguntas de partida baseadas na pesquisa bibliográfica atual. Coutinho (2011, p. 43) encara todo este processo como uma “tarefa fundamental em investigação, se não queremos que o relatório final seja um conjunto de dados e resultados inconsistentes e sem relevância para a investigação”.

Considerando toda a pesquisa realizada, a pertinência do estudo desta temática tornou-se evidente no sentido em que a participação da família revela-se crucial nos processos de melhoria de qualidade da organização escolar, como é exemplo a autoavaliação.

A ênfase dada nos primeiros anos de escolaridade não descarta a importância do envolvimento dos Enc. Ed. durante a adolescência, mais concretamente no ensino secundário. De facto, a escassez de estudos relativos a este nível de ensino e as ideias preconcebidas acerca das relações existentes entre as famílias e as escolas reitera a relevância de conhecer as perceções daqueles que fazem parte na primeira pessoa deste envolvimento: os Enc. Ed., o seu representante na escola e os professores, nomeadamente o responsável pela autoavaliação.

A escola aparece na literatura como um elemento imprescindível para os pais, que se apoiam nela, para que em conjunto identifiquem, avaliem e melhorem a qualidade da instituição de ensino. Esta base sustenta a relação entre a família e a escola como uma razão positiva e de significado (Ferguson, 2005). O estudo deste tipo de investigações para a Administração Escolar e Administração Educacional é incontestável, na medida em que reitera um maior conhecimento sobre a real participação de todos os elementos educativos no processo de autoavaliação, o que poderá proporcionar, a todos os

interessados, meios mais eficazes para a promoção da relação entre a família e escola (Borges, 2006). O estudo da participação da família seja em que ciclo de ensino for deve ser realizado com a consciência de que é imperativo um olhar prático sobre a temática. É clara a importância da relação família – escola para o bom desenvolvimento acadêmico, pessoal e até social dos alunos. Não obstante, é necessário aprofundar este conhecimento do ponto de vista da gestão educativa. Pretende-se que as investigações e os resultados resultem em práticas que promovam o sucesso e a melhoria educativa.

Encarando a problemática da contribuição da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa no ensino secundário, o objetivo principal do presente estudo centra-se essencialmente na descrição e caracterização da percepção que os Enc. Ed. possuem acerca das suas funções e responsabilidades no seu envolvimento na gestão da escola e a percepção que o Representante dos Enc. Ed. no Conselho da Comunidade Educativa, equivalente ao Conselho Geral, e o Coordenador da Equipa de autoavaliação têm sobre esse mesmo envolvimento ao nível do ensino secundário, considerando como base o processo de autoavaliação da escola. De acordo com a temática da participação da família, é objetivo da investigação conhecer o impacto e o grau de participação das famílias no processo de autoavaliação da escola, partindo da pressuposição de que essa participação não é significativa. Interessa saber o contributo dessa participação na melhoria educativa da escola. Será analisado um conjunto de variáveis sociodemográficas e escolares numa escola secundária do ensino público da RAM.

## **1.2. Perguntas de partida e Objetivos do Estudo**

Decorrem das lacunas no conhecimento científico disponível, identificadas acima, as seguintes perguntas de partida para o presente projeto:

P1- Quais as funções e responsabilidades assumidas pela escola e pelos Enc. Ed. na organização escolar de uma escola secundária?

P2- Qual a importância atribuída à cooperação escola/ Enc. Ed. no processo de autoavaliação?

P3- Qual o impacto da participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação da escola e na melhoria educativa da mesma?

P4- Que estratégias poderão ser aplicadas para melhorar a participação dos Enc. Ed. na gestão escolar?

No seguimento do ponto anterior, o presente trabalho tem diferentes objetivos, que convergem na nossa intenção de contribuir para uma melhor compreensão da contribuição da participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação de uma escola secundária.

Dito de outra forma, pretendemos perceber qual o papel assumido pela escola neste processo participativo e quais os deveres e direitos dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação da escola. A abordagem das funções da família e da escola parece-nos fundamental para perceber como é entendido o conceito, os contextos e os conteúdos da participação na gestão democrática e questionar a forma como as diferentes responsabilidades da escola e da família são tratadas, no contexto da autoavaliação escolar.

O modo como os pais fazem uso dos seus direitos e como se processa efetivamente a participação da mesma na escola no processo de autoavaliação. Assim, objetivamos atingir com o presente estudo saber mais sobre estes aspetos no que respeita a atuação do Representante dos Enc. Ed. nos órgãos da escola, a ação da equipa de autoavaliação da escola, na pessoa do Coordenador da equipa e dos Enc. Ed.

Donde, os objetivos do estudo a empreender são:

O1- Identificar as funções da família e da escola na organização escolar de uma escola secundária.

O2 – Identificar a importância da participação dos encarregados de educação na gestão da escola.

O3 – Conhecer o impacto da participação das famílias no processo de autoavaliação da escola e na melhoria educativa da mesma.

O4 - Identificar estratégias para melhorar a participação dos Enc. Ed. na gestão escolar.

## **2. Metodologia - Qualitativa**

Consideramos que os objetivos a que nos propomos nos levam a adoptar uma metodologia de carácter qualitativo, cuja intenção é perceber os comportamentos dos atores intervenientes, num determinado contexto. Como refere Bell (2002, p. 20), os métodos qualitativos permitem-nos compreender as “percepções individuais do mundo”. A investigação qualitativa ao contrário da investigação quantitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Neste tipo de investigação interessa mais o processo do que o resultado ou produto e os dados são analisados de forma indutiva, sendo o significado muito importante.

A investigação qualitativa para Sampieri (2006, p. 15):

Dá profundidade aos dados, a dispersão, a riqueza interpretativa, a contextualização do ambiente, os detalhes e as experiências únicas. Também oferece um ponto de vista recente, natural e holístico dos fenómenos, assim como flexibilidades.

### **2.1. Estudo de caso**

De entre as várias abordagens que esta tendência metodológica engloba, optámos pelo estudo de caso, que nos permite a utilização de vários métodos de investigação e adequa-se a investigadores isolados, que sobre um determinado aspeto de um problema desejam aprofundar o conhecimento. Para Yin (2005), a realização de estudos de caso surge da necessidade de estudar fenómenos sociais complexos. Deste modo, para este autor, os estudos de caso devem usar-se quando se lida com condições contextuais, confiando que essas condições podem ser pertinentes na investigação. Aliás, a importância que Yin (2005, p. 32) atribui ao contexto está patente na sua definição de estudo de caso:

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos.

Também Meirinhos e Osório (2010) referem que o estudo de caso permite compreender o particular na complexidade de uma situação, ao mesmo tempo que permite algumas generalizações empíricas de carácter transitório. Os mesmos autores (2010, p. 50) definem o estudo de caso como:

Um modelo de análise intensiva de uma situação particular (caso). Tal modelo, flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização.

Deste modo, pensamos que o estudo de caso se adequa ao objetivo de compreender como a escola e a família se envolvem na participação e na tomada de decisão, no que respeita o processo de autoavaliação da escola. O desenvolvimento desta pesquisa parte da identificação de um problema e tem como finalidade conduzir a uma melhoria da ação. Por sua própria natureza, um estudo de caso provoca, em quem participa nele, um processo de reciclagem pessoal e de descobertas pessoais. Todos aqueles que estão envolvidos num estudo deste tipo acabam, de alguma forma, por viver uma experiência de autodescoberta. Este estudo de caso procura retratar a realidade desta escola de uma forma completa e profunda, pois tenta representar pontos de vista diferentes existentes na situação estudada.

### **3. Instrumentos e Procedimentos**

#### **3.1. Entrevista**

A entrevista é uma das fontes de informação mais importantes e essenciais, nos estudos de caso (Yin, 2005). O mesmo autor explica que entrevistar é uma das formas mais comuns e poderosas de tentar compreender outros seres humanos. A entrevista é um ótimo instrumento para captar a diversidade de descrições e interpretações que as pessoas têm sobre a realidade. O investigador qualitativo tem, na entrevista, um instrumento adequado para captar essas realidades múltiplas (Flick, 2004).

De acordo com este autor, as entrevistas semi-estruturadas têm suscitado bastante interesse e têm sido de utilização frequente. Este interesse está associado com a expectativa de que é mais provável que os sujeitos entrevistados expressem os seus

pontos de vista numa situação de entrevista desenhada de forma relativamente aberta do que numa entrevista fechada ou num inquérito (Flick, 2004, p. 89).

Na fase inicial do estudo, foi feita uma recolha bibliográfica que sustentasse as leituras e reflexões imprescindíveis à construção de sentido acerca dos conceitos estruturantes do trabalho. Posteriormente, elaborou-se a vertente metodológica, onde primeiramente se formulou e justificou a problemática, definiram-se os objetivos e depois de serem escolhidos os participantes, foi delineada o tipo de investigação e o material de pesquisa, que possibilitaram a obtenção das informações indispensáveis para dar resposta às questões do presente estudo.

No sentido de recolher os dados para esta investigação, foi escolhido um estabelecimento de ensino secundário da RAM, para entrevistar três Enc. Ed. (um de cada ano letivo), o Representante dos Enc. Ed. no Conselho da Comunidade Educativa e o Coordenador da Equipa de autoavaliação. Para tal, foi entregue o pedido de autorização para recolha de dados através de entrevistas ao Presidente do Conselho Executivo, correspondente ao Diretor de Escola, da escola selecionada (ver anexo 4).

Após a autorização do Presidente do Conselho Executivo foi feita uma seleção aleatória de uma turma de cada um dos anos de escolaridade da escola (10º, 11º e 12º anos) e pedido ao respetivo diretor de turma que escolhesse aleatoriamente um dos Enc. Ed.

Com base num quadro de operacionalização e contextualização (ver anexo 5) e com o intuito de identificar as funções da família e da escola na organização escolar, a importância da participação dos Enc. Ed. na gestão da escola, conhecer o impacto da participação das famílias no processo de autoavaliação e identificar estratégias para melhorar a participação dos Enc. Ed. na gestão escolar, foram elaborados três guiões de entrevista, um para os Enc. Ed. (ver Anexo 6), outro para o Representante dos Enc. Ed. (ver Anexo 7) e outro para o Coordenador da equipa de autoavaliação (ver Anexo 8), onde se pretendeu efetuar uma relação entre os objetivos e as questões. Esses guiões são constituídos por quatro blocos. O bloco I está relacionado com a experiência profissional dos entrevistados. Este bloco não se aplica aos Enc. Ed. Os blocos seguintes são relativos à recolha de informações sobre o tema principal: o bloco II,

percepção sobre a relação entre escola e família, no que respeita as funções e responsabilidades das entidades na organização escolar; o bloco III, a importância da participação dos Enc. Ed. na organização escolar e bloco IV, a percepção sobre a importância e o impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola.

Antes da realização das entrevistas, foi pedida a validação das mesmas a peritos (ver Anexo 9), sendo unânime a resposta dos mesmos, no sentido positivo. Seguidamente, todos os participantes do estudo foram contactados presencialmente, a quem foi mostrada a referida autorização e informados, em linhas gerais, dos objetivos e propósitos do estudo. Ainda neste contato foi feita a marcação da entrevista e do local para a realização da mesma.

As entrevistas realizaram-se durante o mês de dezembro de 2016, num contexto informal, possibilitando uma maior abrangência de assuntos e conteúdos. Foi pedido aos entrevistados um consentimento informado dos mesmos (ver Anexo 10), para a compreensão dos objetivos do estudo e autorização da gravação da entrevista, permitindo que a recolha de informação fosse o mais fiel possível e de fácil análise posterior. Aos entrevistados foi garantida a sua confidencialidade, assim como a não identificação de instituições ou pessoas nos dados a apresentar.

A cada entrevista aos Enc Ed. foi atribuído um código pessoal que consistiu na atribuição da abreviatura (EE), sendo cada uma foi numerada de 1 a 3, de acordo com a sua ordem de execução com o intuito de afiançar a confidencialidade dos participantes. No caso das entrevistas ao Representante dos Enc. Ed. e ao Coordenador da equipa de autoavaliação, foram atribuídos os códigos (REE) e (CEA) respetivamente.

Depois de levar a cabo as entrevistas, efetuou-se as suas transcrições: dos Enc. Ed. (ver Anexo 11), do Representante dos Enc. Ed. (ver Anexo 12) e do Coordenador da equipa de autoavaliação (ver Anexo 13) com a máxima fidelidade possível procedendo-se, de seguida, à sua organização, tratamento e análise.

Para a análise das entrevistas usou-se a técnica de análise de conteúdo. Machado (2012, p. 72), refere que a análise de conteúdo não é somente elaborar uma descrição de

conteúdos das mensagens, mas tem como principal intuito “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de receção), com a ajuda de indicadores”. Esta mesma autora (Machado, 2012, p. 72) caracteriza a análise de conteúdo como “uma técnica sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de texto em poucas categorias de conteúdo, baseando em regras explícitas de codificação”.

A análise de conteúdo afetou-se através do software de análise qualitativa NVivo, versão 10, que permitiu, através da leitura das transcrições, construir uma grelha de análise inicial, com as principais categorias encontradas. O NVivo 10 auxiliou o processo de codificação e de categorização dos principais conceitos, através da indexação do texto das transcrições. Seguidamente levou-se a cabo a interpretação dos resultados, mediante a procura de respostas para os objetivos e as perguntas de investigação, tendo sempre bem presente o enquadramento teórico do estudo, com o intuito de confirmar ou confrontar as teorias já existentes.

### III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

#### 1. Apresentação dos resultados

A análise das entrevistas permitiu organizar e categorizar cada uma das unidades de análise com o objetivo de melhor perceber o estudo em causa. Seguidamente serão apresentadas as categorias, as subcategorias e os indicadores que foram extraídos e organizados a partir das unidades de registo. Serão também expostos os resultados obtidos mediante essa análise, acompanhados de algumas unidades de registo e da respetiva reflexão de cada categoria.

Da análise de conteúdo efetuada, surgiram duas temáticas. Para a primeira temática emergiram cinco categorias e para a segunda temática surgiram três categorias, tendo sido atribuída a cada uma delas uma letra (quadros 1 e 2). Para cada categoria foram encontradas várias subcategorias e respetivas unidades de registo. A análise foi feita separadamente, ou seja, por um lado foram analisados os dados relativos aos Enc.Ed. e por outro, a informação analisada do Representante dos Enc.Ed. e do Coordenador da equipa de autoavaliação.

Para cada unidade de registo foi conferido um codificador (exemplo: EE1, EE2 e EE3 no caso dos Enc. Ed. e REE e CEA no caso do Representante dos Enc. Ed. e do Coordenador da equipa de autoavaliação respetivamente).

#### **Quadro 1 – Tema 1: Participação dos Enc. Ed. na escola secundária**

Categoria A	Relação entre escola e Enc. Ed.
Categoria B	Funções e Responsabilidades dos Enc. Ed.
Categoria C	Funções e Responsabilidades da escola
Categoria D	Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola
Categoria E	Estratégias de melhoria da participação dos Enc. Ed.

#### **Quadro 2 – Tema 2: Processo de autoavaliação da escola**

Categoria A	Participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação da escola
Categoria B	Impacto da participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação da escola e na melhoria educativa da escola

Desta forma, começamos por apresentar os resultados relacionados com os Enc. Ed. inquiridos.

**Tema 1: Participação dos Enc. Ed. na escola secundária**  
**Quadro 3 – Categoria A: Relação entre escola e Enc. Ed.**

<b>Categoria A: Relação entre escola e Enc. Ed.</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>A1) Tipo de relação</b>	<p><b>A1 1) O mais próxima possível</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “(...) <i>cada vez maior</i>” - EE1</li> <li>- “(...) <i>a mais estreita possível.</i>” – EE2</li> <li>- “(...) <i>o mais interveniente possível.</i>” – EE3</li> </ul>
<b>A2) Estado atual da relação</b>	<p><b>A2 1) Relação nem sempre eficaz</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “(...) <i>há imiscuidade dos pais (...) em trabalhos que não lhes dizem respeito.</i>” - EE1</li> <li>- “ <i>Não vamos porque não temos tempo (...) quando vamos é para reclamar (...) e achamos que a culpa é do professor (...) a culpa é da escola.</i>” – EE1</li> <li>- “(...) <i>os pais não têm noção daquilo que os filhos andam a fazer ou o que está-se a passar na escola.</i>” - EE2</li> <li>- “ (...) <i>pais e escola fazem um complemento (...) que normalmente não está em sintonia</i>” – EE2</li> <li>- “(...) <i>os pais têm falta de tempo e falta de paciência (...)</i>” – EE3</li> <li>- “(...) <i>devia ser muito melhor do que agora.</i>” – EE3</li> </ul>

No que concerne ao tema 1- Participação dos Enc. Ed. na escola secundária e analisando o quadro 3, relativamente à categoria sobre a relação entre a escola e os Enc. Ed., estes últimos foram questionados sobre qual deveria ser esta relação. A análise dos resultados revelou que, para estes, a relação entre a escola e a família é importante e deve ser mantida o mais próxima possível, através de um “*trabalho efetivo*” (EE1) e de um trabalho colaborativo.

Porém, no que respeita à subcategoria do estado atual desta relação, os Enc. Ed. assumem que esta não é sempre eficaz, apontando como causas o afastamento dos pais das questões relacionadas com a escola, o envolvimento dos mesmos pelas razões

erradas, a atribuição de culpas quando algo corre mal ou a falta de comunicação entre as partes, havendo uma clara necessidade de melhoria.

**Quadro 4 – Categoria B: Funções e responsabilidades dos Enc. Ed.**

<b>Categoria B: Funções e responsabilidades dos Enc. Ed</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>B1) Acompanhamento e regulação dos filhos</b>	<p><b>B1 1) Acompanhar os filhos no processo educativo</b></p> <p>- “Cabe-nos a nós como pais continuar aquilo que eventualmente a escola tem para nos transmitir, tem para transmitir aos nossos filhos.” – EE1</p> <p>- “ (...) andar atrás dos filhos (...) a regular, a tentar verificar aquilo que andam a estudar, o que andam a fazer” – EE2</p> <p>- “(...) os pais devem acompanhar os filhos mesmo nesta fase secundária, atribuir-lhes responsabilidades, mas estar sempre em cima com o horário, com faltas, com o trabalho que têm de fazer, com disciplina.” – EE3</p> <p><b>B1 2) Importância da comunicação</b></p> <p>- “(...) devemos informar sempre o diretor de turma” – EE2</p> <p>- “Acompanhar também junto dos professores, do diretor de turma, como é que se estão a desenrolar as coisas e não esquecer quando são alertados para alguma coisa devida à escola” – EE3</p>
<b>B2) Formação e educação</b>	<p>- “(...) devemos acompanhá-los no processo educativo de cultura, de (...) progressão académica mas (...) não nos demitirmos nunca da nossa parte como formadores e como educadores em casa como pais.” – EE1</p>
<b>B3) Confusão nas funções e responsabilidades assumidas</b>	<p>- “Nós tentamos como pais, e contra mim falando, que a escola forme e eduque ao mesmo tempo” – EE1</p> <p>- “ (...) não conseguimos nunca conciliar o que é que são as nossas obrigações, onde é que começam as nossas obrigações, onde é que começam as da escola.” – EE1</p> <p>- “ (...) achamos que a escola tem que continuar a ser um pilar, que é o pilar da educação, quando o pilar da educação começa em casa.” – EE2</p> <p>- “Para os pais a escola serve para colmatar as nossas falhas e a escola acha que os pais estão-se a demitir das funções que deviam ter” (...)” – EE3</p>

O quadro 4 apresenta como categoria as Funções e responsabilidades dos Enc. Ed perante a escola. Neste âmbito, os Enc. Ed foram inquiridos sobre quais seriam, no seu entender, essas funções e responsabilidades. Mediante a leitura do quadro, verifica-se que os Enc. Ed identificam duas principais funções e responsabilidades: acompanhar e regular o comportamento, atitudes e trabalho dos educandos, assim como garantir a sua formação e educação. De igual forma, é feita uma chamada de atenção para a importância dos Enc. Ed assumirem estas funções e responsabilidades mesmo no ensino secundário.

Com esta análise, é igualmente possível verificar uma posição bastante crítica dos Enc. Ed. perante o desempenho das suas funções e responsabilidades para com a escola, na medida em que admitem existir falhas no exercício da sua parentalidade, ao esperar que a escola assumira na totalidade o papel de educação base dos filhos.

#### Quadro 5 – Categoria C: Funções e responsabilidades da escola

<b>Categoria C) Funções e responsabilidades da escola</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>C1) Formação</b>	- <i>“À escola compete, normalmente, a formação” – EE1</i>
<b>C2) Boa comunicação com os pais</b>	- <i>“(…) acho que a parte mais chata é os pais serem confrontados com problemas, situações que já se passaram mais do que uma vez (…) não digo avisar logo à primeira, mas à segunda não deixar passar e tentar falar com os pais” – EE2</i>
<b>C3) Boas condições educativas</b>	- <i>“(…) numa escola grande como esta, ter algum controlo no acesso à escola.” – EE1</i> - <i>“(…) uma boa escola requer bons alunos tal como bons alunos requerem bons professores, para serem bons cidadãos na vida.” – EE2</i> - <i>“(…) dar as condições para o estudo, (…) de salas, de ambiente e de disciplina.” – EE3</i> - <i>“(…) ter qualidade (…) a relação qualidade com os alunos, com os professores, com a qualidade de ensino que é prestada, sem se preocupar só no final do ano por causa das estatísticas.” – EE3</i>

Relativamente à categoria C relacionada com as Funções e responsabilidades da escola, presentes no quadro 5, os Enc. Ed. foram unânimes a nomear a necessidade da escola garantir boas condições educativas, nomeadamente o controlo no acesso à escola, condições físicas, de ambiente e de disciplina para o estudo, a qualidade dos professores e a qualidade do ensino.

Não obstante, um dos Enc. Ed. afirma que a formação académica constitui a principal responsabilidade da escola, enquanto outro Enc. Ed. menciona a importância de existir uma boa comunicação com os pais, no sentido de ajudar os alunos a resolver problemas que estes não conseguem lidar sozinhos.

#### Quadro 6 – Categoria D: Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola

Categoria D) Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola	
Subcategorias	Indicadores
<b>D1) Concorda</b>	-“(…) esquecemos que a escola precisa de nós como apoio de pais.” – EE1 -“(…) temos maneiras de ajudar a escola quando ela precisa de nós.”- EE1 -“Acho que é essencial participar. Os pais ficam sempre muito fora da escola (...) se os pais tivessem uma ação interventiva (...) poderiam pressionar a escola a elaborar programas que (...) pudessem (...) trazer os alunos para o mundo que eles vão enfrentar a seguir, quer seja universitário quer seja laboral (...).” –EE3
<b>D2) Não concorda</b>	-“(…) acho que não devo(...) a escola tem de (...) resguardar-se daquilo que os pais às vezes pensam que podem, querem e mandam.” – EE1 -“Na gestão da escola, não. (...) Não vejo qual é a necessidade.” – EE2 -“(…) qualquer pai, independentemente da sua profissão, é um pai primeiramente e toda a gente vai querer mexer na panela a seu favor.” – EE2
<b>D3) Escola semi-privada e escola pública</b>	-“(…) numa escola semi-privada (...) os pais faziam parte da gestão, eram muito ouvidos. Se tinham alguma contribuição, alguma sugestão era dada sequência a essas críticas positivas ou não. Nesta escola não existe.” – EE3

<p><b>D4) Formas de participação</b></p>	<p>-“(…) devo participar na escola quando ela me chama a ela. (…) quando o diretor de turma (…) me ponha a par de situações que (…) me devem ser transmitidas” – EE1</p> <p>-“(…) os pais têm que ter um limite. (…) a participação (…) deve ser limitada pela escola.” – EE1</p> <p>-“(…) penso que seria muito útil os pais saberem os currículos (...), quais os objetivos (...) serem ouvidos (...) se a escola deveria adaptar algumas horas para socialização, para cultura geral, para aplicar o tempo da disciplina não só na parte (...) académica, mas também ajudá-los a aprender crescer.” – EE3</p>
<p><b>D5) Obstáculos à participação</b></p>	<p><b>D5 1) Distanciamento</b></p> <p>-“(…) o professor está lá no pedestal (…) não fala com o pai a não ser na reunião de turma (…) – EE1</p> <p><b>D5 2) Indisponibilidade</b></p> <p>-“(…) os pais acabam por não participar no dia de atendimento que lhes é devido, porque não têm tempo, não têm disponibilidade, porque a vida é muito complicada, porque queremos dar tudo aos nossos filhos e depois damos-lhe tudo menos afeto, tudo menos o nosso tempo devido e o nosso tempo útil (…) – EE1</p> <p>-“a participação deve ser voluntária livre, não (…) a pessoa ser obrigada a fazer sempre e serem os mesmos sempre a colaborar (…)” – EE2</p> <p>-“(…) tivemos um problema com a sala (…) Quisemos tomar uma posição (…) e não foi possível porque a diretora de turma aconselhou a não fazer (…) alegando que os alunos iam ser prejudicados.” – EE3</p> <p><b>D5 3) Falta de reconhecimento</b></p> <p>-“(…) não é reconhecida àquela pessoa que foi eleita [representante dos Enc.Ed.], o dever, o direito de participar ativamente (…) é só para cumprir um regulamento que está estabelecido (…) a forma de conseguir que o encarregado de educação aceite é precisamente dizendo que não é para fazer nada.” – EE3</p> <p><b>D5 4) Falta de comunicação</b></p> <p>“se quisesse contactar aquele encarregado de educação, que nos representa em determinados órgãos, não saberia, nem sei, não soube durante o ano todo.” – EE3</p> <p>“(…) nós somos completamente ignorados.” – EE3</p>

	<p><b>D5 5) Excesso de burocracia</b></p> <p><i>(...) se quiser fazer alguma coisa, tem muitos entraves. Tem que ter cartas, tem que ter isto, tem que ter aquilo.” – EE3</i></p>
--	---

No quadro 6 está apresentada a categoria D – Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola, na qual se tentou perceber se os Enc. Ed consideravam importante a sua participação na organização e gestão da escola, qual a operacionalização dessa participação e eventuais obstáculos existentes. Mediante a leitura do quadro, verifica-se claramente que há uma divisão de opiniões na importância atribuída a esta participação, na medida em que um dos Enc. Ed não concorda que ela exista, outro acha que esta deve ser limitada e um terceiro defende totalmente este tipo de participação sem restrições.

Desta forma, o EE1 nega peremptoriamente a sua participação na gestão da escola, não vendo necessidade da sua existência; o EE2 considera que essa participação deve existir, mas de forma circunscrita às situações que a escola acha importantes, visto que existem assuntos nos quais os pais não se devem intrometer; por sua vez, o terceiro Enc. Ed. encara esta participação como fundamental e obrigatória para um ensino de qualidade.

De facto, na subcategoria D3, este último Enc. Ed evidencia a sua experiência, pois estabelece a diferença entre a escola em estudo e uma escola semi-privada, anteriormente frequentada pelo seu educando, explicitando a possibilidade que tinha de exprimir as suas opiniões e sugestões, como forma de contribuir para uma melhor organização da escola, não sendo isto possível no presente estabelecimento de ensino.

Assim, na subcategoria D4, relativa às formas de participação, em oposição à opinião que defende limites claros na presença dos Enc. Ed. na organização escolar, um dos inquiridos apresenta exemplos concretos de como a sua participação na gestão da escola seria válida: gestão de currículos, elaboração de programas e desenvolvimento de competências de *saber ser* dos alunos.

Relativamente à subcategoria D5, apenas dois Enc. Ed. identificam obstáculos à sua participação existentes na escola, salientando: o distanciamento entre pais e diretor de turma; a indisponibilidade dos pais e o facto de se sentirem obrigados a participar; a indisponibilidade do diretor de turma em aceitar a opinião dos pais; a falta de

reconhecimento e de comunicação no exercício da função de Representante dos Enc. Ed. e, por fim, o excesso de burocracia existente na escola perante a tentativa de resolução de problemas.

**Quadro 7 – Categoria E: Estratégias de melhoria para a participação dos Enc. Ed.**

<b>Categoria E) Estratégias de melhoria para a participação dos Enc. Ed.</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>E1) Abertura para a resolução de problemas</b>	<p>- “estava à espera de um liceu estanque, fechado, em que não tivesse abertura que tenho com a diretora de turma, que me telefona quando a minha filha não vai, precisa de justificar faltas quando não esteve (...) porquê que está doente.” – EE1</p> <p>- “(...) eu acho que se os pais estivessem envolvidos, se sentissem que podiam fazer alguma coisa, que fariam.” – EE3</p>
<b>E2) Proximidade</b>	<p>- “(...) a escola está atenta. (...) os professores estão ali porque gostam (...) querem que os seus alunos sejam brilhantes (...) estão preocupados com eles.” – EE1</p> <p>- (...) essa proximidade que nos permite telefonar ao fim de semana e podermos falar ao final do dia .” – EE1</p> <p>- “Agora (...) tem-se o cuidado de ao fim do terceiro e quarto dia já estamos a saber o que se passa.- EE1</p>
<b>E2) Disponibilidade e união dos pais</b>	<p>- “(...) Uma pessoa só não pode fazer nada. (...) não valia a pena estar a fazer duas pessoas uma carta (...) sem ser visto como uma afronta à direção da escola.” – EE3</p>
<b>E3) Reconhecimento do papel do representante dos Enc.Ed. em cada turma.</b>	<p><b>E3 1) Consciência para a importância de assumir o cargo de Representante dos Enc.Ed.</b></p> <p>- “As pessoas tinham de estar consciencializadas que realmente podem ter uma intervenção, que é bem vinda (...) estejam conscientes que têm um papel para fazer durante todo o ano.” – EE3</p> <p><b>E3 2) Participação dos Enc.Ed. nas reuniões de Conselho de Turma</b></p> <p>- “(...) nas reuniões durante o período (...) acho que era importante que o representante dos encarregados de educação estivesse presente.” – EE3</p> <p>- “Antes da atribuição das notas (...) numa meia hora, num quarto de hora (...) os pais participarem, saberem como correu o trimestre (...) e então falar e tentar ajudar a resolver os problemas que eventualmente tenham ocorrido.” – EE3</p>

	<p><b>E3 3) Melhor comunicação</b></p> <p>- “(...) o próprio encarregado de educação eleito tentar juntar os outros, passar a informação, mandar e-mails, ir comunicando e as pessoas começam a sentir-se informadas, começam a sentir que é importante a sua opinião, a sua contribuição” – EE3</p>
--	--

O quadro 7 apresenta a categoria E: Estratégias de melhoria para a participação dos Enc. Ed. Foi interesse do presente estudo perceber a perceção dos Enc.Ed sobre que estratégias podem ser aplicadas para melhorar a participação dos mesmos na organização escolar. De facto, dos inquiridos apenas um não conseguiu apontar estratégias de melhoria, limitando-se a responder “*Isso já não sei*”( EE)2. Os outros dois Enc. Ed. apontaram estratégias, divididas em 4 subcategorias, que quando aplicadas pressupõem um maior nível de abertura, proximidade, disponibilidade, união e reconhecimento. Na opinião dos inquiridos, é necessário definir estratégias tanto para a ação da escola, como para a ação dos próprios Enc. Ed..

Assim, por um lado, as respostas do inquirido EE1 centraram-se na valorização das estratégias já utilizadas pela escola em causa, elogiando a abertura e a proximidade que vivencia com a diretora de turma e professores do seu educando, especificando a importância de ser prontamente informada e a atenção e preocupação demonstrada pelos professores aos alunos.

Por outro lado, o entrevistado EE3 mostra uma postura bastante mais crítica, fruto das suas experiências e contactos efetuados na escola. Desta forma, evidencia a importância que o cargo de Representante de Enc. Ed. pode assumir na participação dos mesmos, no sentido de lhes proporcionar uma voz ativa nos assuntos da escola. Mediante a leitura do quadro, denotamos que, de acordo com este entrevistado, se o referido cargo fosse reconhecido pelos pais e pela escola como um meio de participação efetiva, através da presença do Enc. Ed. eleito de cada turma nas reuniões pedagógicas dessa turma, da transmissão das informações pertinentes aos restantes Enc. Ed. e da união dos pais na resolução de problemas, todos os envolvidos sentiam a importância da sua contribuição, num verdadeiro modelo de organização escolar participada.

## Tema 2: Processo de autoavaliação da escola

### Quadro 8 – Categoria A: Participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação

<b>Categoria A) Participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>A1) Conhecimento do processo de autoavaliação.</b>	<p><b>A1 1) Tem conhecimento</b>  <i>- “Tenho. (...) tive conhecimento(...) logo em Setembro. (...) foi das primeiras vezes que tive reunião com a diretora de turma.” – EE1</i></p> <p><b>A1 2) Não tem conhecimento</b>  <i>- “Não.” – EE2</i>  <i>- “Não. Nada, não sabia sequer que existia.” – EE3</i></p>
<b>A2) Vantagens da participação</b>	<p><b>A2 1) Melhoria do processo</b>  <i>- “se os encarregados de educação tiverem conhecimento (...) se o encarregado eleito auscultasse a opinião dos outros encarregados (...) todo o processo seria agilizado” – EE3</i>  <i>- “As vantagens são inúmeras (...)Uma escola é feita (...) também do passa palavra dos pais. A vantagem da participação dos pais é (...) podermos escolher a escola que nós consideramos ser a melhor (...) – EE2</i></p> <p><b>A2 2) Nova perspetiva</b>  <i>- “(...) tal como em todas as empresas, se algo não está muito bom, geralmente quem está de fora consegue ver a perspetiva maior e melhor e pode sempre dar o seu contributo (...) uma crítica construtiva e dizer aspctos a serem melhorados” – EE2</i>  <i>- “os professores têm a sua posição, a direção da escola tem a sua posição e os pais têm a sua posição (...) por inerência da natureza das suas funções” – EE3</i>  <i>- “(...) se os encarregados de educação tiverem acesso às informações, claro que podem ajudar imenso, podem dar o seu ponto de vista (...).” – EE3</i></p>
<b>A3) Desvantagens da participação</b>	<p><b>A3 1) Necessidade de seleção das opiniões</b>  <i>“(...) os pais às vezes não sabem como participar (...) não responde àquilo que lhe é pedido”- EE1</i>  <i>- “às vezes os pais exigem da escola aquilo que não é exequível” – EE1</i>  <i>- “a maior parte das pessoas está tão distraída, tão pouco interessada naquilo que está a fazer que não tem noção das respostas que dá” – EE1</i></p>

	<p>- <i>“o encarregado eleito (...), tendo o bom senso de limitar aquelas que são realmente questões importantes, as que fazem a diferença.” – EE3</i></p> <p><b>A3 2) Parcialidade</b></p> <p>- <i>“há pais que não percebem onde começa o limite da sua intervenção na escola” – EE1</i></p> <p>- <i>“os pais acham que este tipo de situações é para nós carpirmos as nossas desgraças (...) aquilo que nós pretendemos da escola (...) é aquilo que nós vemos para nós. O meu bem estar, o bem estar do meu filho, não é dos filhos dos outros.” – EE1</i></p>
--	--

Tendo em conta o tema Processo de Autoavaliação da Escola, o quadro 8 apresenta a categoria A: Participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação. Pretendeu-se saber junto dos entrevistados se tinham conhecimento do referido processo e a sua opinião quanto às vantagens e possíveis desvantagens dessa participação.

A análise dos resultados revelou que, dos três inquiridos, apenas um Enc. Ed. (EE1) foi informado formalmente sobre o processo de autoavaliação pelo diretor de turma. Os restantes nunca tinham ouvido falar do mesmo. Quanto às vantagens desta participação, apenas dois Enc. Ed. (EE2 e EE3) encontram aspetos positivos na mesma, mencionando a melhoria do processo, focando a importância dos Enc. Ed. estarem informados para fazer boas escolhas, e uma nova abordagem às questões da autoavaliação, proporcionada pelos Enc. Ed.

Em contrapartida, um dos Enc. Ed. (EE1), curiosamente o único que foi informado formalmente, perspetiva várias desvantagens na participação dos pais no processo de autoavaliação da escola, argumentando que dificilmente os pais sabem selecionar os aspetos pertinentes na sua participação, assumindo uma postura parcial, orientada apenas em interesses próprios e não adequada aos interesses comuns da comunidade escolar. Um segundo Enc. Ed. (EE3) partilha da opinião de que é relevante selecionar apenas as contribuições dos pais que poderiam fazer a diferença, ficando essa seleção ao encargo do Representante dos Enc. Ed. de cada turma.

**Quadro 9 – Categoria B: Impacto da participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola**

<b>Categoria B) Impacto da participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>B1) Contribuição positiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>“os pais têm que ter uma opinião daquilo que é dado aos filhos” – EE3</i></li> <li>- <i>“podem contribuir imenso para que a escola tenha um ambiente completamente diferente e até (...) nos resultados académicos dos próprios alunos.” – EE3</i></li> </ul>
<b>B2) Pontos de melhoria</b>	<p><b>B2 1) Formação aos pais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>“dar formação aos pais, para saber como é feita uma avaliação de escola, para que serve. (...) como é, os objetivos dela” – EE1</i></li> <li>- <i>“os pais devem ser bem elucidados sobre o processo todo, sobre quais são as vantagens que daí vêm, para aquele ano, para os próximos anos, para as gerações futuras” – EE1</i></li> </ul> <p><b>B2 2) Abertura da escola a novas opiniões</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>“ (...) gostava que (...) a escola adotasse medidas no sentido de encontrar-se com os pais, de sair do seu mundo fechado e não ter receio de críticas ou pontos de vista diferentes.” – EE3</i></li> </ul>

Ainda na linha de pensamento do tema de Processo de autoavaliação de escola, a categoria B consiste no impacto da participação dos Enc. Ed. neste processo, presente no quadro 9. Neste quadro são apresentados os resultados divididos em duas subcategorias - Contribuição positiva e Pontos de melhoria - com o intuito de saber a percepção dos Enc. Ed. sobre o impacto que a sua participação na autoavaliação teria na melhoria educativa da escola.

De facto, na sequência das opiniões já veiculadas, apenas um Enc. Ed. (EE3) entende existir uma contribuição positiva da parte dos pais no processo de autoavaliação, especificando que a opinião dos pais pode ter um efeito assertório não só no ambiente escolar, mas também nos resultados académicos dos alunos. Por outro lado, para que este impacto seja efetivo, são mencionados dois pontos de melhoria, na subcategoria

B2, que deveriam existir, ou seja, formação aos Enc. Ed. e uma maior abertura da escola a novas opiniões. Com efeito, um dos inquiridos (EE1) defende que quanto mais informados e elucidados estiverem os Enc. Ed. sobre o processo de autoavaliação, nomeadamente as suas funções, objetivos e vantagens maior será o impacto da sua participação. Não obstante, um Enc. Ed. (EE3) considera premente que a escola assuma uma posição mais flexível e recetiva a novas opiniões e abordagens vindas dos Enc. Ed., para que esta participação tenha um verdadeiro impacto.

De seguida, apresentamos os resultados das entrevistas realizadas ao Representante dos Enc. Ed. (REE) e ao Coordenador da equipa de autoavaliação (CEA), relacionando com a informação anteriormente apresentada sobre os Enc. Ed.

Todavia, antes dos resultados, é pertinente referir que tanto o REE., como o CEA foram questionados sobre há quanto tempo exercem os seus cargos, tendo respondido há sete anos e há dois anos respetivamente. Este último profissional foi questionado sobre se possui formação específica em autoavaliação escolar, tendo respondido: *“Absolutamente nenhuma”* (CEA).

### **Tema 1: Participação dos Enc. Ed. na escola secundária**

#### **Quadro 10 – Categoria A: Relação entre escola e Enc. Ed.**

<b>Categoria A) Relação entre escola e Enc. Ed.</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>A1) Tipo de relação</b>	- <i>“(…) muito próxima.” – REE</i> - <i>“(…) tem de haver uma relação (…) em que a família deve participar na escola (…) até um certo ponto, não se pode entrar na sala de aula.” – CEA</i>
<b>A2) Operacionalização da relação</b>	<b>A2 1) Em todos os níveis de ensino</b> - <i>“(…) todas as fases de crescimento (…) inspiram cuidados, preocupações, há muito trabalho a fazer.” - REE</i>  <b>A2 2) Em parceria</b> - <i>“(…) este trabalho em parceria (…) ajuda a ultrapassar alguns problemas que surgem ao longo da formação da criança e do jovem .” – REE</i> - <i>“Eles têm os filhos aqui, são bens fundamentais dos pai e portanto acho que (…)</i>

	<p><i>só nos podem ajudar (...) naquilo que a escola faz pelos seus filhos” – CEA</i></p> <p><b>A2 2) Nos órgãos de decisão da escola</b></p> <p><i>- “(...)deve participar nos órgãos de decisão, para ter uma palavra a dizer sobre aquilo que sabe (...) o Projeto Educativo, (...) o Regulamento Interno (...) nos Conselhos da Comunidade Educativa” – CEA</i></p>
--	---

No que concerne ao tema 1- Participação dos Enc.Ed. na escola secundária e analisando o quadro 10, relativamente à categoria sobre a relação entre a escola e os Enc. Ed., tanto o REE, como o CEA foram questionados sobre qual deveria ser esta relação. A análise dos resultados revelou que os inquiridos apresentam opiniões aproximadas, mas com nuances diferentes, na medida em que o representante (REE) limita-se a referir que a relação entre a escola e a família deve ser mantida como “*muito próxima*”, enquanto o coordenador refere a importância da participação dos pais na escola, mas com limites, estabelecendo a sala de aula como um lugar inacessível aos pais. Constatamos que estas opiniões são partilhadas pelos Enc. Ed (EE1, EE2 e EE3) entrevistados.

Nesta linha de pensamento, os dois inquiridos mencionam diferentes aspetos da operacionalização da relação entre os Enc. Ed. e a escola pois, por um lado, o REE explica como é imperativo que esta relação exista em todas as fases de desenvolvimento do aluno, especialmente o ensino secundário, e que seja feita sempre em parceria, de forma a partilharem a resolução dos problemas, das dificuldades e dos medos próprios da formação dos jovens. Quanto ao CEA, a sua resposta centra-se não só na ideia de parceria e ajuda que os Enc. Ed. podem dar à escola, mas também no dever de inclusão da opinião dos pais nos documentos orientadores da escola (Projeto Educativo e Regulamento Interno). Curiosamente, os Enc. Ed. entrevistados anteriormente centraram a sua opinião no estado atual desta relação, principalmente nos aspetos negativos, e não na sua operacionalização.

**Quadro 11 – Categoria B: Funções e responsabilidades dos Enc. Ed.**

<b>Categoria B) Funções e responsabilidades dos Enc. Ed.</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>B1) Formação do indivíduo</b>	<p><b>B1 1) Acompanhar os filhos ao longo da vida</b></p> <p>- “(...) ter a consciência que (...) somos pais a vida toda. Para os momentos bons e para os momentos menos bons. (...) É preciso (...) estar sempre presente.” – REE</p> <p>- “(...) o nosso papel é o mais importante que há na formação do indivíduo.” – REE</p>
<b>B2) Ter uma voz na escola</b>	<p>- “ (...) os pais têm o dever e o direito de participar na escola e naquilo que a escola faz pelos seus filhos. (...)– CEA</p> <p><b>B2 1) Demissão das responsabilidades</b></p> <p>- “Os pais deviam (...) participar, (...) ter interesse em participar na escola e poder ouvir e ver representada a sua voz. (...) eu acho(...) que o que eles dizem e o que eles fazem, o que eles pensam, não é depois traduzido em termos de documentos da escola ou até posições da escola.”- CEA</p> <p>- “(...)a gente não toca nos professores porque é melhor não falarmos (...) vamos nos deixar de fora (...) e eles não vão fazer mal aos nossos filhos.” – CEA</p>

Relativamente à informação disposta no quadro 11, a categoria B: Funções e responsabilidades dos Enc. Ed. perante a escola, pretendia-se saber a opinião do Representante dos Enc. Ed. (REE) e do Coordenador da equipa de autoavaliação (CEA) sobre as funções e responsabilidades dos Enc. Ed e a forma como estas são exercidas.

Assim, o REE focou a sua resposta no papel que os pais devem ter na formação do indivíduo e da necessidade de estarem sempre presentes na vida dos filhos. Por outro lado, o CEA repetiu a importância e o dever dos pais terem uma voz na escola através de uma Associação de Pais, com assento no Conselho da Comunidade Educativa e a possibilidade de propor mudanças na escola. Ao mesmo tempo, criticou a demissão dos pais ao não assumirem as suas responsabilidades, mostrarem pouco interesse nas suas funções, culminando na ausência das suas opiniões nas decisões da escola e o medo que revelam em questionar algo de que não concordam.

### Quadro 12 – Categoria C: Funções e responsabilidades da escola

Categoria C) Funções e responsabilidades da escola	
Subcategorias	Indicadores
<b>C1) Formação como cidadão</b>	-“ <i>A escola tem um papel fundamental na formação como cidadão. (...) quer uma [a escola] quer outra [a família] complementam-se na formação da pessoa e do cidadão.</i> ” – REE
<b>C2) Aceitar o contributo dos pais</b>	-“ <i>(...) o papel da escola devia ter em conta esse sentido dos pais(...) essa posição de estar de costas voltadas como temos estado (...) não pode ser. (...) os deveres da escola é ouvir (...) chamá-los e pedir a sua opinião nas decisões que tomam. (...) as decisões da escola, sem que os pais sejam ouvidos(...) acho que lhe falta uma perna.</i> ” – CEA

O quadro 12 – categoria C: Funções e responsabilidades da escola contém as respostas dos entrevistados sobre que funções e responsabilidades a escola deve assumir na relação com os Enc. Ed. Com efeito, no seguimento da categoria anterior, o REE foca as funções e responsabilidades da escola na formação dos alunos como cidadãos, mantendo a ideia de complementaridade e parceria entre as instituições. Esta opinião aproxima-se apenas à opinião de um dos Enc. Ed. entrevistados (EE1). No caso do CEA, este considera que a escola deve, acima de tudo, ouvir e aceitar as opiniões e saberes dos Enc. Ed., para que as suas decisões sejam completas e recolha o máximo de benefício. A partir desta opinião de um profissional da escola, denota-se uma visão crítica da realidade da escola e na dificuldade da mesma em considerar todos os elementos da comunidade educativa nas resoluções educativas finais, mantendo a ideia de que “*a escola é uma coisa à parte onde eles [os pais] não podem interferir.*”(CEA)

### Quadro 13 – Categoria D: Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola

Categoria D) Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola	
Subcategorias	Indicadores
<b>D1) Concorda</b>	- “ <i>Acho que é importante. (...) a minha experiência no Conselho da Comunidade Educativa (...) ajuda-me a perceber melhor como é que a escola está estruturada, quais são as dificuldades com que se deparam, quais são os projetos que tem.</i> ” (...)

	<p><i>esta junção de vários atores(...) ajuda a poder contribuir para uma melhor gestão (...) não se pode dissociar o mundo familiar, o mundo do emprego e o mundo da escola. Estes três e mais algum têm que estar presentes.” – REE</i></p> <p><i>-“(...)Acho que sim”- CEA</i></p>
<b>D2) Formas de participação</b>	<p><b>D2 1) A título coletivo</b></p> <p><i>-“(...) deveria haver uma associação de pais com os seus representantes próprios (...) em que todos tivessem voz. (...) com a apresentação de propostas e com a participação ativa no Conselho da Comunidade Educativa. (...) – CEA</i></p> <p><b>D2 2) Limites na participação</b></p> <p><i>- “É claro que não terá uma intervenção em tudo (...). Há certos domínios sem que não faz sentido. Mas, na parte do planeamento, dos projetos educativos, eu penso que esta intervenção seria benéfica para a formação dos jovens.” – REE</i></p> <p><i>-“não pode ser um pai individual que vem para a escola.” – CEA</i></p>
<b>D3) Obstáculos à participação</b>	<p><b>D3 1) Decréscimo da presença dos Enc. Ed. associada ao aumento da escolaridade</b></p> <p><i>- “(...) quando os nossos educandos (...) estão no jardim de infância, os apais estão lá todos. (...) Querem saber de tudo. Chega-se à primária, os pais continuam a ir, (...) a partir do 2º ciclo já se começa a ver um decréscimo e então no secundário é dramático.” – REE</i></p> <p><i>- “O que se sabe é que vêm muito pouco à escola, principalmente no secundário.” – CEA</i></p> <p><b>D3 2) Participação centrada nos resultados</b></p> <p><i>“ (...) há pais que só vão ver as notas (...) e só se concentram nos resultados do filho. (...) é importante que os pais percebam que a sua participação não se pode condicionar apenas ao resultados das notas (...) mas também no crescimento (...) principalmente na adolescência, que acontece no secundário (...) é uma fase muito complexa (...) em que a maioria se afasta do mundo dos adultos.” – REE</i></p> <p><b>D3 3) Falta de interesse e sentimento de pertença dos Enc. Ed.</b></p> <p><i>- “(...) é tão, tão difícil porque os pais não querem vir à escola.”- CEA</i></p> <p><i>- (...) há pais que não aparecem (...) a maioria diz que não tem tempo (...)” – REE</i></p> <p><i>- “(...) não sei bem se estão muito ocupados, se acham que não são necessários(...)</i></p>

	<p>– CEA</p> <p>- “(...) é necessário arranjar pais que queiram. (...) não é fácil (...) cheguei a ouvir respostas do género: “Ah, não tenho tempo”, Isso não me diz nada, prefiro outro tipo de projetos. (...) é um pouco desmotivante.” – REE</p> <p>- “(...)quando a gente os quer chamar para determinado órgão, eles não aparecem, (...) fogem, não querem ou “não posso ser eleito”, “não quero”, “Não tenho jeito” (...) eles acham que não são escola” – CEA</p> <p><b>D3 4) Falta de espaço comum</b></p> <p>“é difícil eles [pais] encontrarem áreas em comum para trabalharem. (...) falta esse espaço na escola. (...) eles não têm um espaço que possam usufruir para discutir (...)sentar e trabalhar(...) um assunto da escola”. – CEA</p> <p><b>D3 5) Desconfiança por parte da escola</b></p> <p>-“ (...) nós[escola]também nos fechamos (...) a essa intervenção dos pais. Sentimos (...) que o pai vem para dizer mal, que o pai vem (...) não ajudar, mas (...) observar o que eu faço (...)”. – CEA</p> <p><b>D3 6) Cultura de escola</b></p> <p>“Por que é que não se pede o apoio aos pais? (...) esses com os filhos a trabalhar aqui sentir-se-iam muito mais interessados a participar numa coisa em que os meus filhos estão. (...) é uma questão cultural. Nós não temos essa forma de olhar os pais.” – CEA</p> <p>“ (...) não é só culpa dos pais. É o próprio sistema que está criado.”- REE</p>
--	--

O quadro 13 refere-se à categoria D – Participação dos Enc. Ed. na gestão da escola, na qual se tentou perceber se o REE e o CEA consideravam importante a participação dos Enc. Ed. na organização e gestão da escola, como devem participar e quais os obstáculos que enfrentam. A leitura do quadro permite-nos constatar a concordância de opiniões dos dois inquiridos na importância atribuída a esta participação, com vista ao conhecimento da estrutura e dos problemas da escola.

Desta forma, na opinião do CEA, é a título colectivo através da Associação de Pais no Conselho da Comunidade Educativa que os Enc. Ed. devem participar, estabelecendo como limite a participação individual. No seu entender, o REE considera que existem

domínios da gestão da escola que devem estar interditos à ação dos Enc. Ed., mencionando o planeamento e a execução de projetos como áreas acessíveis aos pais.

No que respeita à subcategoria D3, são expostos seis principais obstáculos à participação dos Enc. Ed., três referentes à ação da escola e outros três sobre a postura dos Enc. Ed. Apesar de partilharem algumas opiniões, curiosamente, cada um dos responsáveis entrevistados foca-se nos obstáculos criados diretamente pelo grupo em que está incluído, revelando capacidades reflexivas e auto-críticas: o REE critica a postura dos pais e o CEA censura a ação da escola. Assim, mencionam dificuldades relacionadas com a diminuição da participação dos Enc. Ed diretamente associada ao aumento da escolaridade dos filhos, a participação redutora centrada apenas nos resultados académicos dos filhos e a falta de interesse e vontade de pertencer à comunidade educativa por parte dos Enc. Ed. Não obstante, a escola é julgada por não proporcionar um espaço de partilha e trabalho para os pais, por manter uma postura desconfiada perante as iniciativas e as intenções dos Enc. Ed e por perpetuar uma cultura de escola baseada no afastamento dos Enc. Ed.

Estes aspetos estão em sintonia com as opiniões dos Enc. Ed. anteriormente analisadas, nomeadamente o EE3 quando explicitava a impossibilidade que tinha de exprimir as suas opiniões e sugestões, como forma de contribuir para uma melhor organização da escola ou ainda o distanciamento sentido com os diretores de turma, aliada à ideia de que *“é preciso haver um trabalho muito rigoroso e muito insistente com as famílias”*(REE)

**Quadro 14 – Categoria E: Estratégias de melhoria para a participação dos Enc. Ed.**

<b>Categoria E) Estratégias de melhoria para a participação dos Enc. Ed.</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>E1) Criação de uma Associação de Pais</b>	- <i>“(…) Nós tentámos (…) criar uma Associação de Pais(…) para que as coisas estivessem mais organizadas.” – CEA</i> - <i>“(…)claro que uma Associação de Pais pode ter um papel importante nesta área.” – REE</i>
<b>E2) Sensibilização aos pais</b>	- <i>“(…) fazer sessões de sensibilização junto dos pais para explicar qual a importância e passarmos a ver a escola não com os resultados finais que os</i>

	<i>filhos possam vir a atingir, (...) mas no todo.” – REE</i>
<b>E3) Criação de um espaço para os pais na escola</b>	<i>- “(...) Eu acho que a escola devia fornecer salas, espaços e tempos onde os pais se pudessem reunir para eles próprios assumirem uma posição.- CEA</i>
<b>E4) Criação de projetos e iniciativas para os pais e alunos</b>	<i>- “(...) projetos de solidariedade em que até os filhos estivessem incluídos. (...) usar os canais que nós temos para contactar outros pais que pudessem participar em atividades desses pais (...)”- CEA</i>
<b>E5) Aproveitamento do saber e experiência dos pais</b>	<i>- “(...) agora estamos a discutir a própria imagem da escola, aquilo que deve passar lá para fora. Eu acho que nisso os pais têm um papel importantíssimo.”- CEA</i> <i>- (...) nesta renovação toda da escola (...) há, por exemplo, pais arquitetos, biólogos e pintores que poderiam organizar o museu e os materiais dos laboratórios.”</i>

Com a análise do quadro 14 – Estratégias de melhoria para a participação dos Enc. Ed na gestão da escola – é possível apurar que, tanto o REE como o CEA, apesar de um certo sentimento de desmotivação, revelam ideias de mudança que consideram exequíveis para uma participação em quantidade e qualidade dos Enc. Ed. na escola. De facto, são referidas cinco estratégias, a saber: a criação de uma Associação de Pais; a organização de sessões de sensibilização aos pais sobre a importância e validade do seu papel; a criação de um espaço de partilha de ideias e trabalho específico para os Enc. Ed; a implementação de projetos e iniciativas, por exemplo de solidariedade, cujos protagonistas seriam os pais; e, por fim, o aproveitamento do saber e da experiência dos pais como profissionais a favor das obras da escola.

Contrapondo estas com as estratégias sugeridas pelos Enc. Ed., verificamos que na opinião do REE e do CEA, a tónica está do lado da escola, isto é, a possibilidade de efetivamente melhorar a participação dos Enc. Ed. passa pela alteração do paradigma da escola e da aplicação de estratégias no funcionamento da escola.

## Tema 2: Processo de autoavaliação da escola

### Quadro 15 – Categoria A: Participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação

Categoria A) Participação dos Enc.Ed. no processo de autoavaliação	
Subcategorias	Indicadores
<b>A1) Conhecimento do processo de autoavaliação.</b>	<b>A1 1) Tem conhecimento</b> - <i>“Tenho. (...) já participei na equipa, na definição dos indicadores (...)na definição das questões. ” – REE</i>  <b>A1 2) Os Enc.Ed. têm conhecimento</b> - <i>“Têm. (...) é-lhes pedido para responder a inquéritos (...)dentro de cada turma são escolhidos aleatoriamente (...)à volta de 25% (...) da amostra todos responderam ao inquérito. (...) é uma coisa muito boa.” – CEA</i>
<b>A2) Vantagens da participação</b>	<b>A2 1) Novas opiniões</b> - <i>“(...) procura-se sondar opiniões, saber o que eles pensam (...) que podemos melhorar (...) na parte da liderança (...), questões de segurança (...), os refeitórios, os laboratórios (...)” – CEA</i>  <b>A2 2) Melhoria nas relações humanas</b> - <i>“(...) a partir do momento em que a escola está aberta para conversar com os pais, eu penso que aí vemos a grande vantagem. (...) os pais precisam de sentir que são ouvidos, (...) acarinhados, (...) bem vindos.” – REE</i>

No que concerne o tema 2 e a Categoria A: Participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação pretendia-se averiguar não só o conhecimento do processo por parte do REE, mas também a perceção do CEA sobre o conhecimento dos Enc. Ed da autoavaliação. De facto, o REE não só confirma que sabe da existência do processo de autoavaliação, mas que também participou na elaboração dos documentos. Porém, nunca revela os mecanismos por si utilizados, ou mesmo se existiram, de divulgação dessa informação aos representantes dos Enc. Ed. nas turmas e posteriormente aos restantes Enc. Ed. da escola.

Por outro lado, o CEA afirma que os Enc. Ed. têm conhecimento do trabalho de autoavaliação da escola, mas depois especifica serem apenas 25% dos Enc. Ed.,

escolhidos aleatoriamente, considerando uma enorme conquista que esses 25% tenham respondido ao questionário entregue.

Em análise comparativa, dos Enc. Ed. entrevistados dois não sabiam sequer da existência do processo de autoavaliação da escola, sendo que o que sabia tinha sido informado pelo diretor de turma. Desta forma, de acordo com o Projeto Educativo 2014-2018 da escola em questão, constatamos que num universo de 2163 Enc. Ed. existentes na escola, 25% é um número reduzido para se alcançar uma participação global dos Enc. Ed. Para além deste aspeto, há claramente falhas na comunicação entre o Representante dos Enc. Ed no Conselho da Comunidade Educativa, os representantes eleitos de cada turma (existem 98 turmas) e os restantes Enc. Ed., impedindo-lhes uma contribuição efetiva nos assuntos da escola.

**Quadro 16 – Categoria B: Impacto da participação dos Enc. Ed. no processo de autoavaliação**

<b>Categoria B) Impacto da participação dos Enc.Ed. no processo de autoavaliação na melhoria educativa da escola</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>B1) Contribuição positiva para ações de melhoria</b>	<p>- “(...) a partir dos resultados das auto-avaliações dos pais (...) estamos a tentar criar acções de melhoria: (...) a questão da disciplina (...), a imagem da escola que agora se está a renovar”. – CEA</p> <p>- “(...) este processo ajuda muito ambas as partes(...) acho que só têm a ganhar. (...) contribui porque (...) se houver comunicação entre ambas as partes, o trabalho que é feito na escola pode ser melhorado graças ao trabalho feito em casa.” – REE</p>
<b>B2) Pontos de melhoria</b>	<p><b>B2 1) Sensibilizar os pais</b></p> <p>-“(...) é preciso que os pais percebam isto.(...) a maioria não percebe, não quer saber, acha que é uma chatice (...) pensam que esta autoavaliação é “Ó pá, estou aqui a responder a inquéritos.(...) esta é a fase mais problemática e é importante que os pais percebam que é esta a fase que têm que estar mais próximos da escola” REE</p> <p>- “(...) a nível dos comportamento e atitudes dos alunos (...) os pais podem ser um aliado importante para os professores. É preciso é que todos acreditem nisso.” –</p>

	<p>CEA</p> <p><b>B2 2) Reduzir a resistência à mudança</b></p> <p>- “ (...) acho que se vai traduzir a seu tempo. (...) não podemos esperar que eles participem e as coisas mudem imediatamente (...) é difícil mudar. (...) é tudo uma cultura que já está instituída (...) mas acho que podem contribuir, tal como qualquer outra opinião muito válida.” – CEA</p>
--	--

Relativamente ao quadro 16, pretendia-se averiguar a opinião do REE e do CEA sobre o impacto que o envolvimento dos Enc. Ed na autoavaliação pode ter na melhoria educativa da escola. Assim, a análise do quadro permite constatar que, para os entrevistados, este envolvimento constitui uma contribuição positiva e traduz-se em ações de melhoria na escola. De facto, segundo o CEA, graças aos comentários efetuados pelos Enc. Ed. nos questionários, que denunciavam a existência de casos de bullying, a escola tomou a iniciativa de organizar uma conferência subordinada ao tema, convidando o Dr. Daniel Sampaio como orador. Porém, os Enc. Ed. não foram informados nem chamados a participar na mesma. Esta ideia é reforçada pelo comentário do REE que refere a importância da comunicação e do trabalho conjunto entre as duas entidades para atingir a melhoria educativa de qualquer escola.

Todavia, os dois profissionais evidenciam sentimentos de esperança numa mudança de atitudes possível, mas difícil, tanto por parte da escola como dos Enc. Ed, que têm de contrariar uma “cultura instituída” e resistente a mudanças. Concluindo, “*se nós queremos que a nossa escola seja a melhor, é importante que todos participem. Todos, sem exceção.*” (REE).

## **2. Proposta de projeto de intervenção**

Após uma reflexão dos resultados obtidos, pretende-se agora apresentar uma proposta de projeto de intervenção, no sentido de aumentar o contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa da escola secundária em estudo.

Assim, perante a possibilidade de implementar este projeto e consequentes melhorias na escola em causa no próximo ano letivo será, inicialmente, pertinente uma recolha de informação mais abrangente dos sujeitos educativos da escola sobre o tema em questão.

Com efeito, pretende-se averiguar, através de questionários, as opiniões, sugestões de um maior número de Enc. Ed. e diretores de turma da escola. Ao mesmo tempo que se tentará obter uma amostra mais fidedigna, pretende-se selecionar possíveis intervenientes diretos para a realização do projeto de intervenção.

Após a análise dessa informação, proceder-se-á à criação de uma Associação de Pais, constituída por todos os representantes dos Enc. Ed. eleitos anualmente nas turmas, dos quais serão escolhidos um Presidente e um Vice-Presidente. O principal objetivo desta associação será contribuir para a generalização do envolvimento dos Enc.Ed., independentemente da sua classe, etnia ou género, contribuindo para a melhoria pedagógica.

Juntamente com a criação da Associação, no início do ano letivo, será criada uma equipa multidisciplinar, composta por mediadores internos e externos à escola, intitulada “Todos somos Escola”. Em parceria, a Associação e a equipa de mediadores levará a cabo, ao longo do ano letivo várias iniciativas da responsabilidade da escola e dos Enc. Ed, que afetarão não só a organização escolar, mas também o dinamismo da escola. De seguida, apresentamos exemplos dessas iniciativas.

Público-alvo	Objetivos	Estratégias	Operacionalização	Avaliação
• <b>Enc. Ed.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proporcionar um espaço na escola para os Enc. Ed., de forma a aumentar o sentimento de pertença dos mesmos pela escola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação da sala “Pais na Escola”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No início do ano letivo, a escola disporá de um espaço/sala, onde semanalmente os representantes dos Enc. Ed possam reunir, por ano de escolaridade, para partilhar informação e definir as suas atividades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Taxa de presença dos Enc. Ed.</li> <li>• Registos de opiniões semanais</li> </ul>
• <b>Comunidade Educativa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proporcionar a troca e partilha de saberes entre diversas entidades</li> <li>• Aumentar a comunicação escola/Enc. Ed./comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação da equipa “Somos todos Escola”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No início do ano letivo, será criada uma equipa de mediadores na escola (professores, terapeutas, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros especialistas – com a parceria de entidades como o Centro de Saúde, a Segurança Social ou o Centro de Recursos Especializados) que trabalharão em conjunto com a Associação de Pais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvimento dos professores</li> <li>• Envolvimento das entidades externas à escola</li> <li>• Desenvolvimento de iniciativas</li> </ul>
• <b>Enc. Ed.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dar a conhecer o funcionamento e objetivos da escola;</li> <li>• Sensibilizar para a importância de acompanhamento das atividades escolares dos educandos;</li> <li>• Aumentar a comunicação escola/Enc. Ed;</li> <li>• Recolher opiniões e sugestões;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização e realização de ações de sensibilização e formação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao longo do ano letivo, serão desenvolvidas ações de sensibilização/ oficinas de formação sobre diversos temas: Autoavaliação, Segurança, Indisciplina, Currículo, Sexualidade, Orientação de estudo, Apoios, Saúde Emocional, entre outros, dinamizadas pela equipa “<i>Somos todos Escola</i>”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Taxa de presença dos Enc. Ed.</li> <li>• Inquéritos de satisfação</li> <li>• Relatório da equipa</li> </ul>
• <b>Comunidade educativa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levar os Enc. Ed. a partilhar experiências e saberes sobre as suas profissões;</li> <li>• Proporcionar informação específica sobre áreas de atuação da sociedade;</li> <li>• Ajudar os alunos a escolher a sua futura profissão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização e realização de ciclo de conferências, palestras e workshops</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No final do ano letivo, ocorrerá a Semana das Profissões – <i>Quem sabe, sabe!</i>, na qual seriam convidados vários Enc.Ed. de áreas e profissões diferentes, para desenvolver uma conferência, palestra ou workshop sobre a sua profissão e esclarecer dúvidas aos alunos interessados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Taxa de presença dos Enc. Ed. e alunos</li> <li>• Inquéritos de satisfação</li> </ul>

## **Considerações finais**

A escola não pode deixar de ser considerada um organismo social que inclui pessoas que interagem mutuamente em estruturas e processos organizativos e que pretende alcançar objetivos educacionais. Assim, parece necessário insistir na gestão da mudança educativa e construir uma cultura organizacional que invista na comunicação e que intensifique as interações entre a escola e a família.

Tendo em conta os resultados deste projeto, pode dizer-se que a participação dos Enc. Ed. na vida desta escola e em especial nos diferentes órgãos, através dos seus representantes, é tímida e pouco produtiva, não obstante todos reconhecerem a sua importância. Neste sentido, a presença do Representante dos Enc. Ed. nas reuniões da Comunidade Educativa, não é sinónimo de participação e envolvimento dos pais.

Para além das falhas de comunicação, pensamos que isso resulta da falta de hábitos em participar na vida coletiva e da forma como se processa a relação entre a escola e a família em que a primeira (ao definir as regras e ao ser a detentora do conhecimento mais valorizado socialmente e a responsável pela sua transmissão) não proporciona condições necessárias para que os Enc. Ed. se sintam bem e conseqüentemente participem nas questões estratégicas da escola, como a autoavaliação.

Assim, quando convidados a participar sobre os assuntos de política organizativa e pedagógica, os Enc. Ed. assumem uma postura de desresponsabilização, encarando a escola como um local para a resolução de problemas individuais de um dado educando e não como uma forma de participação ativa na vida escolar. A presença dos Enc. Ed. não pretende atingir a qualidade pedagógica, indispensável aos processos de ensino e de aprendizagem dos alunos.

Pensamos que esta escola tem ainda um longo processo de aprendizagem a fazer no sentido de um diálogo aberto, construtivo, na promoção de uma organização que acabe com os constrangimentos à prática da dinâmica da participação dos Enc. Ed. na gestão da escola. Pretendem-se relações profundas e com carácter permanente, que permitam a construção e reconstrução, de forma negociada, dos processos escolares e nos domínios estratégicos, organizacionais e pedagógicos.

Com efeito, consideramos que se fossem bem definidas e acertadas as funções que cabem a estes atores educativos (escola e Enc. Ed.), estes últimos poderiam colaborar mais com a escola. Como refere Davies (2003, p. 14)

transformar a escola em algo mais acolhedor, encarar os pais como potenciais parceiros e menos como meros clientes e formar os professores ajudando-os a saber como trabalhar com os pais.

Esta relação de parceria pode passar pela descentralização da escola e por um investimento da mesma como um lugar de formação e como um espaço de autonomia pedagógica, curricular e profissional. Isto implica olhar a escola como uma organização incompatível com a inércia burocrática e administrativa que atualmente a caracteriza.

A escola tem forçosamente de se tornar ágil e flexível e provocar uma eficaz intervenção dos destinatários da ação educativa (professores, alunos e famílias) de modo consciente e pleno na tomada de decisões e na avaliação interna de processos e produtos educativos.

Para tal, é necessário inovar e ser criativo nas formas de comunicação, informação e formação de todos, incluindo os Enc. Ed. A escola que queremos tem de ser não só uma escola académica, mas também uma escola comunitária, que faça os pais se identificarem com ela. Desta forma, a escola terá de adotar uma visão holística de si mesma e de encarar a autoavaliação como um processo contínuo e sistemático, em espiral, que comporte um diagnóstico, uma reflexão e um agir sobre a realidade, pois só assim reforçará a sua capacidade de planear e de implementar o seu processo de melhoria. Como diz Silva (2007, p. 156) “a relação escola-família configura uma conceção de escola, mas também uma conceção de sociedade.”

## **Bibliografia**

Afonso, A. (2010). *Políticas educativas e auto-avaliação da escola pública portuguesa: apontamentos de uma experiência*. São Paulo, Estudos de Avaliação Educacional.

Barroso, J., Afonso, N. (Org.) (2011). *Políticas educativas: mobilização de conhecimento e modos de regulação : autonomia e gestão escolar*. Lisboa, Fundação Manuel Leão.

Bell, J. (2002). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa, Gradiva.

Borges, S. (2006). *A Participação dos Pais e Encarregados de Educação na Gestão Escolar*. Praia, Instituto Superior de Educação.

Botler, A., Tavares, M. (2007) A proposição de normas na organização escolar: valores construídos ou determinados? *In Botler, A. (Org). Organização, financiamento e gestão escolar: subsídios para a formação do professor*. Recife, Editora Universitária Federal de Pernambuco, pp. 178-192.

Comissão Europeia/EACEA/Eurydice (2012). *Educação para a Cidadania na Europa*. Rede Eurydice. Luxemburgo, Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura.

Conselho Nacional de Educação (2004). *Educação e família*. Lisboa, Conselho Nacional de Educação.

Conselho Nacional de Educação (2011). Recomendação n.º 1/2011. DR. 2ª série. 95 (2011-01-07). 988-995 (Recomendação sobre Avaliação das Escolas).

Coutinho, C. (2011). *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra, Almedina.

Davies, D. (2003). *A Colaboração escola-família-comunidade: uma perspectiva americana Pais e Escola: Parceria para o Sucesso*. Braga. Livraria do Minho, Instituto Superior de Educação e Trabalho.

- Diogo, A. (2008). *Investimento das Famílias na Escola – Dinâmicas Familiares e Contexto Escolar Local*. Oeiras, Celta Editora.
- Epstein, J. et alii. (2002). *School, Family, and Community Partnerships: Your Handbook for Action*. Thousand Oaks. California, Corwin Press, Inc.
- Ferguson, C. & Rodriguez, V. (2005). *Engaging Families at the Secondary Level: What Schools Can Do to Support Family Involvement*. Texas, Southwest Educational Development Laboratory.
- Fialho, I., et alii. (2011). Avaliação, escola e excelência. Índicios organizacionais de uma relação. In *Atas do XI Congresso da AEPEC*. Évora, Universidade de Évora, pp. 42-55.
- Flick, U. (2004). *Introducción a la investigación cualitativa*. Madrid, Morata.
- Formosinho, J., Machado, J. (2008). Currículo e organização: as equipas educativas como modelo de organização pedagógica. In *Currículo sem Fronteiras*. 8. 1. E.U.A. pp. 5-16.
- Ganhão, T. (2013). Coord. *Estrutura Comum de Avaliação – Melhorar as Organizações Públicas através da Autoavaliação (CAF)*. Lisboa, Direcção-Geral da Administração e do Emprego Público (DGAEP).
- Gimeno, A. (2003). *A Família – O Desafio da Diversidade*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Henderson, A. et alii (2007). *Beyond The Bake Sale*. Nova Iorque, The New Press.
- Hora, D. (2002). *Gestão democrática na escola: Artes e ofícios da participação coletiva*. São Paulo, Papirus.
- Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação da aprendizagem: Novos contextos, novas práticas*. Porto, ASA.
- Lima, L. & Sá, V. (2002). A Participação dos Pais na Governação Democrática das Escolas. In Lima, J. (Org.). *Pais e Professores: Um Desafio à Cooperação*. Porto, Edições ASA. pp. 25-95.

- Lindle, J. (2014). *Political contexts of educational leadership*. New York, Routledge.
- Machado, J. (2012). *Utopia, Diversidade e Tolerância*. Porto, Edições Afrontamento.
- Meirinhos, M., Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *In EDUSER: revista de educação*. 2(2). Inovação e Investigação em Educação. Bragança, Instituto Politécnico de Bragança. pp. 49-65.
- Montandon, C. & Perrenoud, P. (Eds) (2001). *Entre Pais e Professores, Um Diálogo Impossível? Para uma Análise Sociológica das Interações Entre a Família e a Escola*. Oeiras, Celta.
- Nóvoa, A. (2005). *Evidentemente. Histórias da Educação*. Porto, Edições ASA.
- Palhares, J. (2014). A excelência académica na escola pública. Quotidianos escolares e não escolares de jovens enquanto alunos. *In Torres, L. e Palhares J. (org) Entre mais e melhor escola em democracia. Inclusão e excelência no sistema educativo português*. Lisboa, Mundos Sociais. pp. 5- 26.
- Paro, V. (2007). *Gestão Escolar, Democracia e Qualidade do Ensino*. São Paulo, Ática.
- Partrikakou, E. (2004). *Adolescence: Are Parents Relevant to Students' High School Achievement and PostSecondary Attainment?*. University of Illinois. Chicago, Mid-Atlantic Laboratory for Student Success.
- Perrenoud, Philippe (2001). O que a escola faz às famílias. *In Montadon, Cl. & Perrenoud, Ph. Entre Pais e Professores, um Diálogo Impossível? Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola*. Oeiras, Celta Editora, pp. 57 – 112.
- Sá, V. (2004). *A Participação dos Pais na Escola Pública Portuguesa. Uma abordagem sociológica e organizacional*. Braga, Universidade do Minho / Instituto de Educação e Psicologia.
- Sampieri, R., Collado, C. & Lucio, P. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. S. Paulo, McGraW-Hill.

Sanches, M. e Almeida, I. (2004). Autonomia da escola e participação dos encarregados de educação: das políticas às práticas. In Costa, J., Neto-Mendes, A. e Ventura, A. (Org). *Políticas e Gestão Local da Educação*. Aveiro, Universidade de Aveiro. pp. 361-376.

Santos, M. (2015) *Autoavaliação e melhoria contínua numa escola secundária*. Dissertação de Mestrado em Gestão da Formação e Administração Educacional: Organizações Educativas e Gestão Escolar. Coimbra, Universidade de Coimbra.

Silva, P. (2001). Escola-família: tensões e potencialidades de uma relação. In Lima, J. Á. (Org.). *Pais e Professores. Um Desafio à Cooperação*. Porto, Edições ASA. pp. 97 – 132.

Silva, P. (org.). (2007). *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*. Porto, Profedições.

Simões, G. (2013). *Autoavaliação da escola – Uma proposta de emancipação*. Coimbra, Lápis de Memórias.

Souza, A. R. (2009). *Explorando e construindo um conceito de estágio escolar democrática*. Belo Horizonte, Educação em revista.

Teixeira, M. (2003). A Participação dos Pais na Escola: Perspectivas de Pais e Professores. In Pinto, C. e Teixeira M. (org) *Pais e Escola: Parceria para o Sucesso*. Braga, Instituto Superior de Educação e Trabalho. pp.175-208.

Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. Lisboa, Edições Sílabo.

Yin, R. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre, Bookman.

## **Webgrafia**

European Commission/EACEA/Eurydice (2015). *Assuring Quality in Education: Policies and Approaches to School Evaluation in Europe*. Eurydice Report. Luxemburgo, Publications Office of the European Union. Disponível em

<[http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/thematic\\_reports/178en.pdf](http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/thematic_reports/178en.pdf)>. [Consultado em 01/07/2016].

Henderson, A., & Mapp, K. (2002). *A New Wave of Evidence - The Impact of School, Family, and Community Connections on Student Achievement*. United States of America, National Center for Family and Community Connections with Schools. Disponível em <<http://www.sedl.org/connections/resources/evidence.pdf>>. [Consultado em 12/06/2016].

Jeynes, W. (2007). *The relationship between parental involvement and urban secondary school student academic achievement*. *Urban Education*, 42(1). Disponível em <<http://www.sagepub.com/wrightstudy/articles/Jeynes.pdf>>. [Consultado em 11/06/2016]. pp. 82–110.

Kreider, H., Caspe, M., Kennedy, S., & Weiss, W. (2007). *Family involvement in middle and High School students' education. Family Involvement Makes a Difference*. Disponível em <[http://www.hfrp.org/content/download/1340/48835/file/fi\\_adolescent.pdf](http://www.hfrp.org/content/download/1340/48835/file/fi_adolescent.pdf)>. [Consultado em 11/06/2016].

Rocha, A. (2012). *Avaliação externa de escolas: resultados e autoavaliação. Que relação?*. *Foro de Educación*, 14. pp.207-223. Disponível em: <<http://www.foroedeeducacion.com/numero14/FdE%2014%20-%20016.pdf>>. [Consultado em 16/06/2016].

Sanders, M. (2011). Family engagement in high school. In Redding, S., Murphy, M., & Sheley, P. (eds.), *Handbook on family and community engagement*. USA, Academic Development Institute. Disponível em <<http://www.familiesschools.org/downloads/FACEHandbook.pdf>>. [Consultado em 03/07/2016].

Santos, A. (2006). *Gestão Democrática da Escola: bases epistemológicas, políticas e pedagógicas*. – UFPE GT: Estado e Política Educacional ANPED. Disponível em <<http://www.anped.org.br/biblioteca>>. [Consultado em 10/07/2016].

Shute, V., Hansen, E., Underwood, J., & Razzouk, R. (2011). *A review of the relationship between parental involvement and secondary school students' academic achievement*. Education Research International, pp. 1-10. Disponível em <<http://myweb.fsu.edu/vshute/pdf/ParentalInvolvement.pdf>> [Consultado em 17/05/2016].

Simon, B. S. (2004). High school outreach and family involvement. *Social Psychology of Education*. 7. pp. 185–209.

Disponível em <<http://www.springerlink.com/content/x83701w4t508x351/>>. [Consultado em 03/07/2016].

### **Legislação**

Lei n.º 46/86. D.R. I Série. 237 (86-10-14) 3067-3071.

Decreto-Lei nº 43/89. I Série. 29 (89-02-03) 456-461.

Decreto 115-A/98. I Série-A. 102 (98-05-04) 1982-(2)–1988-(14).

Lei n.º 31/2002. I Série-A. 294 (2002-12-20) 7952-7954.

Decreto Legislativo Regional n.º 21/2006/M. I Série-A. 118 (2006-06-21) 4388-4408.

Decreto-Lei n.º 75/2008. I Série. 79 (2008-04-22) 2341-2356.

Portaria n.º 245-2014. I Série. 198 (2014-12-23) S2-S5.

*Verónica Susana Martins Alves e Neves*

**PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

***CONTRIBUTO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
AUTOAVALIAÇÃO E NA MELHORIA EDUCATIVA DE UMA  
ESCOLA SECUNDÁRIA***

***- ANEXOS -***



Porto 2017



Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

*Verónica Susana Martins Alves e Neves*

**PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

***CONTRIBUTO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
AUTOAVALIAÇÃO E NA MELHORIA EDUCATIVA DE UMA  
ESCOLA SECUNDÁRIA***

**- ANEXOS -**



Porto, 2017

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

*Verónica Susana Martins Alves e Neves*

**PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

***CONTRIBUTO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
AUTOAVALIAÇÃO E NA MELHORIA EDUCATIVA DE UMA  
ESCOLA SECUNDÁRIA***

**- ANEXOS -**

Projeto apresentado à Universidade Fernando  
Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do  
grau de Mestre em Docência e Gestão da Educação:  
Administração Escolar e Administração Educacional,  
sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Doutora Luísa Saavedra.

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

**Índice de anexos**

<b>Anexo 1:</b> Referencial para recolha de informação no eixo dos Recursos na autoavaliação das escolas da R.A.M.	6
<b>Anexo 2:</b> Referencial para recolha de informação no eixo dos Processos na autoavaliação das escolas da R.A.M	7
<b>Anexo 3:</b> Referencial para recolha de informação no eixo dos Resultados na autoavaliação das escolas	8
<b>Anexo 4:</b> Pedido de autorização de realização de entrevistas	9
<b>Anexo 5:</b> Quadro de Operacionalização e Contextualização	10
<b>Anexo 6:</b> Guião de Entrevista a Encarregados de Educação	11
<b>Anexo 7:</b> Guião de Entrevista a Representante dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa	14
<b>Anexo 8:</b> Guião de Entrevista a Coordenador da equipa de autoavaliação da escola	16
<b>Anexo 9:</b> Validação das entrevistas	18
<b>Anexo 10:</b> Declaração de Consentimento Informado	32
<b>Anexo 11:</b> Transcrição de Entrevistas a Encarregados de Educação	33
<b>Anexo 12:</b> Transcrição de Entrevista a Representante de Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa	50
<b>Anexo 13:</b> Transcrição de Entrevista a Coordenador da Equipa de AutoAvaliação da Escola	56

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

**Anexo 1** - Referencial para recolha de informação no eixo dos Recursos na  
autoavaliação das escolas da R.A.M.



**Tabela 1. Refere**

DIMENSÃO	COI
ALUNOS	Dimensão e distribu
	Características Socie



Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Anexo 2** - Referencial para recolha de informação no eixo dos Processos na autoavaliação das escolas da R.A.M



**Tabela 2. Referencia**

DIMENSÃO	COMPONENTES
<b>SERVIÇO EDUCATIVO</b>	Oferta educativa/formativa
	Outros serviços (Serviço de Psicologia, Serviço Social, Bibliotecas...)
	Comunicação interna
	Participação na tomada de decisão
<b>CULTURA RELACIONAL</b>	Relação escola – pais/ encarregados de educação
	Parcerias e recursos da comunidade



**Anexo 3** - Referencial para recolha de informação no eixo dos Resultados na autoavaliação das escolas



**Tabela 3. Referencial para re**

DIMENSÃO	COMPONENTES
<b>CLASSIFICAÇÕES</b>	Classificações Internas
	Classificações Externas
	Comparação entre Classificações Internas e Externas

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

Ex.mo Sr. Presidente do Conselho Executivo

Assunto: Solicitação de autorização para recolha de dados para projeto de investigação

No âmbito de um estudo sobre o *Contributo da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária*, realizado para a elaboração de uma dissertação de Mestrado em Docência e Gestão da Educação, ramo Administração Escolar e Administração Educacional, da Universidade Fernando Pessoa, sob a orientação da Professora Doutora Luísa Saavedra, venho por este meio solicitar a colaboração da escola, a cujo órgão de gestão V.<sup>a</sup> Exa. preside, para proceder à minha investigação nessa instituição, garantindo a confidencialidade da escola, dos professores envolvidos e dos encarregados de educação participantes, no projeto de investigação e em qualquer artigo publicado que decorra do estudo.

Para a realização do estudo será necessário proceder à recolha de dados relativos ao processo de autoavaliação da escola e da participação dos encarregados de educação nas atividades da escola, assim como a realização de entrevistas de opinião a três encarregados de educação, à Representante dos encarregados de educação no Conselho da Comunidade Educativa e à Coordenadora da equipa de autoavaliação da escola.

Quando o trabalho de investigação estiver concluído, será oferecido à escola um exemplar do respetivo estudo.

Na expectativa de uma resposta favorável, subscrevo-me com os melhores cumprimentos, agradecendo toda a atenção dispensada.

A investigadora responsável

---

*(Verónica Susana Martins Alves e Neves)*

## Anexo 5 – Quadro de Operacionalização e Contextualização

<b>Abordagem Qualitativa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É consensual o contributo da parceria entre as famílias e a escola para a qualidade educativa. Contudo, a literatura aponta para um decréscimo do envolvimento da família no ensino secundário (Simon, 2004), não obstante este ser crucial para a melhoria educativa, através da autoavaliação.</li> <li>• Inexistência de estudos que visam articulação entre a participação da família na escola e o processo de autoavaliação no ensino secundário.</li> <li>• Apesar de vários documentos oficiais (Constituição da República Portuguesa, 1976, e Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986) apelarem à promoção de comportamentos participativos na gestão das escolas, a ação diária na escola não inclui práticas colaborativas, mas relações de poder, em que um grupo (escola) impõe aos outros a definição dos contextos, dos conteúdos e das regras que regulam as relações entre os diferentes agentes.</li> </ul>	<p>P1- Quais as funções e responsabilidades assumidas pela escola e pelos Enc. Ed. na organização escolar de uma escola secundária?</p> <p>P2- Qual a importância atribuída à cooperação escola/família pela escola no processo de autoavaliação?</p> <p>P3- Qual o impacto e o grau da participação das famílias no processo de autoavaliação da escola e na melhoria educativa da mesma?</p> <p>P4- Que estratégias poderão ser aplicadas para melhorar a participação dos Enc.Ed. na gestão escolar?</p>	<p>C1- Relação escola – Enc.Ed.;</p> <p>C2- Perceção sobre funções da família e da escola na organização escolar;</p> <p>C3 - Perceção sobre responsabilidades da família e da escola na organização escolar;</p> <p>C4- Participação dos pais na gestão da escola</p> <p>C5- Estratégias de melhoria da participação dos Enc. Ed. na gestão da escola</p> <p>C6- Importância da participação dos Enc. Ed. na autoavaliação de escola;</p> <p>C7- Perceção sobre o impacto e o grau da participação dos Enc. Ed. na autoavaliação de escola;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevistas a:             <ul style="list-style-type: none"> <li>- 3 Enc.Ed. (10º, 11º e 12º)</li> <li>- Representante dos Enc. Ed. no Conselho da Comunidade Educativa</li> <li>- Coordenadora da equipa de autoavaliação da escola</li> </ul> </li> <li>• Guiões de entrevista validados por peritos:             <ul style="list-style-type: none"> <li>Bloco I- perfil do entrevistado ( percurso profissional e prática educativa)</li> <li>Blocos II a IV - informação para Categorias C1 a C7</li> </ul> </li> </ul>
------------------------------	--	---	--	---

## **Anexo 6 – Guião de Entrevista a Encarregados de Educação**

### ***CONTEXTUALIZAÇÃO***

No decurso da investigação no mestrado em Docência e Gestão da Educação, no ramo Administração Escolar e Administração Educacional, subordinado ao tema *Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária* venho, por este meio, solicitar a sua colaboração na recolha de informação através de uma entrevista semiestruturada.

Trata-se de um estudo sobre o grau e o impacto da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da maior escola secundária do país e na melhoria da qualidade educativa da mesma. Esta pesquisa de investigação está a ser realizada na Universidade Fernando Pessoa, Porto, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Luísa Saavedra, e na qual se pretende:

O1- Identificar as funções da família e da escola na organização escolar de uma escola secundária.

O2 – Identificar a importância da participação dos encarregados de educação na gestão da escola.

O3 – Conhecer o impacto da participação das famílias no processo de autoavaliação da escola e na melhoria educativa da mesma.

O4 - Identificar estratégias para melhorar a participação dos encarregados de Educação na gestão escolar.

Com este trabalho pretendemos perceber qual o papel assumido pela escola e pelos pais neste processo participativo e quais os deveres e direitos dos Encarregados de Educação no processo de autoavaliação da escola. A abordagem das funções da família e da escola parece-nos fundamental, para perceber como é entendido o conceito, contextos e conteúdos da participação na gestão democrática e questionar a forma como as diferentes responsabilidades da escola e da família são tratadas no contexto da autoavaliação escolar. Saber o modo como os pais fazem uso dos seus direitos e como se processa efetivamente a participação da mesma na escola, nomeadamente, no processo de autoavaliação, surge como uma prioridade.

As entrevistas são constituídas por três blocos. O bloco I está relacionado com a perceção sobre a relação entre escola e família, no que respeita as funções e responsabilidades da família e da escola na organização escolar; o bloco II aborda a

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

importância da participação dos Enc. Ed. na organização escolar e o bloco III trata a percepção sobre a importância, grau e impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola.

### ***GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA***

**Entrevistados:** Encarregados de Educação

**Tema:** O contributo da participação dos encarregados de educação no processo de autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária.

**Objetivo geral:** Conhecer o grau e o impacto da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola e na melhoria da qualidade educativa da mesma.

**Legitimação da entrevista:**

- ✘ Informar sobre o objetivo da entrevista
- ✘ Solicitar a colaboração, explicitando a importância da sua intervenção
- ✘ Indicar o tema da entrevista
- ✘ Garantir a confidencialidade
- ✘ Solicitar autorização de gravação da entrevista e assinatura da declaração de consentimento informado.

<b>Blocos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Questões</b>
<b>I -</b> Relação escola/família - funções e responsabilidades das duas instituições na organização escolar	Recolher informações que evidenciem a percepção do entrevistado sobre a relação escola/família - funções e responsabilidades das duas instituições na organização escolar	<ul style="list-style-type: none"><li>✘ No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família?</li><li>✘ Para si, quais são as funções e responsabilidades dos encarregados de educação e da escola ?</li></ul>
<b>II-</b> Importância da participação dos encarregados de educação na organização escolar	Recolher informações que evidenciem a percepção do entrevistado sobre a importância da participação da família na organização escolar	<ul style="list-style-type: none"><li>✘ Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão da escola? De que forma ?</li><li>✘ O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar?</li></ul>

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

<p><b>III</b> - Importância e impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola</p>	<p>Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância e o impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✘ Tem conhecimento do processo de autoavaliação da escola? Como?</li> <li>✘ Quais são as vantagens da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola?</li> <li>✘ Na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo contribui para a melhoria educativa da escola? De que forma?</li> <li>✘ Deseja acrescentar algo?</li> </ul>
---	---	--

(Balseiro, L. (2009), A Participação dos Pais/EE na Escola “ que Realidade ... ”. Aveiro, Universidade de Aveiro; Feiteira, M. (2007). *A participação dos Encarregados de Educação na Organização Escolar*. Aveiro, Universidade de Aveiro; Freitas, P. (2011). *Família e Ensino Secundário – A Colaboração e Participação nas Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira*. Funchal, Universidade da Madeira; Oliveira, M.C. (2010). *Relação Família-Escola e Participação dos Pais*. Porto, Instituto Superior de Educação e Trabalho.)

***Obrigada pela sua colaboração***

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Anexo 7 – Guião de Entrevista a Representante dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa

### ***GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA***

**Entrevistado:** Representante dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa

**Tema:** O contributo da participação dos encarregados de educação no processo de autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária.

**Objetivo geral:** Conhecer o impacto da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola e na melhoria da qualidade educativa da mesma.

**Legitimação da entrevista:**

- ✗ Informar sobre o objetivo da entrevista
- ✗ Solicitar a colaboração, explicitando a importância da sua intervenção
- ✗ Indicar o tema da entrevista
- ✗ Garantir a confidencialidade
- ✗ Solicitar autorização de gravação da entrevista e assinatura da declaração de consentimento informado.

<b>Blocos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Questões</b>
<b>I</b> – Experiência Profissional	Recolher informações que possam influenciar a linha de pensamento do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"><li>✗ Há quanto tempo é Representante dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa?</li></ul>
<b>II</b> - Relação escola/família - funções e responsabilidades das duas instituições na organização escolar	Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a relação escola/família - funções e responsabilidades das duas instituições na organização escolar	<ul style="list-style-type: none"><li>✗ No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família?</li><li>✗ Para si, quais são as funções e responsabilidades dos encarregados de educação e da escola ?</li></ul>

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

<p><b>III-</b> Importância da participação dos encarregados de educação na organização escolar</p>	<p>Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância da participação da família na organização escolar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✘ Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão da escola? De que forma ?</li> <li>✘ O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar?</li> </ul>
<p><b>IV-</b> Importância e impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola</p>	<p>Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância e o impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✘ Tem conhecimento do processo de autoavaliação da escola? Como?</li> <li>✘ Quais são as vantagens da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola?</li> <li>✘ Na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo contribui para a melhoria educativa da escola? De que forma?</li> <li>✘ Deseja acrescentar algo?</li> </ul>

(Balseiro, L. (2009), A Participação dos Pais/EE na Escola “ que Realidade ... ”. Aveiro, Universidade de Aveiro; Feiteira, M. (2007). *A participação dos Encarregados de Educação na Organização Escolar*. Aveiro, Universidade de Aveiro; Freitas, P. (2011). *Família e Ensino Secundário – A Colaboração e Participação nas Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira*. Funchal, Universidade da Madeira; Oliveira, M.C. (2010). *Relação Família-Escola e Participação dos Pais*. Porto, Instituto Superior de Educação e Trabalho.)

***Obrigada pela sua colaboração***

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Anexo 8 - Guião de Entrevista a Coordenador da equipa de autoavaliação da escola.

### ***GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA***

**Entrevistados:** Coordenadora da equipa de autoavaliação da escola.

**Tema:** O contributo da participação dos encarregados de educação no processo de autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária.

**Objetivo geral:** Conhecer o impacto da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola e na melhoria da qualidade educativa da mesma.

**Legitimação da entrevista:**

- ✗ Informar sobre o objetivo da entrevista
- ✗ Solicitar a colaboração, explicitando a importância da sua intervenção
- ✗ Indicar o tema da entrevista
- ✗ Garantir a confidencialidade
- ✗ Solicitar autorização de gravação da entrevista e assinatura da declaração de consentimento informado.

<b>Blocos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Questões</b>
<b>I</b> – Experiência Profissional	Recolher informações que possam influenciar a linha de pensamento do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"><li>✗ Há quanto tempo é Coordenadora da equipa de autoavaliação da escola?</li><li>✗ Possui formação específica em avaliação escolar?</li></ul>
<b>II</b> - Relação escola/família - funções e responsabilidades das duas instituições na organização escolar	Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a relação escola/família - funções e responsabilidades das duas instituições na organização escolar	<ul style="list-style-type: none"><li>✗ No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família?</li><li>✗ Para si, quais são as funções e responsabilidades dos encarregados de educação e da escola ?</li></ul>
<b>III</b> - Importância da participação dos encarregados de educação na	Recolher informações diversas que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância da participação da família na	<ul style="list-style-type: none"><li>✗ Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão da escola? De que forma ?</li><li>✗ O que poderá ser feito para melhorar a</li></ul>

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

organização escolar	organização escolar	participação das famílias na gestão escolar?
IV - Importância e impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola	Recolher informações diversas que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância e o impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>✖ Os encarregados de educação têm conhecimento do processo de autoavaliação da escola? Como?</li> <li>✖ Quais são as vantagens da participação dos encarregados de educação na autoavaliação?</li> <li>✖ Na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo contribui para a melhoria educativa da escola? De que forma?</li> <li>✖ Deseja acrescentar algo?</li> </ul>

(Balseiro, L. (2009), A Participação dos Pais/EE na Escola “ que Realidade ... ”. Aveiro, Universidade de Aveiro; Feiteira, M. (2007). *A participação dos Encarregados de Educação na Organização Escolar*. Aveiro, Universidade de Aveiro; Freitas, P. (2011). *Família e Ensino Secundário – A Colaboração e Participação nas Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira*. Funchal, Universidade da Madeira; Oliveira, M.C. (2010). *Relação Família-Escola e Participação dos Pais*. Porto, Instituto Superior de Educação e Trabalho.)

***Obrigada pela sua colaboração***

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

Anexo 9 - Pedido de Validação das Entrevistas

**Validação de entrevista por peritos**

No decurso da investigação no mestrado em Docência e Gestão da Educação, no ramo Administração Escolar e Administração Educacional, subordinado ao tema *Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária* venho, por este meio, apresentar para validação três dos instrumentos de recolha de informação: Entrevista semiestruturada a um Encarregado de Educação de cada ano de escolaridade (10º, 11º e 12º anos), Entrevista semiestruturada ao Representante dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa e Entrevista semiestruturada ao Coordenador da Equipa de Autoavaliação.

Trata-se de um estudo sobre o grau e o impacto da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da maior escola secundária do país e na melhoria da qualidade educativa da mesma. Esta pesquisa de investigação está a ser realizada na Universidade Fernando Pessoa, Porto, sob a orientação da Prof. Doutora Luísa Saavedra, e na qual se pretende:

O1- Identificar as funções da família e da escola na organização escolar de uma escola secundária.

O2 – Identificar a importância da participação dos encarregados de educação na gestão da escola.

O3 – Conhecer o impacto da participação das famílias no processo de autoavaliação da escola e na melhoria educativa da mesma.

O4 - Contribuir para a implementação de um projeto que minimize as dificuldades encontradas no aumento do conhecimento científico sobre a temática em causa.

Com este trabalho pretendemos perceber qual o papel assumido pela escola e pelos pais neste processo participativo e quais os deveres e direitos dos Encarregados de Educação no processo de autoavaliação da escola. A abordagem das funções da família e da escola parece-nos fundamental, para perceber como é entendido o conceito, contextos e conteúdos da participação na gestão democrática e questionar a forma como as diferentes responsabilidades da escola e da família são tratadas no contexto da

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

autoavaliação escolar. Saber o modo como os pais fazem uso dos seus direitos e como se processa efetivamente a participação da mesma na escola, nomeadamente, no processo de autoavaliação, surge como uma prioridade.

As entrevistas são constituídas por três blocos. O bloco I está relacionado com a perceção sobre a relação entre escola e família, no que respeita as funções e responsabilidades da família e da escola na organização escolar; o bloco II aborda a importância da participação dos Enc. Ed. na organização escolar e o bloco III trata a perceção sobre a importância, grau e impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola.

### Entrevista aos Encarregados de Educação

**Questão 1** – No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a relação escola/família).

Avaliação da Questão 1

Itens / Opções de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 2** – Para si, quais são as funções e responsabilidades dos encarregados de educação, em primeiro lugar, e em segundo lugar, da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre as funções e responsabilidades de cada instituição para com a outra).

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Avaliação da Questão 2

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 3** – Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão escolar? De que forma? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância da participação da família na organização escolar).

Avaliação da Questão 3

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 4** – O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre estratégias para a participação da família na organização escolar).

Avaliação da Questão 4

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 5** – Tem conhecimento do processo de autoavaliação da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre o processo de autoavaliação de escola).

Avaliação da questão 5

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 6** – Quais são para si as vantagens da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola)? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância, grau e impacto da participação da família na autoavaliação de escola).

Avaliação da questão 6

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 7** – Na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo contribui para a melhoria educativa da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância, grau e o impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola).

Avaliação da questão 7

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

<b>Apreciação global da entrevista</b>		
<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente/ Excessivo</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Eficácia (responde aos objetivos)		x
Eficiência (extensão)		x
Completude		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

### **Entrevista ao Representante dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa**

**Questão 1** – Há quanto tempo é Representante dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que possam influenciar a linha de pensamento do entrevistado)

Avaliação da questão 1

<b>Itens/ Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 2** – No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a relação escola/família)

Avaliação da Questão 2

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 3** – Para si, quais são as funções e responsabilidades, em primeiro lugar, dos encarregados de educação e em segundo lugar da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre as funções e responsabilidades de cada instituição para com a outra)

Avaliação da Questão 3

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 4** – Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão escolar? De que forma? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância da participação da família na organização escolar).

Avaliação da Questão 4

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 5** – O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre estratégias para a participação da família na organização escolar).

Avaliação da Questão 5

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 6** – Tem conhecimento do processo de autoavaliação da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre o processo de autoavaliação de escola).

Avaliação da questão 6

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 7** – Quais são para si as vantagens da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola)? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância, grau e impacto da participação da família na autoavaliação de escola).

Avaliação da questão 7

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 8** – Na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo contribui para a melhoria educativa da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância, grau e o impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola).

Avaliação da questão 8

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

<b>Apreciação global da entrevista</b>		
<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente/ Excessivo</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Eficácia (responde aos objetivos)		X
Eficiência (extensão)		X
Completude		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Entrevista ao Coordenador da Equipa de Autoavaliação da Escola**

**Questão 1** – Há quanto tempo é Coordenadora da equipa de autoavaliação da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que possam influenciar a linha de pensamento do entrevistado)

Avaliação da questão 1

<b>Itens/ Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 2** – Possui formação no âmbito da autoavaliação? Qual? (objetivo da questão: Solicitar informações para identificação do perfil profissional)

Avaliação da questão 2

<b>Itens/ Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 3** – No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a relação escola/família)

Avaliação da Questão 3

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 4** – Para si, quais são as funções e responsabilidades, em primeiro lugar, dos encarregados de educação e em segundo lugar da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre as funções e responsabilidades de cada instituição para com a outra)

Avaliação da Questão 4

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 5** – Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão escolar? De que forma? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância da participação da família na organização escolar).

Avaliação da Questão 5

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 6** – O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre estratégias para a participação da família na organização escolar).

Avaliação da Questão 6

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 7** – Os encarregados de educação têm conhecimento do processo de autoavaliação da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre o processo de autoavaliação de escola).

Avaliação da questão 7

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

**Questão 8** – Quais são para si as vantagens da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola)? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância, grau e impacto da participação da família na autoavaliação de escola).

Avaliação da questão 8

<b>Itens / Opções de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 9** – Na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo contribui para a melhoria educativa da escola? (objetivo da questão: Recolher informações que evidenciem a perceção do entrevistado sobre a importância, grau e o impacto da participação da família no processo de autoavaliação e na melhoria educativa da escola).

Avaliação da questão 9

Itens / Opções de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		x
Compreensão		x
Objetividade		x
Neutralidade		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

Apreciação global da entrevista		
Itens / Opções de resposta	Insuficiente/ Excessivo	Adequado
Apresentação		x
Eficácia (responde aos objetivos)		x
Eficiência (extensão)		x
Completude		x
Aplicabilidade		x
<i>Críticas e sugestões</i>		

Agradeço deste já toda a atenção e colaboração dispensadas na validação destas entrevistas.

Os melhores cumprimentos.

Funchal, dezembro de 2016

A Discente: Verónica Susana Martins Alves e Neves

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

**Anexo 10** – Declaração de Consentimento Informado

## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

*Designação do Estudo (em português):*

-----  
-----

**Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo)** -----  
-----

, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se  
tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de  
fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os  
objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o  
tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo  
pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem)  
serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo  
guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 20\_\_

*Assinatura do participante no projeto:* \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

*Nome:* \_\_\_\_\_

*Assinatura:* \_\_\_\_\_

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Anexo 11** – Transcrição das Entrevistas aos Encarregados de Educação.

**Entrevista EE1 (12/12/2016)**

**Questão 1 – No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família?**

Cada vez maior, dependendo da maneira como a família encara a escola e como vai para a escola, no sentido em que vai e o que é que vai fazer à escola. Às vezes há imiscuidade dos pais, na escola, quando não é necessária. Imiscuir-se em trabalhos que não lhe dizem respeito e depois, não termos a participação ativa naquilo que é proposto aos pais, como seja um, um trabalho efetivo, uma aproximação entre a criança, o adolescente, no caso o adolescente que trabalha, que está no liceu e a escola em si. Portanto, há vários; as abordagens normalmente são feitas no sentido errado. Não vamos porque não temos tempo, não participamos; quando vamos é para reclamar ou porque eventualmente não estamos satisfeitas com aqueles resultados que esperávamos e que achamos que a culpa que é do professor e que nós não nos aproximamos e a culpa é da escola.

**Questão 2- Para si, quais são as funções e responsabilidades dos encarregados de educação, em primeiro lugar, e em segundo lugar, da escola?**

Função dos pais será continuar...começa na família a formação e a educação. À escola compete, normalmente, a formação. Nós tentamos, como pais, e contra mim falando, que a escola forme e eduque ao mesmo tempo. Portanto, e não separamos nunca a formação e a educação. Cabe-nos a nós como pais continuar aquilo que eventualmente a escola tem para nos transmitir, tem para transmitir aos nossos filhos, tentar acompanhá-los no processo educativo; processo educativo de cultura, de aquilo que eventualmente é progressão da vida deles académica mas, por outro lado, não nos demitirmos nunca da nossa parte como formadores e como educadores em casa como pais; não pondo na escola eventualmente a falta de paciência que temos, a falta de tempo que temos e não conseguimos nunca conciliar o que é que são as nossas obrigações, onde é que começam a nossas obrigações, onde é que começam as da escola. E normalmente baralhamos as duas. Baralhamos porque achamos que a escola tem que continuar a ser um pilar, que é o pilar da educação, quando o pilar da educação começa em casa. Portanto, eventualmente a nossa falta de tempo, a nossa falta de

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

conhecimentos, muitas vezes do que se passa na escola, a nossa falta de, não é de interesse em relação aos nossos filhos, mas a nossa falta de tempo para lhes dar tudo e mais alguma coisa, leva-nos a que nós nos esquecemos que a escola também precisa de nós como apoio de pais, que eventualmente têm problemas com filhos, e que têm maneiras de ajudar a escola, quando ela também necessita de nós. Portanto, acho que tanto pais e escola fazem um complemento. Complemento que normalmente nunca está na mesma sintonia. Portanto, para os pais a escola serve para colmatar as nossas falhas e a escola acha que os pais eventualmente estão-se a demitir das funções que deviam de ter.

### **Questão 3- Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão da escola? De que forma?**

Como encarregada de educação, acho que não devo, que devo de participar na escola quando ela me chama a ela. Quando eventualmente o diretor de turma, pessoa encarregada que eu ponho confiança nas mãos do meu filho, eventualmente o diretor de turma, uma educadora de apoio, o diretor da escola, que me ponha a par de situações que, eventualmente, que me devem ser transmitidas. É essa parte que é importante em relação à escola. Agora, os pais imiscuïrem-se na vida da escola, em termos participativos o que é que eu acho que é melhor para o meu filho: acho que a disciplina A que era melhor, acho que deviam ter isto ou deviam ter aquilo, que deviam gerir as coisas desta maneira ou não deviam gerir daquela, que deviam ter mais cursos, que estes não interessam, que deviam de...trabalhar mais horas dos que aquelas que trabalham. Portanto, esse tipo de situações os pais não se devem imiscuir. Portanto, a escola tem de ser, um bocadinho resguardar-se daquilo que os pais às vezes pensam que podem querer e mandam. Mas, não pode ser. Portanto, a escola tem que ter alguma função, os pais têm que ter um limite. Se bem que seja importante a sua participação, a participação é sempre, deve ser limitada pela escola.

### **Questão 4- O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar?**

Da vossa parte eu acho que se faz muito. Da nossa parte, como pais, fazemos pouco. Porque eventualmente, não estava preparada. Eventualmente estava à espera de

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

um liceu estanque, fechado, em que não tivesse a abertura que tenho com a diretora de turma, que me telefona quando a minha filha não vai, precisa de justificar faltas quando não esteve, se faltou, porquê que está doente. Quando eu vejo isto numa escola, numa creche, numa pré, num infantário eu acho perfeitamente normal. Quando no liceu, à partida, nós imaginamos aquela casa muito grande, estanque, distante em que o professor está lá no tal pedestal que não fala com o pai a não ser na reunião de turma, na reunião em que vai para lhe dar as notas. Curta, que normalmente são sempre períodos curtos, que nos pais acabam por não participar no dia de atendimento que lhes é devido, porque não têm tempo, não têm disponibilidade, porque a vida é muito complicada, porque queremos dar tudo aos nossos filhos e depois damos-lhe tudo menos afeto, tudo menos o nosso tempo devido e o nosso tempo útil e damos-lhe...

### **Ou seja, por ser uma escola secundária pressupunha-se uma relação muito mais distante...**

completamente mais distante... enquanto tem sido uma agradável surpresa de todas as escolas. A partir do momento em que sai de uma primária, no 1º ciclo, tanto no 1º ciclo como no 2º ciclo, a atenção das escolas em relação aos pais, em relação às crianças está perfeitamente focada naquilo que é o essencial da escola tem de estar. Está atenta a um problema que a criança tem, se há isto e isto para resolver, a escola está atenta. Portanto, não se demite nunca da função que nós achamos que numa escola grande que cada um por si e que eventualmente os professores estão lá por estar. Mas não estão. Quando a maior parte dos professores está...estão ali por que gostam, estão ali por brio, estão ali porque realmente querem que os seus alunos sejam brilhantes, sejam bons naquilo que, e preocupados com eles. Que cada vez mais isso é importante, e cada vez menos se vê isso nas escolas. Às vezes quando nós falamos... Quando os pais falam de escolas particulares e de escolas oficiais, que o particular é muito mais atento porque tem muito mais tempo e tem muito mais a proximidade, a escola pública... nós temos o exemplo de uma escola pública realmente fantástica. Não posso dizer aquilo que não conheço. No continente como é que será, se calhar, a nossa proximidade aqui, também a nossa área pequenina às vezes consegue fazer milagres. Que eventualmente em centros grandes, em grandes áreas, que não seja tão possível isso. Consegue-se fazer por exemplo, e não sei se conhece o caso da escola de Constância, que é o exemplo do suprassumo da

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

escola com melhor avaliação no continente. Mas quando falamos de Constância falamos de uma área, entre Abrantes e Constância, estamos a falar num raio de 25 km. Nós aqui na ilha estamos mais de 25km, mas estamos ainda mais próximos. Portanto, quando falamos de uma escola com proximidade, no continente, falamos só de uma. Agora quando falamos de grandes áreas não é fácil. Aqui eventualmente conseguimos ter essa proximidade, no fundo, entre pais e entre escola, porque no fundo, o próprio, a própria situação geográfica permite um bocado isso. Portanto, a nossa proximidade acaba por ser um bocadinho, uma ajuda. Acho que tem ... e também a maneira como nós encaramos as coisas. O nosso útil que nós perdemos, sim senhora, a corrigir trabalhos, mas não perdemos três horas numa via rápida. Portanto, é essa proximidade que nos permite à professora e a mim telefonarmo-nos ao fim de semana e podermos falar ao final do dia. Que ninguém faz isso. Percebe? Portanto, não basta às vezes também só termos boa vontade. Às vezes temos de ter disponibilidade, e realmente tem um bocadinho a ver não só ... eu acredito que haja muitos bons professores noutros lados, mas que realmente bons professores nós temos aqui, na nossa região, temos. Temos e temos pessoas muito, muito próximas das crianças, principalmente isso. E que vejo que em proximidade de adolescentes não estava e tem sido a agradável surpresa que não estar à espera que o liceu, que eu o via como lembro do meu liceu, que era ali aquele estanquezinho, que só chamava o meu pai quando eu me portava muito muito mal! Mas era preciso ser muito, muito, muito, muito mal! Normalmente não mandava, mandava-se as faltas para casa. Agora, eventualmente tem-se o cuidado de ao fim do terceiro e quarto dia já estamos a, a saber o que se passa. Também era um bocadinho aquela, aquele distanciamento dos professores, do senhor professor, e que neste momento agora a nossa proximidade com as crianças é completamente diferente. Aquela nossa abordagem do faz bem, aquele falar de pai para filho é uma coisa que realmente se consegue e se consegue na escola onde você trabalha.

### **Questão 5- Tem conhecimento do processo de autoavaliação da escola?**

Tenho. Como encarregada de educação só tive conhecimento dela, naquela altura em que iniciámos o ano letivo, logo em setembro. Portanto, foi das primeiras vezes que tive reuniões com a diretora de turma, que também me deu esse conhecimento.

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Então, foi informada formalmente pela diretora de turma sobre o processo de autoavaliação?**

Sim.

**Questão 6 – Quais são para si as vantagens da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola?**

Como digo, é um pau de dois bicos na escola e na autoavaliação. Tudo depende da consciência de quem está a fazer uma autoavaliação e da consciência do pai que está a fazê-lo. Porque eventualmente, como lhe dizia, aquilo como lhe disse atrás, há pais que não percebem onde é que começa o limite da intervenção na escola e que o processo de autoavaliação da escola, para muitos servirá para críticas formativas e outros servirá para críticas que não há nada faça. Portanto, criticar por criticar. Eu gostaria que o meu filho tivesse isto, ou fizesse isto ou que comemorasse mais aulas, que estivesse aqui vinte horas, que tivessem mais atividades, que tivessem, portanto... Às vezes os pais exigem da escola aquilo que não é exequível.

**Mas ao ser informado do processo de autoavaliação é, por exemplo, ter noção que existem pontos de melhoria, que a escola identificou os seus pontos fortes e a suas áreas a trabalhar... e que existem pontos de melhoria a trabalhar... até que ponto há uma vantagem do encarregado de educação nessa participação, nessa avaliação?**

A minha experiência é que normalmente, a participação dos pais, nessa parte, tem sido sempre negativa. Não tem sido uma parte positiva, não tem sido uma parte de estimulação ou continuação do processo. Tem sido sempre uma parte destrutiva em relação àquilo que se faz. Acho que os pais acham que este tipo de situações é para nós carpirmos como se fôssemos carpideiras, vamos carpir as nossas desgraças. Portanto, aquilo que nós pretendemos da escola, que nós na nossa cabeça não imaginamos, é aquilo que nós vemos para nós. O meu bem estar, o bem estar do meu filho, não é dos filhos dos outros. Eu quero para o meu isto. Então, às vezes não é o melhor caminho. Ou seja, é obrigatória a participação dos pais, os pais é que eventualmente às vezes não sabem como participar.

**Questão 7 – Então, na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo, contribui para a melhoria educativa da escola?**

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

É como lhe digo, tudo depende do grupo de pais que eventualmente tem. Fez, fez uma seleção do número de pais para fazerem a avaliação e fez um inquérito e normalmente depois do inquérito feito, é que quando olhamos para aquilo, às vezes, temos agradáveis e desagradáveis surpresas. Aquilo que eventualmente nós pensamos que os pais acham, que um inquérito daqueles é importante para fazer melhorias na escola, sai o tiro pela culatra. E não são as tais melhorias da escola, são o eu quero, posso e mando, e estou-me a imiscuir no trabalho de uma equipa. E não estou a saber por-me no meu lugar. Portanto, essa parte é que às vezes é complicada no processo com os pais. É que os pais não têm a tal noção de que aquilo serve para ajudar os filhos dos outros todos, que serve para ajudar a escola, que serve para elevar a escola, que serve para que a escola seja melhor. Mas não entendem isso. Aquele questionário, às vezes é um relambório de eventualmente aquilo tudo que gostariam que fosse feito, mas não em prole do bem da escola, nem em prole do bem daquilo que é o funcionamento da escola, bem em benefício próprio. Portanto, é essa parte que às vezes em termos de inquéritos é complicado. E a maneira como se faz as perguntas, e as perguntas que são feitas, têm cada vez mais importância. Porque Língua Portuguesa é muito complicado. E aquilo que eventualmente as perguntas que nós pomos, nem são... de vez em quando, lá está o tiro sai-nos pela culatra porque os pais não perceberam. Onde é que começa, onde é que se demite a função de um e começa a função de outro. E que não estão a ajudar a escola a ter, a melhorar o seu desempenho, estão precisamente a fazer o inquérito, a responder ao inquérito, quando se põem no papel eu e eu e eu. Aquilo que nos é dado não é o reflexo daquilo que nós estávamos à espera. Portanto, o que é que nos vai ajudar em termos de inquérito? Às vezes nada. Não é? Portanto, as perguntas que eventualmente, cada vez mais... a maneira como fazemos as perguntas, o formulário das perguntas é que se calhar é importante saber se nós estamos a dirigir-nos a todos os pais, ou temos um público-alvo e escolhemos meia-dúzia deles, que também não, não será aquilo que se pretende... não é... portanto é o público todo. Agora aquele público todo, não estamos a falar, nem podemos dizer assim, olhe aquele senhor não entendeu porque não tem formação. Não, não. É que normalmente quem mais formação tem são aquele que é mais mal formado. Mais mal educado. Aquele que eventualmente não responde àquilo que lhe é pedido, nem responde àquilo, que é o questionário. Portanto, às vezes, é como digo, as pessoas às vezes não entendem como um serviço, aquilo que estão a fazer que

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

seja um serviço para o bem público, para o bem do ensino e para o bem do futuro dos filhos, dos deles, dos outros e para uma geração próxima, que vão ter netos com certeza. Não. Acho que eventualmente corremos o risco numa avaliação de escola de termos um inquérito que vem completamente o oposto daquilo que nós pretendemos.

### **Gostaria de acrescentar alguma coisa?**

Gostaria que eventualmente os pais, se calhar antes de fazermos os inquéritos, não estou a fazer só de inquéritos de autoavaliação, se calhar é preciso explicar ou poder estar mais presente com os pais. Dar uma formação aos pais, para saber como que é feita é uma avaliação da escola, para que é que serve e principalmente como é, os objetivos dela. Porque se nós damos... Quando fazemos um formulário quando entregamos aos pais e estamos à espera da resposta deles para construirmos um gráfico e sem lhes explicarmos o que é que pretendemos, metade deles não percebeu aquilo que está a escrever. Portanto, aquilo que, como dizia, aquilo que nós esperamos será nunca a tal parte construtiva e aquilo que nós pretendemos é elevar o nível da escola, mas eventualmente poderá sair o tiro pela culatra. Porque acho que para fazer uma avaliação, uma autoavaliação de escola é necessário, como nós fazemos uma reunião de turma, um Conselho Pedagógico, chamar, não muita gente, portanto chamar por anos, no caso da vossa escola que é enorme, chamar por anos e fazer uma palestrazinha e explicar bem, bem, bem o que é que se pretende. Porque se não explicarmos bem, bem, bem, se mandarmos só escrito para casa... Acredite naquilo que lhe digo, eu ponho um recado na mochila do seu filho no caderno, ponho um recado na porta, ponho um recado tenho uma professora, olhe está a ver, leia assim. E entrego-lhe três documentos e você não leu nenhum. Assinou de cruz. Portanto, não percebeu o que é que lá estava? E depois telefona-me, a perguntar: olhe a que horas é não sei o quê? A que horas ... ? A maior parte das pessoas está tão distraída, tão pouco interessada naquilo que está a fazer que não tem a noção das respostas que está a dar. E se não for bem elucidado sobre o processo todo, sobre quais são as vantagens que daí vêm, para aquele ano, para os próximos anos, para as gerações futuras, eles não vão entender e vão responder sem cabeça, tronco e membros.

**Muito obrigada pela sua colaboração!**

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

### **Entrevista EE2 (13/12/2016)**

#### **Questão 1 – No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família?**

Deve ser a mais estreita possível. Sempre que há algum problema, primeiramente, é contactar os pais. Muitas vezes, os pais não têm noção daquilo que os filhos andam a fazer ou o que está-se a passar na escola. Por isso, acho que deve ser o mais estreita possível mesmo.

#### **Questão 2- Para si, quais são as funções e responsabilidades dos encarregados de educação, em primeiro lugar, e em segundo lugar, da escola?**

Quanto aos pais, hum, acho que é, hum, (riso) andarem atrás dos filhos, mais ou menos. Não é bem atrás dos filhos, mas a regular, a tentar verificar aquilo que os filhos andam a estudar, o que eles andam a fazer, tanto dentro da escola como nos tempos livres. E... e também se alguma coisa se passa com, com os miúdos, devemos informar sempre o diretor de turma, primeiramente para que informe os outros professores, se assim for o caso, há problemas que os miúdos não conseguem lidar sozinhos. E isso acho que deve ser sempre feito independentemente da relação que os pais tenham... A escola também, acho que a parte mais chata é os pais serem confrontados com problemas, situações que já se passaram mais do que uma vez, e que não era necessário, não digo avisar logo à primeira, mas à segunda não deixar passar e tentar falar com os pais. E...para... porque o papel é esse: uma boa escola requer bons alunos tal como bons alunos requerem bons professores, para serem bons cidadãos na vida.

#### **Questão 3- Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão da escola?**

Na gestão da escola, não.

#### **Não? Porquê, de que forma?**

Não vejo qual é... hum... qualquer pai, independentemente da sua profissão, é um pai primeiramente e toda a gente vai querer mexer na panela a seu favor. E isso não é necessariamente uma coisa boa. Também não é má! Mas, a parte que eu entendo que os pais devem participar é..., é sempre trazer aquele ponto de vista de que todos nós,

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

como temos filhos, podermos participar a favor de algum aluno ou, numa situação em concreto. Não é... na gestão.

**Na gestão, não?**

Não vejo qual é a necessidade. Isso às vezes é... muitas vezes o que se verifica dos pais que participam são professores. São pais, cuja profissão é a docência. Resultado: eu não acho que seja muito bom. Por um lado é bom, porque que o pai vai tirar, se for professor, não vai tirar tanto pelo... pela situação que ocupa ou outra... vai ver sempre a perspectiva em qualquer profissão. Isso...

**Ok. Ok. Há uma mistura que não deve ser feita...**

Eu acho que não. É muito perigosa. É como tudo na vida. Há o ser íntegro, justo e honesto, e muitas vezes a parte... o justo e honesto ainda vá que não vá, a integridade é quase impossível quando... ninguém venha me dizer que consegue se manter íntegro... não. Das duas uma ou não é um bom pai ou não é um bom professor, não sei... isso aí... não vejo as coisas... acho que se deve manter sempre uma certa imparcialidade.

**Questão 4- O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias, senão na gestão, na escola?**

Isso já não sei.

**Ela deve existir?**

Sim, ela deve existir. Isso deve existir.

**Porque a gestão é muito geral. A gestão não é só...**

Mas é assim tão abrangente? Eu acho que não é. Não é, não é.

**Então, não se poderia melhorar a participação das famílias?**

Pode-se melhorar.

**Então, essa participação deve ser feita exatamente em quê?**

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Ai. Como podemos contribuir para ajudar a escola é ter melhores...melhores condições... e...

**E isso não é gestão?**

É gestão, mas não é... que seja feita uma parte, uma parte voluntária livre, não é aquela coisa da pessoa ser obrigada a fazer sempre sempre e serem os mesmos sempre a colaborar, a fazer.

**Questão 5- Tem conhecimento do processo de autoavaliação da escola?**

Não.

**Nunca recebeu nenhuma informação, como encarregada de educação, do processo de autoavaliação da escola?**

Não, não.

**Questão 6 – Quais são, na sua opinião, as vantagens da participação dos encarregados de educação no processo de autoavaliação da escola?**

As vantagens são inúmeras, são muito boas, tem muitas. Uma escola é feita, não é só das notas dos miúdos, mas também do passa palavra dos pais. Se os pais acreditam que a escola é a melhor, efetivamente não interessa o ranking, até pode estar em segundo ou terceiro lugar, que se nós considerarmos a melhor é nessa que vamos colocar os nossos filhos. Até porque conhecemos metade dos professores e metade das pessoas que trabalham mais, condições da escola, e não é tanto o ranking que interessa nem, nem o horário escolar. Seja na parte da manhã ou na parte da tarde.

**Então, a relação com a autoavaliação da escola...**

A vantagem da participação dos pais é essa, é essa é uma das melhores mesmo. É o facto de nós podermos sempre ser familiares e amigos e escolher a escola que nós consideramos ser a melhor realmente.

**Questão 7 – Então, na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo, contribui para a melhoria educativa da escola?**

Sim.

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Para a forma como a escola está organizada educativamente? De que forma?**

De que forma...

**De que forma é que pode contribuir?**

Porque tal como em todas as empresas, se algo não está muito bom, geralmente quem está de fora consegue ver a perspetiva maior e melhor e pode sempre dar o seu contributo, seja na positiva, uma crítica construtiva e dizer aspetos a serem melhorados.

**Gostaria de acrescentar alguma coisa?**

Não, não.

**Muito obrigada pela sua colaboração!**

**Entrevista EE3 (15/12/2016)**

**Questão 1 – No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família?**

Penso que deve ser o mais próxima possível e o mais interveniente possível. Penso que para bem da instituição e dos alunos, penso que devia ser muito melhor do que agora.

**Questão 2- Para si, quais são as funções e responsabilidades dos encarregados de educação, em primeiro lugar, e em segundo lugar, da escola?**

Tendo em conta que esta é uma escola secundária, há que haver alguns cuidados porque os alunos já são, já têm, começam a ter uma idade e começam a ser responsáveis pelo seu ano, pela sua escolaridade, pelo seu estudo. No entanto, acho que os pais devem, uma das preocupações deve ser acompanhar os filhos mesmo nesta fase secundária, atribuir-lhes responsabilidades, mas estar sempre em cima com o horário, com faltas, com o trabalho que têm de fazer, com disciplina. Acompanhar também junto dos professores, do diretor de turma como é que se estão a desenrolar as coisas e não esquecer quando são alertados para alguma coisa devida à escola. Penso que essa parte é a parte essencial para haver uma boa relação entre o aluno, a escola e os pais. Por que se fizerem essa parte, que é essencial, que é aquilo em que há mais queixas, depois fica mais fácil. Da parte da escola penso que é também dar as condições para o estudo, dar as condições de salas, de ambiente, de disciplina. De controlo também, numa escola

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

grande como esta, ter algum controlo no acesso à escola. E ter a qualidade também, a relação qualidade com os alunos, com os professores, com a qualidade de ensino que é prestada, sem se preocupar só no final do ano por causa das estatísticas.

**Questão 3- Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão da escola? De que forma?**

Acho que é essencial participar. Os pais ficam sempre muito fora da escola e, tendo em conta que a minha educanda esteve numa escola semi-privada, nós fazíamos parte. Os pais faziam parte da gestão, eram muito ouvidos. Se tinham alguma contribuição, alguma sugestão, e era dada sequência a essas críticas positivas ou não. Nesta escola não existe. E penso que era essencial os pais participarem realmente na gestão da escola. Como? É um bocado... Fica mais difícil, porque não há exemplo. Realmente não há exemplo. Não é? Não existe. Tanto quanto eu sei, não existe nada. Mas penso que seria muito útil os pais saberem, os encarregados de educação saberem os currículos, por exemplo, quais são. Quais são os objetivos, serem ouvidos no sentido se aquilo é adaptado, ou se a escola deveria adaptar algumas horas para socialização, para cultura geral, para aplicar o tempo da disciplina não só na parte, digamos, intelectual, na parte académica, mas também ajudá-los a aprender a crescer. Eles estão numa idade de transição, vão entrar para uma universidade e a escola secundária não os prepara, nem a Jaime Moniz preparou, para aquilo que eles vão enfrentar a seguir. São os pais que têm de fazê-lo, também é uma obrigação deles, não é? Mas acho que se os pais tivessem uma ação interventiva na gestão da escola, poderiam exercer essa posição e pressionar mais a direção da escola a elaborar programas que, sem prejudicar o currículo que é obrigatório, que não depende da escola, que depende do Ministério da Educação, mas sem prejudicar isso, se pudesse tornar os alunos, trazer os alunos para o mundo que eles vão enfrentar a seguir, quer seja universitário quer seja laboral, porque há alunos que não vão seguir para a universidade e estão nos profissionais e vão entrar na vida ativa.

**Questão 4- O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar?**

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**(A nível de documentos internos e orientadores da escola, o regulamento interno, o projeto educativo, os próprios órgãos de gestão da escola, há uma participação dos encarregados de educação, há um representante dos encarregados de educação. Mas tendo em conta que na sua opinião que isto não é visível, o que poderá ser feito para melhorar esta participação?)**

Aquilo que existe, existe só por decreto. Está decretado que um pai, uma mãe ou um encarregado de educação, que não tem que ser pai ou mãe, e que não faz nada. E que se quiser fazer alguma coisa, tem muitos entraves. Tem que ter cartas, tem que ter isto, tem que ter aquilo. Não há, não é reconhecida àquela pessoa que foi eleita, o dever, o direito de participar ativamente. É só para cumprir um regulamento que está estabelecido, e mais nada. Nem sequer é encarada, inclusivamente, a forma de conseguir que o encarregado de educação aceite é precisamente dizendo que não é para fazer nada. É só mesmo para cumprir um regulamento. Portanto, para começar por aí. As pessoas tinham que estar consciencializadas que realmente podem ter uma intervenção, que é bem vinda. Por aí, já quem fosse eleito, normalmente são pessoas que se propõem, não é, já estejam conscientes que têm um papel para fazer durante todo o ano. Pode não haver motivo para isso, mas também pode haver. Por outro lado, também acho que deviam sempre participar na parte inicial das atas dos conselhos de turma. Como é que se chamam, conselhos de turma ou não?

### **Sim, sim conselhos de turma**

Antes da parte de atribuição de notas, da discussão das notas porque isso os encarregados de educação não têm que estar presentes, mas num período antes, numa meia hora, num quarto de hora o tempo que fosse, os pais participarem, saberem como correu o trimestre, como é que é a sala, como é que a sala reage, e então falar e tentar ajudar a resolver os problemas que eventualmente tenham ocorrido. E quem diz na atribuição das notas, nas reuniões diz nas reuniões que têm, durante as intercalares, durante o período, eu acho que era muito importante que o representante dos encarregados de educação estivesse presente. Acho que a começar por aí seria depois o desenrolar do próprio encarregado de educação eleito tentar juntar os outros, passar a informação, mandar e-mails, ir comunicando e as pessoas começam a sentir-se informadas, começam a sentir que é importante a sua opinião, a sua contribuição.

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Quer dizer que existe uma figura que é todos os anos é eleita, dentro da própria turma, que é o representante dos encarregados de educação, em que em todas as turmas há um representante. Depois existe outra pessoa que supostamente representa todos estes, mas efetivamente não há um papel exercido da parte dessas pessoas e aparentemente não há comunicação da parte dos órgãos de gestão e da representatividade aos encarregados de educação.**

Não, não há. Está certo. Eu no ano passado fui suplente dos encarregados de educação da sala e não, não soube de nada. Nem sequer quem era o representante dos pais. Portanto, não há informação nenhuma, não há nada. Porque se eu tivesse um problema, mesmo como suplente, quisesse contactar aquele encarregado de educação, que nos representa em determinados órgãos, não saberia, nem sei, não soube durante o ano todo.

Portanto, por outro lado, por vezes, não sei se terá alguma pergunta à frente que seja isso. Por exemplo, no ano passado, no 11º ano, tivemos um problema com a sala, que não era adequada aos nossos educandos e um professor. Quisemos tomar uma posição em relação a isso e não fizemos, não foi possível porque a diretora de turma aconselhou a não fazer, todos os meios e de todo que tomássemos uma posição, alegando que os alunos iam ser prejudicados. Também não vejo como.

**E não passava para além da diretora de turma?**

Não. Não, porque entretanto os pais ficaram assustados. Os encarregados de educação começam a ficar com receio que os filhos ainda vão ficar mais prejudicados do que já estavam e então optam por não fazer nada. Em relação à sala, nesta escola há realmente salas que não são salas para dar aulas a ninguém. E nós também fizemos mal, porque nada foi feito. Deixámos para o final do ano. No final do ano, o que é que acontece, acabou o ano agora já não se faz referência, e os próprios pais alhearam-se da situação.

**E este ano manteve-se a situação da sala?**

Não, porque o professor já não estava e a sala foram para outra. Mas a verdade é que

**Então, estavam naquela sala por causa daquele professor?**

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Não, não, não eram duas situações que nós queríamos resolver e expor à escola que eram: aquele professor não estar a dar aulas ao 11º nem 12º. Fazer formação ou qualquer coisa. Tomar uma posição, não era pô-lo fora. Não éramos nós que queríamos julgar um professor, mas não era uma pessoa capaz para dar o 11º ano, ainda por cima um ano de mudança do currículo. Depois a sala era outra situação, Este ano aconteceu em que numa das salas em que eles têm aulas, um bocado do teto caiu ao lado da minha educanda, não lhe caiu em cima por sorte. Eu acho que se os pais estivessem envolvidos, mais até, se sentissem que podiam fazer alguma coisa, que fariam. Porque no final do ano letivo, fiquei à espera com a encarregada de educação da sala, que as pessoas saíssem da entrega de notas para recolher os dados e fazermos a tal exposição que tínhamos de fazer no final do ano e as pessoas disseram não agora já acabou. Então, os nosso, os outros miúdos que vão vir a seguir vão apanhar com isto tudo? Por que é que nós não podemos fazer alguma coisa para evitar isso? Não estavam interessados. Uma pessoa só não pode fazer nada. Não pode, poderia fazer em meu entender. No entanto, não pode fazer dada toda a circunstância de que nós somos completamente ignorados. Então, não valia a pena estar a fazer duas pessoas uma carta, uma exposição para a secretaria de educação, sem ser visto como sendo uma agressão ou uma afronta à direção da escola.

### **Uma melhoria.**

Porque até é positivo, porque se a escola se preocupa com as médias e as notas, há muita coisa aqui que está falhando. São cursos que são, a saúde por exemplo, são os melhores professores, à partida, não estou, penso que posso estar errada, mas há muito, nota-se muito uma, cuidado maior para determinadas áreas, que a Jaime Moniz tem tido bons resultados e os outros, vamos ver, tudo bem, até a distribuição das salas, ok, percebo que são cursos que podem ter menos alunos, mas não pelo facto de ter menos alunos que têm de ficar prejudicados numa sala onde quase não se consegue respirar e não se consegue andar, para entrar e sair é preciso, não se pode abrir a porta normalmente. Isto...

### **Questão 5- Tem conhecimento do processo de autoavaliação da escola?**

Não. Nada, não sabia sequer que existia.

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Questão 6 – Na sua opinião, tendo em conta que existe um processo de autoavaliação, e autoavaliação no sentido de identificar os principais problemas e criar ações de melhoria no sistema educativo, todo o processo educativo da escola, quais são as vantagens que vê da participação dos encarregados de educação na autoavaliação da escola?**

Exatamente aquilo que eu acabei de dizer anteriormente. Se os encarregados de educação tivessem conhecimento disso, se o encarregado eleito de cada sala auscultasse a opinião dos outros encarregados e soubesse quais seriam as sugestões, tendo o bom senso de diminuir, não diminuir, de limitar aquelas que são realmente questões importantes, as que fazem a diferença. Aí, todo o processo seria agilizado. Porque os professores têm a sua posição, a direção da escola tem a sua posição e os pais têm a sua posição, até por inerência da natureza das suas funções, das suas posições.

**Questão 7 – Neste caso, esta participação dos encarregados de educação traria uma melhoria educativa para escola?**

Eu penso que sim, certamente. Não só porque os pais têm que ter uma opinião daquilo que é dado aos filhos. Se estão acompanhando o processo curricular e o processo de estudo dos filhos sabem bem disso, do que é que a questão de uma crítica de que um aluno passa com um professor e daquilo que é realmente a realidade. Quer dizer, mesmo não estando presente na sala, pelos comentários, pelas notas, por aquilo que se vê de trabalho, é possível ter uma ideia daquilo que está a acontecer. Portanto, se os encarregados de educação tiverem acesso a essas afirmações, claro que podem ajudar imenso, podem dar o seu ponto de vista do lado do aluno e do lado dos pais. O pai tem sempre uma posição diferente, os pais, os encarregados de educação têm sempre uma posição diferente dos educandos. Se forem imparciais, que têm de ser, claro, podem contribuir imenso para que a escola tenha um ambiente completamente diferente e até inclusivamente penso eu nos resultados académicos dos próprios alunos.

**Gostaria de acrescentar alguma coisa?**

Bom, eu gostava que realmente, como este ano é o último ano, espero que este estudo realmente sirva para alertar as pessoas para esta problemática e que esta escola e outras, mas neste caso, esta escola, adote realmente medidas no sentido de encontrar-se

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma  
escola secundária

com os pais, de sair do seu mundo fechado, e não ter receio de dar críticas ou pontos de vista diferentes e descobrir que realmente há um mundo lá fora, que no fundo parece-me que está muito fechado no mundo académico. A própria escola, apesar de ter atividades extracurriculares, de teatro e outras coisas, mas isso são pontos muito pequeninhos para a densidade populacional da escola, é muito restrito. Penso que era importantíssimo que realmente se aproximasse mais da comunidade dos encarregados de educação.

**Muito obrigada pela sua colaboração!**

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Anexo 12** – Transcrição da Entrevista ao Representante dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa

**Entrevista REE (14/12/2016)**

**Questão 1 – Há quanto tempo é representante dos encarregados de educação no Conselho da Comunidade Educativa?**

Há sete anos. Fez sete em finais de Setembro. Começou quando o meu filho entrou no liceu. Depois, ele saiu e entrou a minha filha e a minha filha acabou por ficar mais um ano por causa das disciplinas de Biologia e Físico Química, para fazer melhoria.

**Questão 2- No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família?**

Olhe, em qualquer nível, desde muito novos até inclusive o secundário, deve ser uma relação muito próxima. Porque todas as fases de crescimento, todas inspiram cuidados, preocupações, há muito trabalho para fazer. E este trabalho em parceria com a escola e a escola em parceria com os pais ajuda a ultrapassar alguns problemas que surgem ao longo da formação da criança e do jovem. Porque nós sabemos que todas as fases há sempre momentos mais complexos, próprios do desenvolvimento, não é, próprios do crescimento. E que não há dúvida que este caminho se for feito em parceria, acaba por ser menos complexo para a escola ou para os pais. Portanto, se fizermos em parceria, não é. É claro que um não substitui o outro, não é. Mas, a parceria ajuda muito. Ajuda muito a compreender os problemas que surgem, a ultrapassar alguns medos. Medos dos próprios pais, dificuldades dos professores, também dificuldades dos miúdos, dos jovens. Portanto, esta parceria é fundamental.

**Questão 3- Para si, quais são as funções e responsabilidades, em primeiro lugar, dos encarregados de educação e, em segundo lugar, da escola?**

Bom, em relação aos encarregados de educação, é importante que nós como encarregados tenhamos a consciência que a partir do momento, no dia em que somos pais, somos pais a vida toda. Para os momentos bons e para os momentos menos bons. E que o nosso papel é o mais importante que há na formação do indivíduo. Portanto, o nosso papel é fundamental e é preciso estarmos sempre a acompanhar o nosso educando, o nosso filho, a nossa filha. É importante estar sempre presente. A escola tem

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

um papel fundamental porque, enquanto que os pais é sobretudo na parte da formação do jovem, da criança, do ser humano, a escola também tem um papel importante na formação como cidadão. Não substitui a parte da formação da pessoa, que aí é sobretudo a família, que tem um papel importante. Mas, a escola tem também um papel fundamental também na formação como cidadão, na formação das pessoas. Portanto, acho que quer uma quer outra, tal como disse há pouco a tal parceria, quer uma quer outra complementam-se na formação da pessoa e no cidadão.

**Questão 4- Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão da escola? De que forma?**

Sim, eu acho que é importante. Portanto, a minha experiência no Conselho da Comunidade Educativa tem sido muito positiva. Porque ajuda-me a perceber melhor como é que a escola está estruturada, quais são as dificuldades com que se deparam, quais são os projetos que a escola tem. No Conselho também participam os representantes dos alunos, os representantes do pessoal docente e não docente. Portanto, esta junção dos vários atores, ajuda-nos a perceber melhor e a poder contribuir para uma melhor gestão da escola. Porque, lá está, não se pode dissociar os mundos. Não se pode dissociar o mundo familiar, o mundo do emprego, o mundo da escola. Estes três e mais alguns têm que estar presentes. Portanto, acho que sim, acho que a família pode, os pais podem ter uma participação interessante na gestão da escola. É claro que não terá uma intervenção em tudo, não é. Há certos domínios, que aí não faz sentido. Mas, na parte do planeamento, dos projetos educativos, eu penso que esta intervenção seria benéfica para a formação dos jovens.

**Questão 5- O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar?**

É assim. É preciso haver aqui um trabalho muito rigoroso e muito insistente com as famílias. E por quê? Porque quando os nossos educandos têm três, quatro anos, cinco anos, estão no infantário, jardim de infância os pais estão lá todos. E os pais querem saber de tudo: querem saber qual é o projeto, o que estão a ensinar, o que vão fazer. Querem saber de tudo. Chega-se à primária, os pais continuam a ir, mas pronto, vá. A partir do segundo ciclo já se começa a ver um decréscimo e então no secundário é

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

dramático. Portanto, há pais que não aparecem, pura e simplesmente há pais que só vão para ver as notas, e não mais do que isso e a maioria dos pais dizem que não tem tempo e só se concentram nos resultados do filho. Só se concentram nisso. Quando é importante que os pais percebam que a sua participação não se pode condicionar apenas no resultado das notas. A participação vai além disso. Só que isto também não é só culpa, não é culpa dos pais. É o próprio sistema que está criado.

### **A própria cultura.**

A própria cultura só se centra nas notas e por conseguinte os pais só querem saber das notas. Mais do que isso...

### **As notas ou até mesmo a participação para um bem comum.**

Sim.

### **Para uma ideia comum da escola para todos.**

Sim. Portanto, há aqui um grande trabalho a ser feito. É claro que uma Associação de Pais pode ter um papel importante nesta área. Mas é necessário arranjar pais que queiram. E não é fácil, porque eu própria já tentei...cheguei a ouvir respostas do género “Ah, não tenho tempo”, “Ah, isso não me diz nada, eu prefiro outro tipo de projetos”. Portanto, por vezes é um pouco desmotivante.

### **Há alguma resistência por parte dos pais.**

Há, há. Por conseguinte, eu acho que quem vier a gerir a Associação penso que, juntamente com a escola, deve centrar-se nisso: em sensibilizar, sensibilizar, fazer sessões de sensibilização junto dos pais para explicar qual a importância e passarmos a ver a escola não com os resultados finais que os filhos possam a vir a atingir, não com isso mas no todo. Há tanta coisa que se pode fazer...

### **No crescimento.**

No crescimento, exatamente. Portanto, as pessoas esquecem-se dessa parte. E então, a fase da adolescência, que acontece no secundário, que é uma fase que todos nós sabemos que é muito complexa, há muitas transformações. É uma fase em que a maioria

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

dos jovens, não digo todos, mas a maioria se afasta do mundo dos adultos, para começar os pais, não é. Portanto, é só os amigos é que têm importância, os grupos e isto pode ser nefasto para a formação do jovem. E digo isto com conhecimento de causa, portanto conheço situações aqui. Por conseguinte, acho que é preciso haver muito trabalho de sensibilização.

**Questão 6- Tem conhecimento, tendo em conta o cargo que assume, tem conhecimento do processo de autoavaliação da escola?**

Sim, tenho. Tenho.

**Como?**

Porque eu própria já participei na autoavaliação. Portanto, já participei na equipa, na definição dos indicadores. Portanto, nas questões, na definição das questões. Eu própria já participei. Portanto, acho que é um trabalho muito bom e eu acho que a escola tem vindo a melhorar. Eu lembro-me que um dos principais problemas, no início, tinha a ver com a questão da comunicação. Isso é um problema que se passa em todas as organizações, ou na esmagadora maioria, a questão da comunicação é sempre o primeiro problema ou quase sempre. Mas também lho digo, penso que com o tempo, tem vindo a melhorar. Se está excelente? Provavelmente não. Mas a vida é assim. Vamos melhorando, não é? Mas que melhorou, melhorou.

**Questão 7 – Dentro deste processo de autoavaliação, quais são as vantagens da participação dos encarregados de educação? Especificamente na autoavaliação?**

Na autoavaliação... as vantagens são muitas... são sobretudo na parte das relações humanas. Portanto, a parte das relações é um aspeto porque em que a partir do momento em que a escola está aberta para conversar com os pais, eu penso que aí vemos a grande vantagem. Eu, por exemplo, não tenho razões de queixa, com as diretoras, acho que foram todas mulheres, as diretoras de turma dos meus filhos. Portanto, devo dizer que eu notei diferença em relação ao anterior ciclo com o secundário com aquilo que eu vivi na Jaime Moniz. Devo dizer-lhe que...

**Num aspeto negativo?**

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Muito positivo, em relação à Jaime Moniz. Portanto, é a minha experiência em relação aos diretores de turma. Portanto, sempre tive uma boa relação com as pessoas. As pessoas sempre tiveram um comportamento amigável, muito preocupado e eu penso que esta questão da avaliação, estes aspetos são importantes. Os pais precisam de se sentirem que são ouvidos, que são acarinhados, que são bem vindos. Portanto, eu acho que esta avaliação, penso que, também nesse aspeto, em relação, claro que falo no meu caso em particular, mas também já ouvi em relação a outros que não tenha sido tão bom, mas isto enfim é em todo o sítio. Mas penso que esta questão das relações humanas melhorou bastante.

**Questão 8 – Então, na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo, contribui para a melhoria educativa da escola?**

Muito. Contribui porque na família há o tal trabalho que deve ser feito. E por conseguinte, se os dois, aqui está a tal parceria, não é? Se houver sempre uma comunicação entre ambas as partes, o trabalho que é feito na escola pode ser melhorado e graças ao trabalho que pode ser feito em casa. Portanto, eu acho que este processo ajuda muito a ambas as partes, a escola e a família. Portanto, acho só têm a ganhar. E volto a dizer, é preciso que os pais percebam isto. Porque a maioria não percebe, não quer saber, acha que é uma chatice. Acha que é uma seca, como eu já ouvi.

**Não dão importância.**

Não dão, não dão, não dão. E pensam que esta questão, deste processo, desta autoavaliação é “Ó, pá, estou aqui a responder a inquéritos”. Mas é importante haver um trabalho. Eu acho que este trabalho ainda tem que ser feito.

**Sentir talvez a utilidade do seu papel.**

É, é.

**Que não é só burocracia.**

Claro.

**Que não é só... que dali vai sair alguma coisa melhor.**

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Claro, claro. E que assim a escola, o seu objetivo, para além de preparar futuros profissionais, pessoas, cidadãos da vida, do mundo, da sociedade, também está a formar as pessoas ao mesmo tempo, como os pais. Embora, os pais é outra dimensão, não é? Mas também ajuda, a escola também ajuda, embora há muitos professores que dizem “ah, mas eu não estou aqui a educar ninguém.” Mas também estão. Nós com as nossas atitudes também estamos a educar. Somos todos educadores. Todos. Mesmo que não tivesse filhos e não fosse professora, também era educadora.

### **Na forma de estar.**

É a nossa atitude. Portanto, todo este processo da participação dos pais é muito importante. Então, esta é a fase mais problemática e é importante que os pais percebam que é esta fase que têm que estar mais próximos da escola.

### **Ironicamente é aquela que estão mais afastados.**

Estão mais afastados. É curioso porque eles acham que eles são mais autónomos, que já se desenvolvem sozinhos, e tal, mas não.

### **Em alguns aspetos sim.**

Em alguns. Eles acham que são adultos, mas não são. Não são.

### **Gostaria de acrescentar alguma coisa?**

Eu tenho trabalhado no nosso serviço, na parte da autoavaliação. Eu acho que era importante que todos os envolvidos se apercebessem dos aspetos que nós podemos, das ações de melhoria que podemos tirar dali. É que pode-se melhorar tanto o sistema. Mas também devo dizer que eu acho que o liceu é, de facto, um exemplo. Eu não tenho dúvidas. O liceu é um exemplo aqui na região. Nesta matéria, tem feito um trabalho fantástico. Há muito para fazer, é verdade. Mas, por aquilo que eu conheço tem feito um trabalho fantástico. E era importante que as pessoas encarassem isto como uma coisa que vai ser positiva na vida dos nossos jovens, na nossa, na educação, no projeto educativo da nossa escola. Se nós queremos que a nossa escola seja a melhor, é importante que todos participem. Todos, sem exceção.

### **Muito obrigada pela sua colaboração!**

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Anexo 13** – Transcrição da Entrevista a Coordenador da Equipa de AutoAvaliação da escola

**Entrevista CEA (15/12/2016)**

**Questão 1 – Há quanto tempo é coordenadora da equipa de autoavaliação da escola?**

Coordenadora foi desde que a Carmo Rocha foi embora. Portanto, eu devo estar nisto há dois anos. Como coordenadora. Na equipa estou há mais, desde... tenho de ver... 2010, 2011. Mas é 2010, talvez, que se começou nisto.

**Questão 2-Possui formação específica em avaliação escolar?**

Absolutamente nenhuma.

**Questão 3- No seu entender, qual deve ser a relação entre a escola e a família?**

Pois, tem que haver uma relação entre a escola e a família, ou seja, acho que a família deve participar na escola. Evidentemente, até a um certo ponto, não se pode entrar na sala de aula. Mas deve participar nos órgãos de decisão, para ter uma palavra a dizer sobre aquilo que sabe. Aquilo que é o Projeto Educativo, por exemplo, da escola, aquilo que é o Regulamento Interno. Acho tão importante que os encarregados de educação participem...

**Qual a relação?**

Acho que devem participar essencialmente nos Conselhos de Comunidade Educativa, deve ter uma voz, uma opinião, como eu digo, como Associação de Pais. Acho que deve haver uma Associação de Pais que responda, que haja uma opinião mais fundamentada daquilo que os pais pensam que deve ser a vida na escola e acho que tudo aquilo que se faz na escola, todas as decisões que se tomam na escola deviam ter um parecer, pelo menos um parecer dos encarregados de educação. Eu acho. Era fundamental. Até para própria segurança daquilo que aqui se faz.

**Questão 4 - Para si, quais são as funções e responsabilidades, em primeiro lugar, dos encarregados de educação e, em segundo lugar, da escola?**

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

**Há funções e responsabilidades que devem ser assumidas pelas duas entidades. Quais são as principais?**

Dos pais como associação. Os pais teriam de, não pode ser um pai individual que vem para a escola, mas os pais, deveria haver uma associação de pais com os seus representantes próprios. Provavelmente, tirando um representante de cada turma que depois funcionaria a partir daí numa associação mais...em que todos tivessem voz, em que todos tivessem voz. Os pais deviam, volto a dizer a mesma história, deviam participar, deviam ter interesse em participar na escola e poder ouvir e ver representada a sua voz. O que eu acho, muitas vezes, que o que eles dizem e o que eles fazem, o que eles pensam, não é depois traduzido em termos de documentos da escola ou até de posições da escola. Eles deviam ter uma voz e essa voz devia ser muito importante. E a escola devia tê-la bastante, agora já o papel da escola, devia ter em conta esse sentido dos pais, que só nos pode ser benéfico. Eu acho que essa posição de estar de costas voltadas como temos estado... ou até muitas vezes os professores, “a gente não toca nos professores porque é melhor não falarmos, deixá-los lá agir, vamos nos deixar de fora porque nós também estamos caladinhos e eles não vão fazer mal aos nossos filhos”. Essa ideia de que a escola é uma coisa à parte onde eles não podem interferir é, não pode ser. Eles têm os filhos aqui, são bens fundamentais dos pais, não é, e portanto acho que eles têm o dever e o direito de participar na escola e naquilo que a escola faz pelos seus filhos. Acho eu. Mas como grupo, individualmente uma...não digo que os pais não devam estar sempre na escola e continuamente com o diretor de turma, não é bem essa a ideia. Mas como associação e até apresentação de propostas que eles achem fundamentais e com a participação ativa no Conselho da Comunidade Educativa. Os deveres da escola é ouvir, evidentemente, e chamá-los e pedir a sua opinião nas decisões que tomam. Acho que as decisões da escola, sem que os pais sejam ouvidos é uma coisa... acho eu que lhe falta uma perna, como eu costumo dizer. Por exemplo, agora estamos a discutir a própria imagem da escola, aquilo que deve passar lá para fora. Eu acho que nisso os pais têm um papel importantíssimo. E também na própria construção do regulamento interno, só nos podem ajudar os pais, acho eu. E vice-versa.

**Questão 5- Acha que os encarregados de educação devem participar na gestão da escola? De que forma?**

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Acho que sim.

### **Questão 6- O que poderá ser feito para melhorar a participação das famílias na gestão escolar?**

Estou com dificuldade em dizer isso. Nós tentámos, há uns anos atrás, a Carminho Rocha esteve à frente com a Vanda, a tentar criar uma Associação de Pais, para que as coisas, de facto, estivessem... de forma mais organizada. Foi tão, tão, tão difícil de resolver isso. Porque os pais não querem vir à escola, ou seja, eu não sei bem se eles estão muito ocupados, se eles acham que não são necessários... Eu não sei exactamente o que é que os leva a se afastarem da escola. O que se sabe é que eles vêm muito pouco à escola, principalmente no secundário, vêm até com o diretor de turma, vêm pouco e, depois, quando a gente os quer chamar para um determinado órgão, para eles tomarem uma posição num determinado órgão, eles não aparecem. Portanto, eles fogem, não querem ou “não posso ser eleito”, “não quero”, “não tenho jeito”. Depois, penso também que é difícil eles encontrarem, eles como pais de uma determinada turma, encontrarem áreas em comum para trabalharem. Eu acho que a escola devia fornecer salas, não sei, espaços e tempos onde os pais se pudessem reunir para eles próprios assumirem uma posição. Porque eu acho que também falta esse espaço na escola. Eles vêm discutir um assunto da escola, para discutirmos, mas não têm um espaço que possam usufruir para discutir. E, portanto, eles acham que não são escola. Eles deviam ter um espaço em que eles pudessem sentar e trabalhar. Vocês podem vir aqui, marcam uma hora, a gente permite que venham cá. Até projectos de solidariedade em que até os filhos estivessem incluídos, acho que isso é fundamental, a escola podia ter, até pelo menos na marcação do espaço, na divulgação das coisas também. Usar os canais que nós temos para contactar outros pais que pudessem participar em actividades desses pais, aqueles que queriam. Nós temos, nós também nos fechamos um pedaço a essa intervenção dos pais. Sentimos, muitas vezes, que o pai vem para dizer mal, que o pai vem, não no sentido de ajuda, mas no sentido de observar o que eu faço e isso coloca-nos...

### **Não de uma maneira construtiva mas destrutiva**

Infelizmente. Quando eu acho que eles nos podem ajudar imenso. E vice-versa e vice-versa. Mas a nós, escola, os pais podem ajudar imenso. Até na história da, agora nesta

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

renovação toda, eu não sei, mas há uns dias estive aqui a pensar, pedimos à Câmara, pedimos aqui e acolá, mas provavelmente há pais arquitetos, há pais biólogos que podem organizar o museu e materiais do laboratório. Por que é que não se pede esse apoio? Há pais que têm firmas que se calhar vendiam tintas mais baratas, estamos agora a dar um exemplo, esses com os filhos aqui a trabalhar sentiam

### **Que os interesses convergiam...**

Exatamente. Sentir-se-iam muito mais interessados a participar numa coisa em que os meus filhos estão. Mas nós não temos... Isso é uma questão cultural. Nós não temos essa forma de olhar os pais. É pena. E eles, eu penso que se nós olhássemos os pais dessa maneira, conseguíamos atrair mais para cá. Agora, tem sido muito, muito difícil.

### **Questão 7- Quanto ao processo de autoavaliação, os encarregados de educação têm conhecimento do processo de autoavaliação da escola?**

Têm.

### **Como?**

Através, eles sabem que lhes é pedido para responderem a esses inquéritos. Eles próprios têm um inquérito em papel, enquanto os filhos respondem através da net, como nós, o formulário cá é na internet, os pais são escolhidos, eu agora não sei dizer a percentagem, mas dentro de cada turma à volta de cinco, seis pais, isto em 20 dá à volta de 25% provavelmente. Uma amostra é mais ou menos essa, escolhidos aleatoriamente. Normalmente a gente procura a que, a gente começa no número um e vai saltando, o número de alunos e o número de pais que respondem aos inquéritos dentro de cada turma são os mesmos, só que procuramos que

### **Não sejam pela mesma ordem**

Exatamente, que não sejam os mesmos que respondam, de maneira a ter uma, meia turma digamos assim, metade pais metade, um quarto de pais, um quarto de alunos a responderem às questões. E é curioso porque eles têm respondido sempre e, neste último relatório, temos 100%. Portanto, da amostra todos responderam ao inquérito. Não há ninguém que não tenha mandado o inquérito de volta. E, às vezes, com opiniões

Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

muito engraçadas. Mas tem que ser em papel! Porque nós tentámos uma vez fazer através da internet e foi muito complicado. Porque, depois, os filhos é que tinham de fazer com que os pais entrassem na net, em alguns casos, e aí é mais complexo. Foi o papel que nos trouxe uma garantia maior. O que para nós é complicado, foi um pedaço complicado porque tivemos de pegar em todos os inquéritos em papel e os dados são tratados em Lisboa. Portanto, para levar aquilo para Lisboa foi preciso, (riso) foi um excesso de bagagem! Mas pronto, mas conseguimos. Desta escola 25% dos pais da escola responderam. Para mim foi uma coisa muito boa, neste último, é uma coisa muito boa.

**Tem vindo a aumentar.**

Eu acho que é 100%. Se não é 100%, eu também estou aqui a dizer uma coisa...Mas aumentou do 1º para o 2º. Se não é 100% é 90 e tais.

**Questão 8 –Quais são as vantagens da participação dos encarregados de educação na autoavaliação?**

É importantíssima, é importantíssima. Principalmente porque a gente nos inquéritos o que a gente procura muitas vezes é sondar opiniões, é saber o que é que eles pensam, não é, o que é que eles pensam sobre a escola, aquilo que eles pensam que podemos melhorar. E, portanto, os pais são fundamentais, fundamentais aí. Não fazia sentido estar a avaliar uma escola, onde a gente avalia a parte da liderança da escola, avalia também aquelas questões da segurança, o que eles achavam da segurança da escola, avaliamos o que eles pensam dos refeitórios, dos laboratórios e, portanto, sem os pais... Os pais são recebidos pelos diretores de turma, portanto, eles podem fazer uma avaliação disso e isso foi muito importante.

**Questão 9 – Na sua opinião, a participação dos encarregados de educação neste processo, contribui para a melhoria educativa da escola?**

Ai... eu quero acreditar que sim! (riso)

**De que forma?**

## Contributo da participação da família na autoavaliação e na melhoria educativa de uma escola secundária

Pois, mas estamos a tentar. A partir do resultado das auto-avaliações, em que os pais também têm o seu papel, estamos a tentar criar acções de melhoria. E, portanto, algumas delas, a questão da disciplina, é focada pelos filhos e não exatamente pelos pais, mas a própria imagem da escola também que agora se está a renovar, tem a ver um pouco com isso. Porque é uma escola já mais velha, os próprios miúdos também já se referiam a isso, laboratórios velhos, etc. Mas se isto de facto... eu acho que se vai traduzir a seu tempo. Agora, não é uma coisa que a gente consiga dizer “eles participam, as coisas vão melhorar imediatamente” essas mudanças levam muito tempo. Agora, eu acho que pode ser por aí, talvez vindo de fora os grandes pedidos de mudanças possam funcionar melhor do que cá dentro. Eles dizem que santos da casa não fazem milagres. Mas é difícil mudar. A gente sabe tudo o que vai tentando fazer aqui dentro, vamos tentando mudar, às vezes coisinhas pequeninas as pessoas já não querem, querem manter tudo... o pai entrar aqui e dizer “Ah, isto assim não pode ser, nós queremos aulas às 8.00, nós queremos às 8.10”, “Ei, ainda vêm os pais dizer que querem...” isto é uma mudança absolutamente simples, não é? “Vêm os pais dizer que querem às 8.10”, “vêm mandar aqui”. Isto é tudo uma cultura que já está instituída e que vai levar tempo. Mas acho que podem contribuir sim, tal como qualquer outra opinião muito válida. Acho que sim.

### **Gostaria de acrescentar alguma coisa?**

Eu espero, evidentemente, que os pais tenham uma participação mais ativa na gestão da escola e o mais rapidamente possível. Porque na maneira como as coisas vão, mesmo a nível dos comportamentos dos alunos, das atitudes, das mudanças que estão a fazer a este nível, eu acho que eles têm uma palavra importante a dizer e podem ser um aliado importante para os professores. É preciso é que todos acreditem nisso. Nas acho que sim. É pena, é pena que a participação seja de facto...e nesta escola em particular é bastante reduzida para não dizer quase nula, não é? Nós queremos, queríamos outra pessoa para ficar à frente da associação de pais, pois a Vanda está, penso que está de saída e está muito difícil.

### **Muito obrigada pela sua colaboração!**